

PC

5043

.C6



Class PC 5043

Book .C6



A LINGUA PORTUGUEZA

PHONOLOGIA, ETYMOLOGIA, MORPHOLOGIA
E SYNTAXE

POR

F. ADOLPHO COELHO



PRIMEIRO FASCICULO (DUAS CADERNETAS)

Albuquerque
[Signature]



THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

ASTOR LENOX AND TILDEN FOUNDATIONS

500 N. 5TH ST. N. Y. 10017

1911

1912

1913

1914

1915

A LINGUA PORTUGUEZA

PHONOLOGIA, ETYMOLOGIA, MORPHOLOGIA
E SYNTAXE

POR

F. Adolpho Coelho
F. ADOLPHO COELHO

*Ant. Augusto de Carvalho Monteiro.
Coimbra 22/
11/58.*

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1868

ALBANY COUNTY

PC5043
.C6

387270
'29

AMK 27 034

3442
5402

PREFAÇÃO

O livro que hoje publicamos é o primeiro d'uma serie de trabalhos ⁵⁰ que empreendemos sobre a lingua portugueza, trabalhos que devem comprehender a totalidade das questões que ella suscita.

Dois são os objectos que nelle temos em vista — a grammatica e os principios da etymologia portugueza; mas o principal é a grammatica, isto é, o estudo do organismo da lingua nos seus elementos — os *soms*, as *formas* e o conjuncto de processos por que as palavras se unem em orações simples e as orações simples em orações compostas, a *syntaxe*. *Phonologia*, *morphologia*, *syntaxe* são por tanto as tres partes da grammatica, e a ellas correspondem tres divisões em o nosso livro, ás quaes se junta uma outra sobre a *etymologia*, ou estudo das *origens* das palavras e suas *modificações no som e significação*. Na grammatica ordinaria confunde-se a etymologia com a morphologia; mas como são cousas diversas distinguimol-as aqui por diversos nomes.

O organismo da lingua portugueza não é senão uma modificação no *som*, *forma*, *funcção* e *syntaxe* do organismo da

lingua latina: por tanto o seu estudo bem comprehendido não consiste no fundo em mais do que saber como e em que se operou essa modificação. Mas, é mister observá-lo, essa modificação não se realisou unicamente antes de o portuguez começar a ser escripto: tem continuado a realisar-se até os nossos dias, com quanto muito lentamente. Ha por tanto não só differenças entre a grammatica latina e a portugueza, mas ainda entre a grammatica de D. Diniz e a de Garrett: para que o nosso estudo fosse completo era necessario indicar essas differenças, ainda que em geral pequenas.

Um appendix á obra tractará dos dialectos portuguezes, porque ha verdadeiros dialectos portuguezes; o gallego, por exemplo, não é um dialecto hespanhol, mas sim um dialecto portuguez, mais proximo do fallar de D. Diniz que a nossa linguagem de hoje, assim como o dialecto de Ceylão, que é não como se imaginou uma corrupção da nossa lingua, mas no essencial bom portuguez archaico.

Nesse appendix, que é trabalho inteiramente novo, teremos occasião de applicar observações que se têm feito sobre dialectos d'outras linguas, e que os fazem olhar como de sua natureza conservadores.

Uma *historia da lingua portugueza*, um *diccionario etymologico da mesma*, um *glossario do portuguez archaico e provincial* completarão as nossas investigações no campo da lingua que primeiro fallámos. Um grande numero de questões, que neste livro não são discutidas, ou se acham sómente indicadas, serão tractadas com a consideração que merecem nessas differentes obras para que colhemos incessantemente materiaes.

Concebe-se que trabalhos taes não se improvisam; ainda mesmo não sendo mais que applicações d'um methodo scientifico já descoberto, demandam longos annos de laboriosas investigações para terem valor scientifico. Felizmente a nossa tarefa achava-se largamente facilitada pelos trabalhos tenazes e intrepidos de tres gerações, trabalhos que nos cumpre, a nós nascidos hontem, tornar beneficos quanto possivel e forcejar por augmentar com fructos da nossa actividade, para que os que se nos seguirem nos agradeçam a nós como nós agradecemos aos que nos precederam. Em verdade este livro apresenta de certo modo o character d'um inventario; reconhecemol-o e confessamol-o, porque para nós acima de todos os interesses está o interesse da sciencia, e no dominio da sciencia não ha vaidade. Desconsolar-nos-hemos por acharmos aberto um caminho que tinhamos vontade de rasgar, e fugiremos de o percorrer porque outrem o aplainou? Seria loucura fazer tal. Prosigamos pois. Haverá sempre uma ou outra aspereza que os que nos precederam não destruíram, e se não nos é dado romper mais para a frente esse caminho, chegemos pelo menos até onde a sciencia tem chegado. Sem duvida o papel de iniciador é o mais bello, mas querer conhecer e dar a conhecer a obra do iniciador, com quanto quasi trabalho inglorio, é mais nobre que ficar completamente alheio ás transformações intellectuaes que se realisam em torno de nós. As sciencias, as litteraturas, as artes desenvolvem-se pela influencia reciproca das nações e dos individuos, e porque entre os individuos como entre as nações ha-os que levam a bandeira nas lutas da intelligencia, não devem os que não podem conseguir tal honra abandonar aquel-

les no campo, deixal-os sem soldados. Assim pensamos e nesse pensar está a norma do nosso proceder.

Caberia aqui historiar ligeiramente os trabalhos que na Alemanha, Inglaterra e França, mas sobre tudo na primeira d'essas nações, fundaram a *glottica*, ou sciencia da linguagem, trabalhos de que no presente livro se acham expostos alguns resultados, e que pela sua importancia, pelas questões de primeiro interesse sobre que lançaram uma luz inesperada, de dia em dia vão chamando mais a attenção do mundo civilizado; mas guardamos para outra occasião o fazer essa historia a fim de a desenvolvermos como merece. Limitar-nos-hemos a indicar aqui as investigações d'um philologo, que nos foram de particular auxilio para a composição do presente livro. Frederico Diez, professor na Universidade de Bonn, foi de todos os philologos da nova eschola o que se occupou mais largamente das linguas romanas. Tendo dedicado toda a sua vida ao estudo das linguas e litteraturas modernas da Europa latina e das linguas e litteraturas que sobre estas lançam luz, trabalhando no meio d'um grande movimento scientifico, tornou a sua *Grammatik der romanischen Sprachen (3 Theil., Erste Ausgabe — 1836—1844, 2.^{te} Ausg. 1856—1860)* um dos mais valiosos trabalhos da philologia allemã. Nessa obra estuda elle o portuguez ao lado dos outros membros da famillia romana, e offerece-nos ricos materiaes para o estudo do organismo da nossa lingua e da sua formação. Mas, como o seu trabalho só a tinha por objecto parcial, não a tractou com a minudencia que exige uma monographia. Traduzir o que na sua *grammatica* se acha a respeito do portuguez seria insufficiente, mas apro-

veitando-o, desenvolvendo-o com novos materiaes, esclarecendo òs pontos que tracta de leve ou passa em silencio, reunindo alem d'isso os resultados das investigações de outros philologos, que venham ao nosso proposito, podia-se fazer um livro que satisfizesse a uma necessidade que todos reconhecem. Tentámos fazel-o, ainda que apezar de tantos recursos a empreza fosse laboriosa.

Se demorassemos mais a publicação do livro, se a reservassemos para quando as nossas investigações se tivessem alargado, e o horizonte dos nossos estudos fosse mais vasto, aproximar-se-ia elle mais do que entendemos deve ser uma obra da sua natureza: infelizmente a força das circumstancias nos obriga a sermos apressados.

Quando começámos a conhecer os trabalhos dos modernos philologos estrangeiros, vimos tristemente que a philologia portugueza era completamente alheia aos progressos que a sciencia da linguagem, a *glottica*, para usarmos da melhor das denominações que lhe têm sido dadas, tinha realisado em as nações que outro tempo acompanhámos no seu desenvolvimento intellectual. Portugal está em philologia pouco mais ou menos no ponto em que essas nações estavam no começo d'este seculo. O elementar mesmo da *glottica* é aqui ignorado, a julgar pelo que se escreve e se ensina, e se ás vezes se falla nessa sciencia, é ao modo por que no seculo xv se fallava do Prestes João das Indias. Não hesitámos um momento. Algumas gotas de agua no deserto têm mais valor que uma fonte abundante nas terras com que a natureza foi prodiga. Achâmo-nos num caso em que havia vantagem em renunciar a limar e aperfeiçoar a obra para

remos sómente que este laborioso academico manifesta uma forte tendencia pelo maravilhoso em etymologia, e deriva frequentemente palavras gregas, latinas, etc., de radicaes egypcias, tendencia que vem sem duvida de se ter inspirado de Court Gebelin e outros philologos do seculo passado, que a sciencia fez esquecer.

A obra do sr. Leoni não é tão imperfeita como a precedente, mas está bem longe de dar, como a parte indicada do titulo promette, uma analyse do organismo do portuguez: reduz-se quasi toda ao que nós chamamos morphologia, e apenas um acanhadissimo capitulo é dedicado á phonologia, e esse mesmo superficialissimo, e, o que é peor, inexacto: *Vazio*, por exemplo, não pode vir de *vacuus*, como nelle se suppõe, nem tão pouco *buraco* de *furamen*, como mostraremos adiante. Muitas etymologias, que noutros capitulos apparecem, são tambem falsas, e pequeno conhecimento da phonologia basta para as regeitar: assim a de *chegar* de *attanger*, a de *braza* do latim *pruna*, a de *bulhar* do latim *pugnare*, a de *capellão* do baixo latim *sacellanus*, a de *embrechado* (sentido primitivo mettido em *brecha*) do latim *implicatus*, a de *lhaneza* de *lenitas*, a de *louçania* de *lautitia*, a de *moderno* de *hodiernus*, e outras de igual valor, que mostram quão inscientificamente o livro foi composto.

Na parte que tracta das formas grammaticaes, parte em que se acham misturados alguns principios de syntaxe, ha alguns materiaes aproveitaveis; mas os erros pullulam, e a insufficiencia e falta de methodo saltam aos olhos. É em vão que lá se busca a theoria da decomposição da grammatica la-

tina na portugueza. A supposição de que o artigo portuguez assenta sobre o demonstrativo latino *hoc*, as explicações de alguns suffixos portuguezes, e a maior parte das dos latinos, cuja verdadeira natureza só a grammatica comparada pode descobrir, são falsas e cahem á mais leve critica. Etymologias pueris, como, por exemplo, a de *secare* de *se* prep. e *agere*, abundam. Em poucas palavras, o auctor não vê nada alem dos horizontes estreitos da philologia do seculo passado, cuja auctoridade é a unica que invoca. O seu labor foi consideravel, e os resultados mesquinhos, o que prova bem que o methodo é o principal na sciencia, não o methodo apparente, a *ordem material*, mas o methodo que accomoda os materiaes da experiencia á natureza do objecto a que se applica.

O livro do sr. Leoni não produziu o effeito louvavel a que era destinado: a hypothese que o auctor se esforça por destruir vive ainda, e penetrou na instrucção publica, onde, como se sabe, os preconceitos se arraigam com uma tenacidade inabalavel. Queremos fallar d'uma singular hypothese ácerca da origem do portuguez, que um escriptor nosso, Antonio Ribeiro dos Santos, fallecido em 1818, introduziu em Portugal e que tem hoje um bom numero de entusiastas, que mostra melhor que tudo a opposição que existe entre a philologia portugueza e a sciencia. Essa hypothese e a sua historia merecem-nos portanto alguma attenção.

Entre as escholas philologicas que surgiram no seculo passado houve uma, cujos germens poderiam ir-se buscar mais atrás, que parece ter ganhado vantagens em popularidade sobre as suas

irmãs: foi a que olhava o celtico, ou antes um ou outro de seus actuaes dialectos, como a origem de todas ou quasi todas as linguas. No prefacio do seu *Galic and English Dictionary* (1770) mostra-se Shaw intimamente convencido de que o gaelico fosse fallado antes do diluvio e provavelmente no paraizo, honra que anteriormente tinha sido concedida a outras linguas. (V. Max Müller — *Lectures on the Science of Language* 15th p. 142). Para essa eschola todas as questões da linguagem estavam resolvidas: onde apparecia uma difficuldade qualquer vinha o celtico e explicava tudo. Era assim, por exemplo, que os famosos versos punicos do *Paenulus* de Plauto, que a sciencia moderna decifrou tão bem quanto permitem as desfigurações dos copistas, se reduziam a puro irlandez na opinião de Vallengy.

A renascença tinha de certo modo estabelecido como um dogma a origem latina das linguas romanas, mas não tinha explicado como se fizera no seio do latim a tão profunda mudança de que resultou a formação d'essas novas linguas. A eschola celtica conheceu o que havia de intrincado no problema, lançou mão do seu supremo recurso e resolveu: a renascença tinha errado; aquellas linguas não eram latim modificado, senão dialectos celticos, que tinham triumphado da conquista romana, e apenas se achavam manchados com alguns vocabulos do idioma do Lacio, e esses mesmos muito menos numerosos do que falsos etymologistas pretendiam. Era facil dar a essa opinião certa apparencia de probabilidade propria para seduzir os espiritos superficiaes. Os dialectos celticos actuaes, como todas as linguas de formação terciaria ou quaternaria, apresen-

tam pobreza de formas grammaticaes, que os faz recorrer a processos analyticos mais ou menos semelhantes aos que se observam nas linguas romanas. D'outro lado esses dialectos têm recebido por differentes vias uma porção consideravel de vocabulos latinos, que por não satisfazerem a certas condições conhecidas da glottica são por esta sciencia declarados extranhos ao fundo lexicologico do celtico, mas que os celtomanos olhavam como sendo realmente da sua lingua querida, e em que viam os originaes das formas latinas e romanas. Sendo alem d'isso o celtico no fundo a mesma lingua que o latim, isto é, pertencendo como elle ao grupo indo-germanico, um certo numero de radicaes se encontram nas duas linguas (tomamos aqui por clareza o celtico como uma lingua, se bem que só conheçamos dialectos d'ella), quasi identicos no som e significação: podia affirmar-se, por exemplo, que os originaes dos vocabulos portuguezes *egua*, *seguir*, *dez*, *tres*, *nau*, *somno*, estavam nas formas do antigo irlandez *ech* = lat. *equus*, raiz *sech* = lat. *sequi*, *deich* = lat. *decem*, *tri* = lat. *tres*, *nau* = lat. *navis*, *suan* = lat. *somnus*; podia affirmar-se até que o latim tinha recebido essas suas palavras do celtico, o que na falta d'um criterio seguro, se não era possivel demonstrar, era tambem difficil impugnar. Não é verdadeiramente de seduzir a etymologia do portuguez *nau* do celt. *nau* e não do lat. *navis*? Mas, é mister observal-o, só muito raramente as provas da eschola celtica tinham uma tal apparencia de verdade: na maior parte d'ellas só havia pura extravagancia.

Foi nessa eschola, cujas ideas indicámos o mais rapidamente possivel para não nos alargarmos em considerações que nos

fariam sahir dos limites d'um estudo especial sobre o portuguez, foi, dizemos, nessa eschola que Ribeiro dos Santos bebeu a sua theoria da origem da nossa lingua.

Uma hypothese tão paradoxal, tão contraria mesmo ao que era considerado como um objecto de orgulho nacional, que reduzia a uma pura conjectura (ainda que com outra conjectura) a idea, tão profundamente inoculada, de que no portuguez havia apenas uma corrupção do latim, e que via na lingua de Camões o fallar dos barbaros habitadores da Peninsula antes do dominio romano, uma hypothese tal era propria para attrahir quem se quizesse considerar sem grande trabalho superior ao vulgar. Dois eruditos contemporaneos de Ribeiro dos Santos, Antonio Caetano do Amaral e João Pedro Ribeiro, deixaram-se seduzir por ella, tendo recebido a luz nova d'aquelle seu collega, que foi por elles olhado como um philologo profundissimo, e Caetano do Amaral numa humilde nota d'uma memoria (*Memorias de litt. port. t. VII, p. 216, n. 271 — 1806*), e Pedro Ribeiro na obra mais valiosa que nos deixou (*Dissertações chronologicas e criticas, etc., t. I, p. 177 sqq. — 1810*) declararam-se sem rebuço pela idea da origem celtica do portuguez, antes mesmo do mestre.

Nenhum d'esses tres eruditos chegou a publicar os principios em que fundamentavam a sua opinião, apesar de haver dissidentes d'esta entre os seus proprios collegas da academia; e o proprio Ribeiro dos Santos se limitou simplesmente a exprimi-la numa memoria *Das origens e progressos da poesia portugueza* (*Mem. de litt. port. t. VIII, p. 233 e sqq. — 1814*), em que, fiel ao seu systema, vai escutar os primeiros vagidos da nossa

poesia entre os turdetanos. Os seus manuscriptos philologicos conservados fielmente na Bibliotheca Nacional de Lisboa não nos dizem como elle pretendia demonstrar a intrincada these: é tudo nelles fragmentado, desconnexo como obra d'um espirito incapaz de chegar á synthese. A ordem material é assás grande nelles para que os possamos olhar como simples apontamentos, o methodo scientifico escassea muito para que não deixemos de julgar o auctor com severidade. Não entraremos aqui na analyse d'esse labyrintho de conjecturas e contradicções, de esforços vãos para demonstrar theses absurdas: seria trabalho inútil, completamente inútil. Indiquemos sómente alguns pontos que caracterisam Ribeiro dos Santos e a sua empresa. Ha entre esses manuscriptos um intitulado « *Origens latinas da Lingua de Hespanha* » em que elle estabelece o principio, alias exacto, de que não é sobre o vocabulario que deve assentar a filiação das linguas, senão sobre o seu organismo intimo, exprimindo-se em termos mal definidos, que revelam bem que elle não fazia idea clara do que era o organismo d'uma lingua. Nesse manuscripto a maior parte das objecções contra a filiação latina do portuguez se reduzem todavia a considerações sobre o vocabulario; mostra o que todos vêem, que no latim ha particularidades grammaticaes que não se encontram no portuguez, mas não mostra em parte alguma que a grammatica portugueza tenha razão de ser no celtico, e nem mesmo que ella não tenha razão de ser no latim. Noutro manuscripto intitulado « *Da filiação celtica do Vasconço* » basta-lhe um escassissimo numero de palavras celticas ou pretendidas celticas que se encontram nessa lingua, que já em 1800

Hervas tinha mostrado que não tinha relação com nenhuma outra da Europa, para julgar provado que ella é puro celtico. A indicação d'estas incoherencias dispensam-nos de mais miudo exame.

Annos depois de fallecido Ribeiro dos Santos, em 1837, adquiriam entre nós nova força as ideas da eschola celtica, e isto quando ellas tinham quasi inteiramente desaparecido lá fóra diante de inesperados descobrimentos feitos no campo da linguagem. Ainda aqui o erro partiu de novo d'um corpo litterario, que desgraçadamente não acompanhou o movimento intellectual do nosso seculo. Nas *Memorias da Academia das Sciencias* (t. XII) foi publicado esse anno um escripto do cardeal patriarcha D. Fr. Francisco de S. Luiz, em que se achava uma assás longa serie de argumentes contra a filiação latina do portuguez, argumentos quasi todos aproveitados dos manuscritos de Ribeiro dos Santos, com quanto o auctor não nos falle d'este seu predecessor. O todo d'esses argumentos reduz-se a pouco: o portuguez não é o latim, differe muito d'elle, logo não podemos ver no segundo a origem do primeiro. Ora é evidente que se podia dizer pelo mesmo argumento: o francez do cantico de Santa Eulalia não é o francez de Corneille; naquelle ha particularidades grammaticaes (por exemplo, dois casos distinctos) que não se encontram no segundo, e reciprocamente: logo entre o francez do cantico de Santa Eulalia e o francez de Corneille não ha connexão. O que o cardeal não comprehendeu, nem comprehendeu ninguem da sua eschola, é que o que se devia determinar era se o que existe no portuguez pode ou não ter a sua razão de ser no latim e

não que o latim é diverso do portuguez, porque isso é tão evidente, que insistir em tal ponto é revelar falta de bom senso.

Mas o que ha de mais singular e avesso ás simples noções de senso commum na memoria do cardeal é o principio de classificação genealogica das linguas que admite: segundo elle o termo de comparação para provar essa genealogia é o genio, o que elle chama o *pensar* proprio de cada uma, o que é por tanto o conjuncto de caracteres particulares de cada uma, o que constitue a sua *individualidade*, o que faz que o portuguez seja portuguez e não seja hespanhol, sejam quaes forem os pontos de contacto entre estes idiomas. Vê-se a excellencia do principio pelas conclusões immediatas que d'elle decorrem. Assim toma-se nelle por fundamento de classificação o individual, não o especifico nem o generico: e nega-se por tanto a razão e com ella a sciencia.

A memoria do cardeal não só revela carencia completa de espirito scientifico, mas ainda mesmo que elle era fraco erudito, ignorante até de certos pontos conhecidos da antiga philologia classica. As ideas que ahi se acham expressas mostram claramente que o politico liberal não tinha afogado nelle o frade erudito. A *Memoria em que se pretende mostrar que a lingua portugueza não é filha da latina* é concebida no espirito da erudição do convento portuguez, erudição que se inspirava da estreiteza e estabilidade da vida monastica, erudição local, fragmentaria, incapaz de chegar a comprehender a vida, e por consequencia a instabilidade, a revolução, quer na historia quer na linguagem.

Aproveite-se d'essa erudição o que ha que aproveitar, mas

ponham-se de parte os seus sonhos e concepções infantís. Numa injustificavel admiração por ella, no suppor-se que ahí se acha toda a sciencia está a causa da REACÇÃO na ordem intellectual, cujas manifestações são bem conhecidas para que seja necessario indical-as.

Vai assás longa esta prefação, e ainda assim quereríamos examinar aqui outros trabalhos da philologia portugueza, exame que justificaria ainda mais as nossas asserções a seu respeito. Como o leitor pouco lucraria com elle, abstemo-nos de o fazer: basta dizer que a hypothese de Francisco de S. Luiz e da sua eschola foi refutada por alguns outros escriptores, alem do já mencionado sr. Leoni, mas quasi sempre, como na *Historia de Portugal* do sr. Alexandre Herculano, no campo da historia, e os que sahiram d'este parece não fazerem idea da natureza da questão da formação das linguas romanas. E para fecharmos citaremos uma passagem d'um livro destinado ao ensino universitario, que mostra como em a nossa instrucção publica são desconhecidas as cousas mais elementares da glotica.

No livro do dr. Macedo Pinto — *Tractado de Medicina administrativa e legislativa* t. 1, p. 110, referindo-se á influencia do arabe sobre o portuguez, que olha como celtico um tanto alterado, escreve o auctor: «Entendemos tambem que a lingua portugueza devia receber tanto melhor a profunda modificação (á parte as aspirações que contrariavam a sua doçura nativa), quanto o elemento *aborigene* (o celtico) casava mais com o oriental arabico que com o romano.» Leibniz já

em 1699 tinha previsto as intimas relações do celtico com o latim; sómente, não sabendo explical-as, tinha supposto que o primeiro era uma mistura do grego com o segundo. (V. *Correspondance de Leibniz et de Nicaise, lettre VIII* nos *Fragments de philosophie moderne*, ed. Victor Cousin). Hoje essas relações estão completamente demonstradas, e entre o grupo semitico a que pertence o arabe e o indo-germanico a que pertence o celtico reconhece a sciencia uma separação radical tanto na estructura grammatical como nas raizes.

Coimbra, maio de 1868.

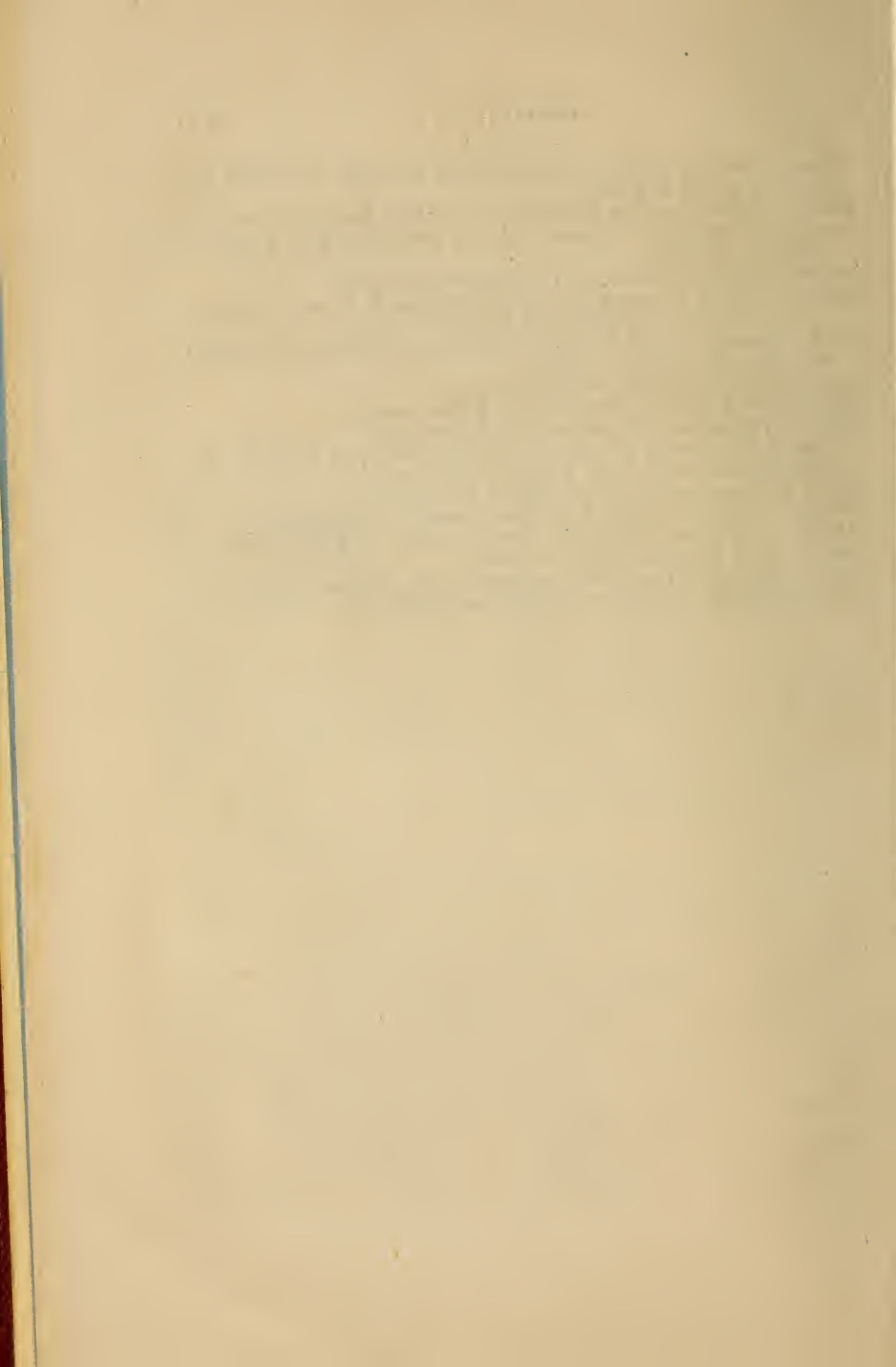
ABREVIATURAS

aatal. — antigo alto allemão.
afr. — antigo francez.
aing. — antigo inglez.
altall. — alto allemão.
anors. — antigo norse.
ant. — antigo ou antiquado.
ar. — arabe.
ball. — baixo allemão.
bgr. — baixo grego.
blat. — baixo latim.
bret. — bretão (armoricano).
comp. — composto composição.
der. — derivação.
gael. — gaelico
got. — gotico.
gr. — grego.
hesp. — hespanhol.

hol. — hollandez.
ing. — inglez.
ir. — irlandez.
ital. — italiano.
lat. — latim.
maltall. — medio alto allemão.
mball. — medio baixo allemão.
mgr. — medio grego.
mlat. — medio latim.
port. — portuguez.
prov. — provençal.
w. — dialecto celtico do paiz de Galles.
† — forma duvidosa.
* — forma não conhecida, determinada pela indução.

AApost. — Actos dos Apostolos na Collecção de Ineditos dos sec. XIV e XV pub. por Fr. Fortunato de S. Boaventura, t. I.
Aul. — Aulegraphia de Jorge Ferreira de Vasconcellos, ed. 1619.
Brist. — Comedia de Bristo de Antonio Ferreira, ed. 1771.
Cast. — A Castro de Ferreira, ed. 1771.
CDD. — Cancioneiro de D. Diniz, ed. Lopes de Moura.
Cios. — Comedia do Cioso de Antonio Ferreira, ed. 1771.
Cr. Cond. — Chronica do Condestavel, ed. 1848.
Cr. Guin. — Chronica de Guiné, ed. Visconde da Carneira.
CRes. — Cancioneiro de Rezende, ed. Stuttgart.
Dec. — Decadas da Asia de João de Barros.
Diss. — Dissertações chronologicas e criticas de João Pedro Ribeiro.
Eluc. — Elucidario de Santa Rosa de Viterbo.
Eufros. — Comedia Eufrosina de Jorge Ferreira de Vasconcellos, ed. de 1786.
GVic. Gil Vicente, ed. da Bibliotheca portugueza.

- HTest. — Historia do antigo Testamento na Collecção de Ineditos dos sec. XIV etc. tt. II e III.
- HGer. — Historia geral de Hespanha, ed. Antonio Nunes de Carvalho.
- InedH. — Collecção de ineditos de historia portugueza publ. pela Academia das Sciencias.
- LCons. — Leal Conselheiro de D. Duarte, ed. Roquete.
- Lens. — Livro da ensinança de bem cavalgar, por D. Duarte, publ. com o prec. no mesmo volume pp. 494 e sqq.
- LInd. — Lendas da India de Gaspar, publ. pela Academia das Sciencias sob a direcção de Rodrigo Felner.
- Lus. — Camões Lusiadas, ed. Bibliot. port.
- MLus. — Monarchia Lusitana (a parte dos Brandões).
- Palm. — Palmeirim de Inglaterra, ed. Bibliot. port.
- Pmhist. — *Portugaliae Monumenta historica*, publ. pela Academia das Sciencias sob a direcção de Alexandre Herculano.
- RCam. — Rimas de Camões, ed. Bibliot. port.
- RMen. — Menina e moça de Bernardim Ribeiro, ed. Bibliot. port.
- REglog. — Eglogas de Bernardim Ribeiro, mesma ed. e vol. do prec.
- SMir. — Sá de Miranda, Obras, ed. 1784.
- TCant. — Trovas e Cantares d'um codice do sec. XIV, ed. Varnhagen.
- Ullys. — Comedia Ullyssippo de Jorge Ferreira, ed. 1787.
-



A LINGUA PORTUGUEZA

Die gesetze zu ermitteln, nach welchen sich die sprachen ins verlaufe ires lebens verändern, ist eine der hauptgaben der glottik, denn ohne kentnis der selben ist kein verstandnis der formen der vor ligen den sprachen, besonders der jetzt noch lebenden, möglich. A Schleicher, Comp. der vergleichenden grammatik der indogerm. sprachen, 2.^{te} ausg. s. 4.

EX. 01781 (1899) ALBERT J.

PRELIMINARES (1)

§ 1. Classificação genealogica da lingua portugueza

A lingua portugueza pertence a um vasto grupo de linguas perfeitamente distinctas de todas as outras falladas na terra, que a sciencia moderna estabeleceu com toda a evidencia, e que é conhecido pelas denominações diversas de *indo-germanico*, *indo-europeu*, *aryano* ou *aryaco*.

Esse grupo divide-se em tres classes: a *asiatica* ou *arica*, a *europaea meridional* e a *europaea septemtrional*.

A classe *arica* comprehende duas familias: 1) a *indica*, a que pertencem os modernos dialectos da India, e cuja lingua fundamental (primaria) é representada pelo *idioma do Rig Veda*, conhecido na sua forma posterior e correcta pelo nome de *sanskrito*; 2) a *iranica*, de que só se conhecem formas dialectaes, e cujos mais antigos representantes são o *antigo bactrico* ou *zend*, o idioma em que está escripto o original do *Zend-Avesta*, e o *antigo persa* das inscrições cuneiformes dos Acmnides.

A classe *europaea meridional* comprehende as seguintes fa-

(1) Os pontos de que tractam estes preliminares serão largamente desenvolvidos na *Historia da lingua*.

mílias: 1) a *grega*, representada por quatro dialectos pouco distinctos entre si; 2) a *albaneza*, de que se conhece um unico individuo, e que embora se possa estudar apenas numa forma moderna revela ainda intimas relações com a precedente; 3) a *italica*, de que se podem estudar tres antigos representantes: o *latim*, o *osco*, o *umbrico*, o primeiro conservado num grande numero de importantes monumentos, os dois ultimos apenas em inscrições de lapides, vasos, moedas; 4) a *celtica*, cuja forma menos alterada é o *antigo irlandez*, e de que hoje existem dois ramos: a) o *kymrico* dividido em tres dialectos: o do *paiz de Galles (welsh)*, o *cornico* extinto no presente seculo, o *armoricano* da Bretanha; b) o *gadhelico*, a que pertencem o dialecto *irlandez*, o *gaelico* fallado na costa occidental da Escossia, e o dialecto da *ilha de Man*.

A classe *europa septentrional* parte-se em duas familias, cedo separadas das precedentes: 1) a *teutonica* dividida em tres ramos: *alto allemão*, *baixo allemão*, *scandinavio*, dos quaes adiante tractaremos mais miudamente; 2) a *windica*, que comprehende os dialectos *letticos* fallados na Lithuania, Kurlandia e Livonia com os dialectos *slavicos* fallados na Russia, Bulgaria, Illyria, Lusacia, Bohemia e Polonia (1).

Todas essas linguas não são mais que variedades d'um mesmo typo, a lingua original das raças indo-germanicas, que ellas fallaram antes de sua separação quando habitavam a alta Asia central.

O processo por que uma lingua assim se subdivide, se reproduz indefinidamente por scissiparidade, é chamado *differenciação dialectal*, e é sobre tudo um caracteristico do grupo indo-germanico. O latim chegado a certo periodo de vida passou a seu turno por esse processo, a que devia a individualidade; partiu-se em diferentes dialectos, a cujo conjuncto se dá o nome de *familia romana*.

(1) Nesta divisão seguimos sobre tudo Schleicher, *Compendium der Vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen*, 2.^{te} Asg. S. 5 u. ff. Para mais particularidades veja-se entre outros Max Müller, *Lectures on the Science of Language* I, 5.th ed. p. 191 a ff.

Os principaes d'esses dialectos, aquelles que pela sua importancia litteraria têm o nome de linguas, são o *portuguez*, o *hespanhol*, o *provençal*, o *francez*, o *italiano* e o *valachio*. A formação d'este ultimo precedeu a dos outros, que, ao que parece, se formaram em quasi identicas condições. As divergencias entre elles todos são pequenas, com quanto a individualidade de cada um se destaca nitidamente. A modificação do latim que os produziu resultou da collaboração de duas causas; uma, a principal, eram tendencias dissolventes que no ultimo periodo d'essa lingua se tinham tornado bem manifestas em o seu seio; outra, exterior, e, por assim dizer, puramente occasional, que permittiu a essas tendencias o transformar-se em principios de operação activa, foi a invasão do imperio do occidente pelos barbaros do norte.

§ 2. Linguas falladas na peninsula hispanica antes do latim

O latim não foi a primeira lingua fallada na Hespanha. Antes de a conquista a trazer para ella com a civilisação romana, differentes povos fallando diversas linguas se tinham aqui estabelecido.

A primeira camada de habitantes da nossa peninsula foi formada pelos iberos (1) ou euscudnac, povo cuja origem é mysteriosa. As investigações de Guilherme de Humboldt (*Prüfung der Untersuchungen über die Urbewohner Hispaniens, 1821*) demonstraram que os vasconços são realmente os descendentes d'esse povo, e que o basco representa o idioma que elle fallava; mas a supposição d'este sabio de que os iberos fossem um ramo dos celtas, cahiu depois que os celtas foram comprehendidos no grupo indo-germanico; as relações d'estes com um povo de lingua polysynthetica são impossiveis. Leibniz ao

(1) Vid. em Romey, *Histoire d'Espagne* liv. 1, cap. 1 e App. au 1.^{er} vol. a critica da denominação de iberos dada aos primitivos habitantes da peninsula, critica que todavia não tem tão solidas bases como á primeira vista parece.

contrario de Humboldt considerava os celtas da Hespanha como descendentes dos iberos, e inclinava-se a que estes tivessem vindo da Africa (Epist. ad Guiliel. Woton § XI p. 219). Citou-se modernamente como um facto que parece confirmar esta proveniencia o suffixo *tani*, que na Africa e Hespanha indica nomes de povos, como lusitanos, turditanos, mauritanos. Conjecturou-se até que esse suffixo fosse identico á terminação *tah*, característica dos nomes berberes, como Zenetah, Mezetah, etc. (Renan, *Hist. générale des langues sémitiques* 4.^a ed. pp. 202 e seg). Boudard (apud Renan *l. c.*) julgou mesmo descobrir semelhanças entre o alphabeto tuareg e o turdetano. A hypothese d'uma familia de linguas denominadas chamiticas, que seria representada pelo copta, berber, tuareg e outros idiomas da Africa septentrional, é por em quanto uma mera hypothese, provavel ou não provavel, e julgamos inscientifico olhar actualmente, quando nenhuma razão de valor o justifica, o basco como um ramo europeu d'essa familia, o que já se fez, ainda que d'um modo inteiramente conjectural (Alfred Maury, *La terre et l'homme* pp. 436 e 444).

O basco ou euskara não se pode comparar pelas radicaes a nenhum idioma conhecido; pela estructura grammatical, mas sómente no seu character geral, é com as linguas indigenas da America que offerece maiores analogias. Foi comparado tambem no systema harmonico na aproximação e combinação dos sons e no systema de conjugação com as linguas ugro-japonezas. Mas d'elle é impossivel, pelo menos actualmente, tirar-se alguma luz para a origem do povo que o falla, e neste ponto estão reduzidos os recursos do ethnographo ás noticias imperfeitas e ás vezes contradictorias dos antigos e aos caracteres physicos da raça. Estes, sendo os do typo caucasico, apontam para a origem asiatica, algumas d'aquellas indicam vestigios da emigração dos iberos pelas Gallias para o extremo occidente, o que confirma a mesma origem. Pondo de parte a comparação já feita pelos antigos d'esse povo com o do mesmo nome no Caucaso, nenhuns vestigios da sua emigração se podem descobrir noutras partes da Europa.

Num tempo a que se referem essas noticias os estabelecimentos dos iberos extendiam-se até ao Rhodano, e mesmo até ao Rheno, se não foi confundido o nome d'este rio com o do primeiro (v. Diefenbach, *Origines Europaeae* p. 112 e os logares por elle citados). O nome de Iberia era mesmo applicado a toda a grande região occidental, como se vê, por exemplo, de Avieno, *Ora maritima* v. 609 e seqq.

.....hujus (Rodhani) alveo
 Ibera tellus atque Ligures asperi
 Intersecantur.

Os ligures, de que nos falla o geographo poeta, eram um povo vizinho dos iberos, mas que os antigos distinguiam constantemente d'estes e mesmo na lingua. (Senec., *Consol. ad Helviam* VIII).

Em facto de emigrações é mister ter sempre em vista que os povos emigrantes não eram impellidos pelo desejo de descobrir novas regiões, senão pelas necessidades da vida e por tribus guerreiras que lhe caminhavam no encalço. Tinha-se uma raça estabelecido num ponto em paz, vinha quasi sempre outra raça arrastada por identicas necessidades fazel-a abandonar aquella estação na sua vida de peregrinação e obrigar-a a caminhar mais para a frente na direcção que tomara. Os estabelecimentos dos iberos na Gallia (e note-se que ainda hoje vivem descendentes d'elles na Aquitania) bastariam para nos auctorisar a regeitar a possibilidade da sua vinda de Africa pelo estreito, porque, offerecendo a Hespanha tão ricas e virgens producções naturaes, que foram o encanto da antiguidade e attrahiam os visitantes do seu solo irresistivelmente, não havendo de mais raça alguma que d'aqui repellisse aquelles primeiros povoadores, seria absurdo pensar numa sua passagem para as Gallias através dos Pyrineus. A theoria de Diefenbach de que os celtas, invadindo a Gallia pelo nordeste, fizessem precipitar os ligures sobre os iberos, e que estes se dirigissem então mais para o occidente, reforçando na sua passagem os que

já se tinham estabelecido na Aquitania e passando os Pyreneus se espalhassem em a nossa península, é pois muito provavel (*Origines Europaeae* S. 113).

Não se pode determinar com certeza qual foi a segunda camada de habitantes da Hespanha. A passagem de ligures entre os iberos e os celtas, com quanto possível, não ha nenhum testemunho historico que nol-a faça olhar como provavel.

Na lista de povos de Varrão, lista, ao que parece, ordenada chronologicamente, vêm os persas depois dos iberos: «*In universam Hispaniam M. Varro pervenisse Iberos et Persas et Phoenicos Celtasque et Poenos tradit*» Plinio, *Hist. nat.* III, c. 1. Segundo Diefenbach esses persas colonos da Iberia, que em nenhum outro lugar dos antigos escriptores parece serem nomeados, eram os sarmatas, edificadores de Uxama. Cf. em Silio Italico III, 384 os «sarmaticos muros» de Uxama, e tenha-se em vista a origem iranica dos sarmatas. A falta de noticias torna porém tudo muito obscuro e duvidoso ácerca d'esses persas. No que toca aos outros povos indicados na lista de Varrão caminhamos felizmente em terreno mais seguro, posta de parte a questão actualmente insolúvel — se os phenicios precederam os celtas (como parece pretender Varrão) ou se os celtas precederam os phenicios. Estes dois povos são mencionados com os iberos nas mais antigas noticias geographicas da Hespanha, e segundo Strabão já os phenicios teriam occupado a melhor parte da Hespanha em tempos anteriores a Homero, o que, entende-se, designa d'um modo vago uma alta antiguidade (A. Herculano, *Historia de Portugal* I, p. 17).

Os phenicios, cuja importancia historica é bem conhecida, eram um ramo da grande familia semitico-cuschita, de que a historia nos dá a conhecer outros representantes na Assyria, na Babylonia, no Yemen e na Ethiopia. (Renan, *Histoire gén. des langues sémitiques* p. 186). Os seus estabelecimentos nas costas do Mediterraneo datam de cerca do anno 2000 antes de J. C., do tempo em que os Hyksos dominavam o Egypto (Ib. o. c. p. 182). A costa em que as suas colonias tanto pro-

speraram offereceu-lhes um caminho facil para a Hespanha, porque a passagem do estreito nenhuma difficuldade podia offerecer a esses homens de genio maritimo.

As colonias hispanicas dos phenicios, de que a mais antiga parece ter sido Gades, foram numerosas e importantes; pelo que a lingua phenicia, dialecto do grupo semitico, muito proximo do hebraico, a julgamos pelos seus escassos monumentos até hoje decifrados, e dos quaes alguns foram achados em a nossa peninsula, deve ter sido fallada por um numero consideravel dos habitadores da Hespanha antes do dominio romano, ao sul d'esta e por uma grande extensão das praias do Atlantico. (V. Heeren apud Ticknor, *Hispanish literature* III, p. 379).

Os celtas e os iberos espalharam-se largamente por todo o espaço d'aquem Pyreneus: como povos sem civilisação desconheciam inteiramente o systema colonial, e em vez de se reunirem em centros que podessem ter alguma força, fraccionaram-se em tribus numerosas, segundo os habitos da vida selvagem. Os antigos dão-nos noticia de lutas entre esses dois povos, provavelmente recebida da tradição oral da peninsula, lutas de que resultou em alguns pontos mistura das duas raças, segundo elles nos contam, e a esse povo mixto chamam *celtíberos*: *δυοῖν ἔθνων ἀκλίμων μιχθέντων*, diz Diodoro Siculo, *Bib. Hist.* lib. V, c. 33.

Os celtas eram, como a sua lingua nos prova, apezar de nós só a conhecermos em formas deterioradas, um dos ramos dos aryas ou povos indo-germanicos. Os trabalhos de Zeuss, Ebel, Stokes e Schleicher lançaram depois dos de Bopp nova luz para os dialectos celticos, e Schleicher depois d'um profundo estudo do antigo irlandez pôde affirmar que é com a familia italica que a celtica tem mais intimas relações.

Na falta de monumentos é impossivel saber se na Hespanha foi fallado mais que um dialecto celtico, quaes as suas relações com os conhecidos e outros pontos semelhantes. As palavras das linguas peninsulares, quer conservadas pelos antigos, quer nas linguas modernas, que se podem olhar como de ori-

gem celtica, não permitem pelo seu escasso numero que d'ellas se tire conclusão alguma que esclareça aquelle problema. Intimo parentesco com os celtas gaulezes é altamente provavel, já pelo nome d'uma das tribus peninsulares — *Gallaicos*, já de elles terem necessariamente passado da Gallia para a Hespanha. A passagem de Lucano

« profugique a gente vetusta
« Gallorum Celtae miscentes nomen Iberis »

(apud Diefenbach, *Origines Europaeae*, 144) pode ser echo d'uma tradição recebida pelo poeta peninsular.

As divisões por tribus das duas raças ibera e celtica que nos são dadas pelos antigos geographos são bem conhecidas para que insistamos nellas. Notaremos sómente que os iberos eram em muito maior numero que os celtas. D'essas divisões não se pode sempre concluir para a determinação dos pontos em que era fallado o ibero e o celtico, porque muitas tribus, alem dos proprios celtiberos, eram mixtas, como os lusitanos, propriamente iberos (Diodoro Siculo liv. V, 34), mas, por assim dizer absorvidos por uma mais forte camada de celtas: como determinar qual das linguas dos povos misturados tinha cedido? Da mistura dos povos não se poderia concluir para a mistura das linguas, se se entende uma mistura que fosse alem do vocabulario. A glottica não admite a possibilidade d'uma lingua de grammatica mixta (v. Max Müller, I, p. 78 sqq., Renan, *Hist. gén. des lang. sémitiques*, p. 78 sqq.).

Pelo que respeita á distincção feita pelos antigos entre os celtas peninsulares e os demais celtas por um suffixo em o nome d'aquelles (*κελτικός* celtici), distincção que nem sempre foi observada, não parece ter sido mais que uma subtiliza ethnographica. É pouco provavel que o suffixo grego e latino correspondesse a um suffixo em o nome de raça que a si proprios davam aquelles aryas da Hespanha.

Um outro povo, cujas colonias hispanicas tiveram muita importancia, foi o grego. Os chronologos vacillam entre 700 e

900 antes de J. C. na determinação da epocha em que os phoceos, os descobridores gregos da Iberia, fizeram a sua viagem de exploração (Herodoto liv. I, 163). As colonias gregas da Hespanha, Rhodas, Sagunto, Emporias (Ampurias), Chersoneso, Histra, Hilacti, etc., eram todas porém de fundação posterior á epocha d'aquelle descobrimento. O commercio dos gregos com a Hespanha esteve mesmo interrompido desde a viagem dos phoceos até á dos samios (Herodoto IV, 152), que os chronologos dão como feita no anno 640 antes de J. C.

Os colonos gregos foram representantes na peninsula da adiantada civilisação do seu paiz. D'elles, na opinião de Mommesen, receberam os iberos o alphabeto phenicio modificado, e não directamente dos phenicios (1). Da origem e lingua dos gregos pouco diremos por serem bem conhecidas. Os gregos eram, como já indicámos, uma familia dos aryas, e a sua lingua uma das menos deterioradas das indo-germanicas. Em quanto á opinião que olha os pelasgos como antepassados communs dos gregos e latinos, tem sido contestada; todavia a existencia d'uma classe greco-italo-celtica, possuindo particulares que a distinguem das classes arica e windico-teutonica, não pode ser contestada. Devemos por tanto pensar que os gregos (e albaneses), os povos italicos, os celtas viveram junctos depois da sua partida da alta Asia central, e que só depois se separaram os gregos dos italo-celticos, e ainda mais tarde os italicos dos celtas (Cf. *Beiträgen zur verg. sprachforschung auf dem gebiete der arischen, keltischen*, etc. von A. Kuhn und A. Schleicher I, 437 — 448). Foi pelo Caucaso que os aryas entraram na Europa.

Iberos, celtas, celtiberos, phenicios, gregos, e ainda um pequeno numero de colonos d'outras origens, taes eram os ele-

(1) «Die griechischen kolonien (Iberiens) theilten sowol ihren italischen Stammverwandt und Nachbarn, als den Iberern und Kelten ihre von den Phoenikern empfangene Schrift mit; nur in wenigen Fällen mag diese von den Phoenikern unmittelbar zu den Völkern des Westens gekommen sein.» Diefenbach, *Origines Europaeae*, S. 159.

mentos discordantes da população da Hespanha no momento em que começou o curto dominio cartaginéz.

Depois da guerra dos mercenarios Carthago enviou para a Hespanha Amilcar com o seu exercito (238 antes de J. C.) A conquista da peninsula, em que o general cartaginéz empregara todos os recursos da violencia e da politica, ia já adiantada quando elle foi morto numa batalha contra os lusitanos (229). Seguiram-se-lhe successivamente no commando Asdrubal seu genro, que cahiu ás mãos d'um escravo gaulez, e Annibal seu filho. Em 219 a familia dos Barcas era senhora de toda a Hespanha para áquem do Ebro, onde um tractado com os romanos tinha feito parar Asdrubal. Os odios que tinham suscitado a primeira guerra punica foram de novo incendiados por Annibal com a tomada de Sagunto, cidade onde havia uma população mixta de gregos e romanos. D'esta declaração de guerra, confirmada diante de deputados de Roma, resultou a passagem de tropas romanas para a peninsula. Duas legiões commandadas por Cneu Scipião punham os pés na Hespanha no momento em que Annibal, depois de ter completado aqui a obra da conquista matando 40:000 vaceanos e carpetanos e destruindo os olcades juncto a Toledo, entrava em Italia (218). A principio ganhou Cneu Scipião grandes vantagens sobre as tropas que Annibal deixara na peninsula, e quando seu irmão Cornelio se lhe veiu junctar, as cousas corriam-lhe prosperamente. Mas com a vinda d'um principe numida e seu exercito a posição dos Scipiões tornou-se insustentavel: separaram-se julgando vencer assim as difficuldades, mas perderam-se.

Um outro dos Scipiões, Publio, que a historia conhece pelo epitheto de Africano, veiu reconquistar para Roma o terreno que a desgraça de seu irmão fizera perder. Da epocha da sua passagem (211) pode datar-se o estabelecimento do dominio romano na peninsula, dominio que abalado pelas luctas de algumas tribus, principalmente dos lusitanos insurreccionados em 153 por um emissario de Carthago e mais fortemente pela guerra de Sertorio (82—71 antes de J. C.), ficou inteiramente assente e em paz do tempo de Augusto até á invasão dos barbaros.

Sob a influencia benéfica da civilização romana os elementos discordantes da população hispanica foram reduzidos á unidade. A *tribu* desapareceu, a *nacionalidade* surgiu. O *egoismo* da vida barbara cedeu diante da idea da *cidade*. Roma tornou-se a patria do ibero e do celta, e um barbaro de Hespanha chegou a assentar-se no throno dos Cesares.

§ 3. Vulgarisação do latim na Hespanha

Para Roma a conquista não consistia no facto material da occupação do solo: era mister que os povos vencidos se submettessem á sua civilização. Ella não queria que os barbaros fossem seus meros tributarios, senão que se tornassem cidadãos romanos. O celta, o ibero, por ella vencido, devia deixar de ser celta, ibero: a idea da cidade devia inocular-se em seu espirito, e o imperio romano ser sua patria.

Os habitos da vida barbara cediam facilmente diante das vantagens d'uma civilização adiantada: os theatros, os amphitheatros, as naumachias, as disputas forenses, as dignidades civicas e militares, emfim tudo o que constituia o apparatus exterior, a *forma* do mundo romano, era para o celta e para o ibero um quadro cheio de encantos. A conquista como Roma a entendia achava-se por tanto facilitada por esses poderosos meios de attracção.

Os antigos escriptores não nos deixaram sufficientes noticias do modo por que se operava a romanisação dos barbaros, mas sabemos que um dos pontos para que mais convergiam os esforços dos conquistadores era fazer esquecer áquelles a sua lingua (1), já porque elles conheciam que a lingua é um dos mais fortes laços de nacionalidade, já porque era pela sua lin-

(1) É bem conhecida a passagem de Sancto Agostinho: *Opera data est ut imperiosa civitas non solum jugum, verum etiam linguam suam domitis gentibus per pacem societatis, imponeret, per quam non deesset imo et abundaret interpretum copia.*»

gua que o barbaro repugnava mais á delicadeza romana, e que elle lhe parecia verdadeiramente *barbaro*. Essa denominação, a unica desprezível que os romanos davam aos que não fallavam latim, contem, como Lassen, Kuhn e Pictet inteiramente demonstraram, a idea de *gaguejo*, *balbucimento*, e é talvez identica ao lat. *balbus*. A palavra barbarismo, lat. *barbarismus*, gr. βαρβαρισμός, como todos sabem, tem o sentido de erro grammatical. Denominações de semelhante significação são dadas por diversos povos aos que não fallam a sua lingua (Renan, *Origine du langage* 4.^e ed. 178, Caix de Saint-Aymour *La langue latine* I, p. 273, sq.: cp. Littré; *Dictionnaire de la lang. franc.* s. v. *barbare*, Fauriel, *Histoire de la poésie provençale* II, p. 200, Diez, *Grammatik* I, 437, n. ** etc.). Os gregos chamaram tambem aos barbaros ἀλλοσσον, os que não têm lingua, mudos.

Nesse preconceito de orgulho nacional está sem duvida uma das principaes causas por que as linguas barbaras desappareciam rapidamente sob a pressão da conquista romana, que deu em resultado que se tornasse idioma d'uma parte consideravel do mundo antigo o que a principio não era mais do que um dos numerosos dialectos dos povos da Italia. Antes de os povos italicos terem sido reduzidos á unidade romana, fallaram-se na Italia o etrusco, idioma que possuiu uma litteratura e que se julga ser um ramo do grupo semitico, e que portanto nenhum parentesco tinha com o latim, ao sudoeste; o sabellico e o volseo ao centro, o umbrico ao sueste, o osco ao sul, todos dialectos da familia italiana, e dos quaes um, o osco, parece ter sido lingua litteraria (Schleicher, *Comp. S.* 107); o gaulez d'um e outro lado do Pó, e o grego na Lucania, Apulia e Calabria, onde pouco e pouco fez desapparecer o messapico. Ao passo que a conquista romana se estendeu sobre os povos que os fallaram, esses idiomas foram desapparecendo, primeiro o sabellico, depois o etrusco em resultado da guerra marsica, o osco entre o tempo de Varrão e Strabão, o gaulez com a submissão da Gallia cisalpina, o grego com a do sul; e o latim tornou-se assim a lingua commum da penin-

sula itálica. Um phenomeno identico ao que se realisou nesta ultima se deu na Dacia, na Gallia, na Hespanha, se bem que uma ou outra parte d'estas ultimas escapou á romanisação.

Chegado á nossa peninsula encontrou o latim não em zonas nitidamente separadas, mas, por assim dizer, entrelaçados, os diversos idiomas de que tractámos no § 2: o *ibero*, lingua polysynthetica, o *celtico* e o *grego*, dialectos indo-germanicos, o *phenicio*, dialecto semitico, representado pelos seus dois sub-dialectos, o *oriental* ou phenicio propriamente dicto e o africano ou *punico* fallado pelos carthaginezes, sendo o ibero evidentemente fallado por um maior numero de habitantes que qualquer dos outros, e foi successivamente fazendo-os desaparecer.

São escassissimos os dados para o conhecimento da duração e historia da destruição d'esses idiomas, e poderíamos duvidar, não indo alem da letra estreita dos textos historicos, que a destruição tivesse sido completa, ainda fóra do paiz basco, que não foi romanisado, e pensar que alguma cousa mais que um pequeno numero de vocabulos tivesse d'elles escapado.

Strabão offerece-nos numa passagem, que passamos a transcrever como se acha traduzida pelo sr. Alexandre Herculano (*Historia de Portugal* I, 42), os mais importantes d'esses dados que nos deixaram os antigos: «Accrescem á bondade do clima que desfructam os turdetanos a brandura e a civilisação, o que, segundo Polybio, é tambem commum aos celticos pela vizinhança e parentesco, posto que em gráu menor por habitarem de ordinario em logarejos. Os turdetanos, porém, principalmente os das margens do Betis, tomaram de todo os costumes romanos esquecendo até a propria lingua, e muitos, tornados latinos, receberam no seu seio colonos de Roma, faltando pouco para serem inteiramente romanos. As cidades ultimamente edificadas, Beja entre os celticos, Merida entre os turdulos, Saragoça entre os celtiberos, e varias outras colonias provam essas mudanças de aspecto da sociedade. Aos hespanhoes que seguem este modo de viver chamam stolados ou togados, entrando neste numero os celtiberos tidos noutro tempo pelos mais feros e desconversaveis de todos.»

Outras passagens testemunham pela existencia das linguas antigas no tempo em que viviam seus auctores: *Similes enim sunt dii. si ea nobis objiciunt, quorum neque scientiam neque explanationem habeamus, tanquam si Poeni aut Hispani in senatu nostro sine interprete loquerentur*, diz Cicero (*De divinatione* II, 64). Tacito nos conta que um paisano termesitano, que matara Pisão, pretor da sua provincia, sendo lhe perguntado quem eram os seus cumplices: *voce magna, sermone patrio, frustra se interrogari clamitavit* (*Annales* IV, 45). Plinio (*Hist. nat.* III, 1) menciona a lingua dos celticos e celtiberos. Strabão (apud A. Herculano, o. c. I, 33) noticia diversidade de linguas na peninsula. Silio Italico, III, v. 346, referindo-se ao tempo de Annibal, senão tambem ao seu, menciona a lingua dos gallaicos

«...Gallaeciae pubem

Barbara nunc patriis ululantem carmina linguis.»

Mas nenhuma outra passagem que indique a existencia d'uma lingua peninsular diversa do latim antes da invasão dos barbaros e em tempos posteriores a Silio Italico, que floresceu na segunda metade do primeiro seculo, foi ainda descoberta, e já Aulo-Gellio (l. 19, c. 9) dá o latim como *lingua patria* d'um hespanhol. Duarte Nunes (*Origem da lingua port.* c. VI) traslada uma inscripção, que diz ter sido achada em Ampurias (antiga Empurias), e em que se lê que os moradores gregos d'aquella cidade *«in mores, in linguam, in jura, in ditionem cessere romanam.»* A authenticidade da inscripção tem sido porém posta em duvida, mas o facto do desaparecimento do grego, assim como do phenicio, nas colonias onde eram fallados não deixa por isso de ser um facto menos certo, com quanto não seja possivel determinar a epocha em que cada colonia se romanisou. A existencia d'uma lingua dividida em dialectos quasi identicos, extendendo-se por todo o espaço da peninsula hispanica submettido aos romanos, attesta pela destruição total de todos os idiomas de tão diversa natureza (dialectos semiticos indo-germanicos, um idioma polysynthetico) nelle fal-

lados antes da conquista romana, porque como nenhum d'esses idiomas poude ser imposto pelo povo que o fallava aos seus vizinhos, é evidente que essa lingua quasi uniforme por toda a peninsula romanizada não vai entroncar em nenhum d'elles, senão num, que a todos elles fez desaparecer. Busque-se pois qual foi o povo que por uma arte refinada de conquista conseguiu levar a Hespanha á unidade em todos os elementos que constituem a nacionalidade (instituições politicas e religiosas, o amor da patria, a lingua), e na lingua d'esse povo se achará a razão de ser dos dialectos da peninsula fóra do paiz basco (1). Alargando o argumento com abundantísimos dados historicos resolver-se-ia o problema (problema que não existe em nenhum espirito serio) da origem do portuguez e do hespanhol quasi inteiramente no campo da historia.

A litteratura latina teve na Hespanha uma segunda patria. Já Horacio chamava douto ao ibero:

.....me peritus

Discet Iber. . . . lib. II *Od.* XX, 19—20.

e quando Lucano e Marcial, filhos de Hespanha, escreviam, nenhuma outra parte do imperio lhes oppunha talento equal. Os dois Senecas, Columella, o agronomo, Porcio Latro, o professor de Ovidio e Augusto, eram hespanhoes e talvez que Silio Italico e Quintiliano tivessem a mesma origem.

Estes e outros factos mostram-nos quão profundamente se arreigara a civilisação romana em a peninsula, e em nenhuma outra parte depois da Italia os seus effeitos foram tão extensos como aqui. Os *dolmens*, os *kromelechs*, os *menhirs*, os *lichavens*, tão abundantes nos outros logares em que houve povoações celticas, são rarissimos na Hespanha, e não sabemos que em Portugal se tenha encontrado algum d'esses singelos monumentos do sentimento religioso dos celtas, em quanto que

(1) Para ver quão profunda foi a romanisação da Hespanha basta ler a substanciosa divisão I da *Introducção á Historia de Portugal* do sr. Alexandre Herculano.

os monumentos de todo o genero de origem romana se encontram por toda a parte, provando que a civilisação a que pertencem não se tinha concentrado nalguns pontos, mas tinha absorvido a população primitiva em todos os logares. Ahi está o segredo do desaparecimento das linguas primitivas da Hespanha, ás quaes mesmo o lexico das modernas muito pouco deve, desaparecimento por certo gradual e cujo termo não pode ser determinado, mas já tão adiantado no tempo de Plinio e Columella, que a maior parte das palavras que estes e outros escriptores anteriores ou pouco posteriores nos dão como hespanholas são meros idiotismos latinos ou passaram para a Hespanha por intermedio do latim. Por exemplo, Columella (V., 1) dá *acnua* e *porca* como termos empregados pelos rusticos da Betica: . . . *Hunc actum provinciae Boticae rustici acnuam vocant, iidemque XXX pedum latitudinem et CLXXX longitudinem porcam dicunt.* Ora *acnua* é dada por Varrão (*De re rustica* I, 10) como palavra latina, e é a gr. ἀκναινα ou ἀκνενα; e *porca*, que em nenhum outro auctor latino se encontra, corresponde organicamente ao all *fırche* (sulco) pelas leis que regulam as permutações phoneticas nos dialectos indo-germanicos (lei de Grimm), e essa lei aponta-nos a palavra como latina. Cf. para o que toca o sentido o portuguez *leira*, lat. *lira* (1).

§ 4. Do latim vulgar. Origem das linguas romanas

Tem-se dicto muita vez que o latim fallado pelo povo de Roma e das provincias não era identico ao latim classico, o que, como Diez observa, não tem necessidade de prova, porque se é até «auctorizado a exigir a demonstração do contrario como uma

(1) Para o estudo dos vocabulos dados pelos antigos escriptores como hispanicos, v. Diefenbach, *Origines Europaeae — Lexikon* nrr. 4, 21, 24, b. 27, 34, 38, 46, 75, 87, 94, 102, 103, 105, 109, 113, 127, 129, 131, 143, 159, 167, 186, 215, 222, 230, 233, 246, 277, 303, 308, 328, 348; a terminação celtica *briga* de alguns nomes geographicos de Hespanha, etc., é

excepção á regra.» Effectivamente por toda a parte o fallar vulgar differe na incorrecção, na inobservancia continua das normas grammaticaes, da linguagem escripta das pessoas instruidas, da phrase correcta e harmoniosa do orador admirado, e alem d'isso o povo emprega um grande numero de expressões cuidadosamente evitadas na litteratura. Seria pois erro pensar que o camponez romano fallava como o patricio no foro, ou que um simples legionario podesse escrever uma carta como as de Cicero, mas seria tambem erro concluir d'ahi que a linguagem do camponez romano differia na estrutura da do patricio, que eram duas linguagens distinctas, ou ainda mesmo que estavam uma para a outra na relação de dialectos. As denominações que os antigos dão a esse fallar popular de lingua *rustica*, *quotidiana*, *pedestris*, *sermo vulgaris*, etc. (Ducange, *Praef. ad gloss XXXIII*), não bastam para construir o imaginoso systema de alguns eruditos da Italia, que viam nelle puro italiano, systema a que muitos escriptores se têm inclinado, suppondo que as particularidades que fazem differir as linguas romanas do latim existiam mais ou menos pronunciadas na linguagem do povo romano. Sabios despreconceituados, profundamente versados no estudo do latim em todos os periodos da sua vida, declararam tal systema absurdo (1).

Que no latim rustico se manifestassem tendencias para a dissolução de algumas formas grammaticaes, que nelle como no latim classico existissem em germen todos os processos analyticos das linguas romanas é um facto innegavel que no corpo d'esta obra será devidamente demonstrado, mas que o latim rustico differisse do latim classico a ponto de constituir uma

analysada em o nr. 73. Voltaremos no livro II a fallar d'alguns d'aquelles vocabulos que se conservaram no portuguez.

Diez (*Grammatik* I, 91) olha tambem como hispanico o derivado *focaneus* de *fauz* em Columella, IV, 24 apresentado como forma da lingua rustica, mas sem indicação do logar em que era usado, o que torna duvidoso que elle fosse realmente hispanico, por quanto Columella podia tel-o colhido na Italia, onde viveu.

(1) Por exemplo Corneswal Lewis, *Essay on the Origin and formation of the Romance languages*, 2.nd ed. pp. 10, sqq., Diez, *Poesie der Troubadours* S. 288).

lingua ou mesmo um dialecto á parte, só com completo desconhecimento dos factos pode ser affirmado.

Os grammaticos gregos reconheceram a existencia dos dialectos da sua lingua e classificaram-nos com certa exacção: os grammaticos latinos, que applicaram tanto quanto era possível á lingua de Roma as theorias dos seus mestres gregos, em parte alguma nos fallam de dialectos latinos, o que não deixariam de fazer se elles tivessem existido; do latim castrense ou rustico só nos citam palavras com as terminações do latim classico, ou corrupções phoneticas e erros de grammatica do genero d'aquelles de que poderiamos colher grande numero da bocca do nosso povo, e do que elles nos dizem d'esse latim unicamente se conclue que o olhavam como um modo baixo de fallar, e não como uma lingua differente d'aquella em que escreviam.

É por uma falsa idea da linguagem que se imagina que as camadas inferiores da sociedade romana não podiam expressar-se numa lingua tão complicada como a que lemos em Virgilio, e que se reduz esta á condição d'um idioma artificial, especie de phraseologia cortezã para o uso dos iniciados. Ha povos selvagens, que têm linguas muito mais complicadas que o latim, e o latim mesmo num periodo de vida anterior aquelle em que começou a ser fixado pela escripta tinha sido muito mais rico de formas grammaticas do que o vemos na epocha classica, como demonstra a grammatica comparativa. Nesse periodo ante-historico da sua existencia tinha passado por largas revoluções, de que revela os traços profundos quando o comparamos com os outros idiomas do seu grupo, revoluções que, se assim nos podemos exprimir, tinham semeado a ruina em o seu organismo (1). Mas sob a influencia da cultura litteraria deteve-se o curso d'essa decadencia, a lingua quasi se immobilizou, regularisou-se, submetteu-se á disciplina grammatical e a uma disciplina grammatical tão energica, que nenhuma

(1) Maior desenvolvimento achará o leitor adiante na morphologia, onde tractamos da lei geral da vida no indo-germanico.

outra lingua a teve jámais equal. Numerosas obras litterarias e os monumentos epigraphicos espalhados pelo vasto campo do imperio do occidente nos attestam que o escrever correcto era dote vulgar, e que o barbarismo vivia numa barreira limitada, donde o não deixavam sahir os pedantes da eschola. A mesma gente do povo sabia melhor grammatica do que se tem julgado. Podiamos accumular aqui provas d'estas asserções: bastará uma.

Varrão (*De lingua latina* VIII, 6) diz-nos que, apenas algumas palavras novas se introduziam na lingua, toda a gente as declinava logo sem difficuldade: *itaque novis nominibus al-latis in consuetudinem, sine dubitatione eorum declinatus statim omnis dicit populus*, e que os escravos comprados de novo para uma casa onde tinham numerosos companheiros, mal conheciam o caso recto do nome d'estes, o faziam passar por todos os casos obliquos: *etiam novicii serri empti in magna familia cito omnium conservorum nominis recto casu accepto in reliquos obliquos declinant*.

O erudito Aldrete reuniu tambem algumas passagens interessantes, que dão força á these por que combatemos (*Origen y principio de la lengua castelhana*, Madrid 1674, fol. 10 b. e sqq.)

Em summa, para que a opinião que olhamos como destituida de fundamento fosse tida por demonstrada, era mister provar os seguintes pontos:

- 1.º Que no latim popular havia artigo.
- 2.º Que no latim popular não havia casos.
- 3.º Que no latim popular não havia neutro.
- 4.º Que no latim popular não havia voz passiva.
- 5.º Que no latim popular os verbos eram privados dos tempos que faltam nas linguas romanas.

Etc.

Todas as riquezas grammaticaes por que o latim classico se distingue das linguas romanas existiam no latim popular, mas de cada vez mais obscurecidas pela pronuncia desleixada das classes baixas, tendendo sem cessar a serem supprimidas por

processos analyticos que dessem á phrase a clareza que a alteração phonetica lhes tirava. Mas essas tendencias tinham um limite que lhes impunha a cultura litteraria, como já dissemos; ora, se uma revolução politica lança essa cultura por terra, essas tendencias irão por diante sem o minimo obstaculo e os effeitos que nellas germinam apparecerão em todo o seu desenvolvimento.

Achamo-nos assim levados a olhar o latim rustico como a origem das linguas romanas, e o momento em que estas se começaram a formar como não anterior á invasão do imperio do occidente pelos barbaros (1).

§ 5. Os barbaros e os arabes na Hespanha

Pelos annos de 409 os vandalos, alanos e suevos, partidos do norte, precipitaram-se através dos Pyrneos em a nossa peninsula.

Collocados no mais infimo gráu de civilisação, animados pela sede ardente do ouro e da carnificina que caracteriza o selvagem, essas tribus deixaram na Hespanha memoria amaldiçoada. A sorte decidiu do logar que cada uma d'ellas havia de occupar (Orosio ap. Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a historia do governo* etc., p. 16): aos alanos coube a Lusitania e a Carthaginense, aos vandalos e suevos a Gallecia e a região hoje denominada Castella a velha, aos silingos, ramo dos vandalos, a parte da Betica a que se chama Andaluzia (A. Herculano, *Hist.* I, 28).

Pouco sabemos ácerca d'essas raças que interesse ao nosso proposito. Os alanos eram povos de origem iranica, e os ossetas actuaes são talvez representantes da sua raça (Diefenbach, *Origines* S. 67), os suevos e vandalos eram germanos (Ibid. S. 192).

(1) O valachio, como já dissemos, formou-se mais cedo que as linguas irmãs. Já em 270 o imperador Aurelio cedera a Dacia aos godos.

O dominio d'ellas na peninsula não foi longo: as guerras reciprocas e as lutas com os visigodos, que pouco depois atravessaram os Pyrneus, obrigaram os vandalos a passarem para a Africa, donde nunca voltaram, e destruíram quasi inteiramente os alanos, cujos restos se uniram aos suevos. Estes adquiriram poder na Betica e na Lusitania, mas enfraquecidos pela guerra incessante já com os ultimos restos das tropas romanas conservados na Hespanha, já com os visigodos, pouca duração teve a sua independencia: o seu ultimo rei Andeca cahiu nas mãos dos visigodos em 585.

Os visigodos, ou godos do occidente para os distinguir dos ostro ou osogodos, godos do oriente, eram um dos principaes ramos da raça germanica e os menos rudes dos barbaros do norte. No tempo de Valerio e Gallieno tinham feito uma exploração á Gallacia e Cappadocia, donde tinham trazido escravos christãos, que foram os primeiros que lhes fizeram conhecer a religião do Evangelho. A traducção em gotico (1) da Biblia pelo celebre bispo Ulfilas contribuiu muito para abandonar a sua religião naturalistica pelo christianismo.

Chegados á Hespanha, os visigodos foram acolhidos como amigos e auxiliares contra as tribus que a assolavam (Mariana lib. V, c. 2), e o seu dominio estabeleceu-se sem difficuldade da parte da população romana. Em 476 Odoacer era rei de Roma, e a dynastia visigotica da Hespanha foi depressa reconhecida por elle.

A transformação operada pelos barbaros no imperio do occidente, despedaçado e dividido entre seus chefes, é bem conhecida. Na convulsão geral da sociedade submergiu-se a cultura litteraria. As escholas desappareceram e a ignorancia da idade media surgiu, não só por um effeito natural do grande cataclysmo, mas ainda em resultado da repugnancia que o barbaro tinha pela educação intellectual, em que julgava estar a causa principal da effeminação em que via os romanos. Tem

(1) O habito consagrou um modo errado de escrever a palavra *gotico* com *th* (gothico). A verdadeira orthographia é a que seguimos. V. Schlicher, *Comp.* S. 149, ann.

sido muitas vezes citada a passagem em que Procopio diz que os barbaros não queriam que os seus filhos fossem instruidos em qualquer sciencia: «porque (dizem elles), a instrucção nas sciencias tende a corromper, enervar e deprimir o espirito; e o que se acostumou a tremer sob a vara do pedagogo, jámais olhará para uma espada ou lança com olhar destemido.» Só a gente da egreja guardou uns restos miseraveis da antiga cultura, mas a sua aversão pelo paganismo, lançando um traço negro por sobre as obras dos escriptores gregos e romanos, cavou mais fundo o abysmo de ignorancia em que cahiu a Europa occidental. O ultimo que na Hespanha visigotica tentou escrever latim com correcção, o sabio S. Isidoro de Sevilha, prohibiu aos monges que estavam sob a sua direcção a leitura dos escriptos dos pagãos (Ticknor, *H. of spanish Litterature* III, 3.^a, p. 385).

A necessidade de os barbaros communicarem com as populações conquistadas exigia que uns adoptassem a lingua dos outros. Deu-se um phenomeno ao primeiro aspecto singular: em vez de os conquistadores imporem a sua lingua aos conquistados succedeu o contrario. As causas d'esse phenomeno estavam em que a população romana era em maior numero que a dos barbaros, e em o latim ter sido adoptado como lingua da egreja e da lei. Esse phenomeno deu-se em toda a Europa latina, e o facto de a lingua do barbaro de origem germanica ser primordialmente a mesma que o latim, por certo não o facilitou, pois quando essas linguas se acharam em contacto já um abysmo existia entre ellas, e só num ou noutro ponto o barbaro podia achar analogias entre o latim e a sua lingua (1).

(1) Cp., por ex., o pres. do ind. do verbo *haver* em lat. *habere* com o got. *habam*:

Habeo		Haba
Habes		Habais
Habet		Habaith
Habemus		Habam
Habetis		Habaith
Habent		Habant

Analogias tão apparentes como esta eram porém rarissimas, e só o nosso seculo poude descobrir o intimo parentesco do gotico e do latim.

É difficil determinar a epocha em que os visigodos da Hespanha tinham abandonado inteiramente a sua lingua. «Em quanto os visigodos professaram o arianismo, gozou a sua lingua d'uma vantagem que faltou ao frankico e ao lombardo: era ella usada na vida ordinaria, mesmo na egreja. Depois que o rei Recaredo se converteu ao catholicismo (586), e a todos os seus vassallos sem consideração de origem foi concedido direito equal, a fusão dos germanos e romanos, favorecida por elle e seus successores, realisou-se mais promptamente que em qualquer outra parte, com prejuizo da lingua gotica (Diez, *Grammatik* I, 64--65)».

Os barbaros, alem da influencia indirecta que tiveram sobre a formação das linguas romanas, pela desordem em que lançaram os povos de lingua latina, concorreram directamente tambem para a alteração d'esta. Numerosos idiotismos e sobre tudo vocabulos importantes que em as novas linguas se encontram devem a sua existencia aos conquistadores germanicos. Mas não se deve julgar por isso que elles só por si expliquem a dissolução do latim, que, tendo recebido este puro da bocca da população romana, por uma troca singular lh'o tenham restituído corrupto. Tal explicação, que todavia tem sido muita vez dada, é, senão absurda, pelo menos insufficientissima. A causa da decadencia do latim estava nelle proprio: é mister ter sempre no espirito esta idea. A invasão dos barbaros excitou essa causa, não a trouxe consigo.

Não foi ao primeiro choque da lingua dos conquistados com as dos conquistadores que aquella se despedaçou em dialectos: a criação d'estes foi lenta, gradual, mas unicamente pela inducção podem ser estabelecidos alguns dos seus diversos momentos, como veremos no corpo do nosso trabalho, visto que não temos documentos directos que nol-os revelem, porque só num periodo já adiantado das suas transformações é que as linguas romanas começaram a ser escriptas.

Uma questão importante nasce aqui: quando tinha o portuguez adquirido pouco mais ou menos a forma em que o conhecemos? Não é por conjecturas nem dados historicos que

ella se resolve: pol-a-hemos por tanto de parte até que dados d'outra ordem possam ser comprehendidos, e o mesmo faremos a outras questões com esta connexa, como as não menos importantes — se o portuguez é uma lingua independente ou (o que já tem sido affirmado) um dialecto do hespanhol, ou (o que pretendeu o francez Raynouard) um dialecto do provençal. A opinião dos que olhavam a nossa lingua como uma variedade da hespanhola e a de Raynouard cahiram sem duvida em descredito, mas os argumentos em que se lundam os que têm combatido essas opiniões no verdadeiro campo, são pouco conhecidos para que nos julguemos dispensados de os examinar e desenvolver de novo quando viermos a considerar no seu conjuncto o processo da formação do portuguez.

Resta-nos fallar do povo que, arrancando a Hespanha ás mãos dos godos e trazendo para ella a sua civilização adiantadissima, devia naturalmente deixar em as linguas da peninsula vestigios da sua presença.

Em 711 a traição do conde Julião introduziu os arabes na Hespanha, e os triumphos de Tarik e Musa decidiram em breve da sorte do imperio visigotico. O dominio musulmano estabeleceu-se com rapidez, e tres annos depois d'aquella data toda a peninsula se tinha submettido aos novos conquistadores até ás montanhas das Asturias e Byscacia, detrás das quaes Pelayo se refugiara com os ultimos defensores da Hespanha.

A mistura da população christã com a musulmana foi intima, mas não se repetiu, o que já duas vezes se dera na Hespanha: nem os conquistados nem os conquistadores abandonaram a propria lingua. O arabe, dialecto semitico, absorveu os outros dialectos da sua familia que encontrou onde o levou a conquista, mas uma forte resistencia se oppunha a que os idiomas peninsulares passassem pelo mesmo processo de absorção. Entre as linguas semiticas e as linguas indo-germanicas ha profundissimas differenças, que abrangem todas as ramificações dos seus organismos. Para que a immensa distancia que havia entre o idioma dos arabes e o dos seus vassallos hispanicos fosse vencida, era necessario que a assimilhação d'estes tivesse sido

muito intima, e o dominio d'aquelles tivesse maior duração do que teve. Não vemos nós o persa escripto com caracteres arabes, cheio de palavras também arabes, conservar a sua grammatica iranica debaixo do jugo estrangeiro? Se considerarmos que o dominio arabe na peninsula, com quanto só fosse inteiramente destruido em 1492, começou muito cedo a ver os seus limites estreitarem-se cada vez mais, e que os christãos se *misturaram* mas não se *assimilharam* aos conquistadores, se não ao contrario se conservaram geralmente em posição aggressiva para com elles e não abandonaram a sua religião um momento, comprehendemos as razões por que a influencia do arabe sobre o hespanhol e o portuguez se reduziu á introdução nestes d'um numero bastante consideravel de vocabulos, e de modo algum se estendeu á grammatica. É até errado suppor que o arabe tenha influenciado o consonantismo do hespanhol. Diez (*Grammatik* I, 308, n. 366—37) e Delius (*Romanische Sprachfamilie* S. 29) provaram que a guttural aspirante *j* dos nossos vizinhos de modo algum pode ser olhada como de origem arabe. O *h* aspirado e os outros sons que o hespanhol possui a mais que o portuguez e a que se attribuiu semelhante origem, nenhum direito têm também a tal genealogia (1).

§ 6. O portuguez lingua escripta

Vendo tantas raças, tão grandes revoluções politicas succederem-se na peninsula hispanica num periodo em que a lingua do povo não era escripta, e uma gíria de tabelliães e da gente da igreja, que tomava o nome pomposo de latim, era a unica lingua que se escrevia, e ainda só nos casos de grande necessi-

(1) Suppõe-se, por ex., que o hesp. *j* é o ar. *ch* (cha چ), mas basta notar para demonstrar a falsidade de tal supposição que nunca nas palavras arabes que se encontram alteradas no hespanhol o *ch* original se acha representado por um *j*, mas sim sempre por um *f* mudado mais tarde em *h*, ou mais raramente por *c*: assim *alfange* (ar. alchangar), ant. *rafez* mod. *rahez* (ar. rachiç).

dade, suppor-se-ia que essa lingua do povo se tornaria de cada vez mais informe e adquiriria o caracter d'uma verdadeira monstruosidade. Mas não succedeu assim, nem podia succeder. As modificações que se produzem na linguagem são um resultado de suggestões da razão espontanea e da actividade das leis fataes do organismo physico do homem, e numa e noutras se manifestam as tendencias regularisadoras da natureza, não o capricho do acaso. As linguas produzidas no meio do cahos social hão de ser por fim bellas, cheias de vitalidade e coherencia, capazes de exprimir as mais altas especulações do espirito. É na bocca do povo, da massa rude e ignorante, que ellas se formam, e por isso trahem a cada passo as concepções ingenuas d'esse poeta sem artificio. Renegadas a principio pela classe sabia, chega porem sempre o dia do seu triumpho. Assim o latim barbaro da idade media teve que ceder o lugar por toda a parte ás linguas romanas como superiores a elle, que pretendia ser imitação d'um idioma cuja tradição se perdera.

A substituição das novas linguas á gíria dos tabelliães e ecclesiasticos fez-se lentamente, e apenas desde certa epocha podemos observar os seus progressos. O portuguez só nos apparece escripto do seculo XII por diante, mas nos mais antigos documentos em latim barbaro dos nossos cartorios já se encontram muitas formas da nossa lingua (1); porém os primeiros que se conhecem em puro portuguez são uma *noticia particular* de Lourenço Fernandes, sem data mas que remonta

(1) Numa carta ap. *Chronicon Idatii*, que se diz ter sido passada pelo governador arabe de Coimbra Alboucem Iben-Mahumet Iben-Tarif em 734. apparecem algumas formas portuguezas, e mo *hispo*, etc. Raynouard (*Choix des Troubadours* I, p. XI), Guilherme Schlegel (*Observations sur la langue et litt. prov.* p. 49), Agostinho Duran (*Romancero general, Discurs. prel.* p. 4, 2.^a ed.) e outros não duvidaram da authenticidade do documento citado e allegam-o para fundamentar as suas opiniões sobre a formação das linguas romanas. Southey e Gibbon (ap. Corn. Lewis, *Romance languages*, 2th ed. p. 106 n.) citam-no com desconfiança, mas Corn. Lewis inclina-se a favor da sua genuinidade. Diez (*Grammatik* I, 102 aum. **) olha-o como falso com a auctoridade de Lembkes (*Geschichte von Spanien* I, 314) que demonstrou que tal documento não merece nenhuma confiança.

ao reinado de D. Sancho I (J. P. Ribeiro, *Dissert. chron. criticas* I, p. 182), e uma *noticia de partilhas* datada do mez de março da era MCCXXX (anno 1192), publicadas por Pedro Ribeiro pela primeira vez (o. c. I, doc. n. LX, e doc. n. LXI). Depois d'estes só começam a apparecer outros do reinado de D. Affonso III em diante, de que o primeiro é datado da era 1293 = 1255 e ainda muito escassos em numero até ao tempo de D. Diniz (J. P. Ribeiro, *Observações de aiplom.* I, p. 91), em que a lingua portugueza ganhou uma grande importancia. Julgou-se até que este rei a tivesse feito usar por lei nos papeis publicos, á imitação do que na Hespanha fizera Affonso X, mas essa supposição foi combatida com bons argumentos por Pedro Ribeiro (l. c.). Este nosso erudito pensava que a razão da substituição do portuguez ao latim estava na ignorancia que havia do ultimo, mas tal explicação, com quanto attendivel, não é sufficiente. A importancia que o portuguez adquiriu repentinamente, e que o fez adoptar quasi em todos os documentos publicos, resultou da introdução da cultura poetica na côrte portugueza. Aos tabelliães e aos ecclesiasticos que sabiam escrever, e cujo numero era pequenissimo, não podia mais repugnar o uso d'uma lingua que o rei empregava nas suas canções.

Ficaram-nos monumentos d'essa poesia da côrte, de que alguns ainda estão ineditos. Os que se acham publicados são: *Cancioneiro de D. Diniz*, ed. por Caetano Lopes de Moura, Paris 1847; *Fragments de um cancionero na livreria do collegio dos nobres de Lisboa*, ed. por Carlos Stuart, Paris 1823, de que deu melhor e mais completa edição o sr. Francisco Adolpho Varnhagen com titulo de: *Trovas e cantares de um codice do XIV seculo: ou antes mui provavelmente «o livro das cantigas» do conde de Barcellos*, Madrid 1849. Entre a linguagem de cada um d'estes cancioneros não ha differença importante que nos auctorisae a olhar um ou outro como mais antigo. As suas unicas differenças consistem no *estyllo*, mais apurado no de D. Diniz. Das traducções feitas no tempo d'este monarcha só se conservou, segundo cremos, a da *Chronica geral de España*, escripta em castelhano mui provavelmente por

Affonso X (Ticknor *H. of spanish litt.* I, pp. 143, 144, 3^a ed.), de que o fallecido dr. Antonio Nunes de Carvalho começou a publicação com o titulo: *Historia geral de Hespanha composta em castelhano por . . . D. Affonso sabio trasladada em portuguez por El-Rei D. Diniz ou por seu mandado*, etc., Coimbra 1864, mas cuja impressão parou no começo do capitulo CCII. É o mais largo monumento em prosa que possuímos anterior á epocha de D. Duarte. Do periodo que decorre de D. Diniz até esse monarcha, ou pelo menos até aos ultimos annos do reinado de D. João I a litteratura diplomatica é quasi a unica que podemos estudar. O poema sobre a batalha do Salado por Affonso Giraldes está perdido para nós. A pequena lenda de Sancta Izabel publicada por F. Brandão na 6.^a parte da *Mon. Lusitana*, a traducção da *Regra de S. Bento* publicada por Fr. Fortunato de S. Boaventura no I vol. da *Collecção dos ineditos portuguezes dos seculos XIV e XV*, a *Chronica breve* do Archivo Nacional (*Portugaliae monumenta historica, Scriptorum* I, p. 22—23), o *Livro velho das linhagens*, o *Nobiliario do collegio dos nobres*, a parte mais antiga do *Nobiliario do conde D. Pedro* pertencem a esse periodo. D'estes tres nobiliarios deu a Academia das Sciencias de Lisboa uma excellente edição nos *Portugaliae mon. hist., Script.* I, collecção organisaada com a proficiencia que era de esperar do seu director, o sr. Alexandre Herculano. Noutra divisão d'ella (*Leges et Consuetudines*) foram já publicados muitos antigos documentos em portuguez, mas que são em geral traducções posteriores ao reinado de D. Diniz. A antiga litteratura diplomatica está em parte espalhada por diversas collecções e em maior parte inedita. Ha alguns monumentos poeticos que se têm olhado como d'esse periodo, e outros a que se attribuiu maior antiguidade. Não podendo examinar aqui a questão controversa da sua authenticidade, e não havendo no corpo do nosso trabalho asserção alguma que os tome por base, passamol-os de presente em silencio. Os monumentos gallegos, tanto antigos como modernos, serão considerados num appendice sobre os dialectos.

No seculo XV adquiriu a litteratura portugueza um grande

desenvolvimento. Os mais importantes monumentos d'esse seculo são: *Chronica do condestabre de Portugal Dom Nuno Alvares Pereira*, 2.^a ed. Porto 1848, escripta muito provavelmente ainda no reinado de D. João I; as chronicas de Fernão Lopes (*Chron. de D. João I*, 2 tom. Lisboa 1644), *Chron. de D. Pedro I*, e *Chron. de D. Fernando* na *Collecção de livros ineditos de historia portugueza*, publ. pela Acad. das Sciencias t. IV; as de Gomes Eannes de Azurara (*Chron. de D. João I*, Lisboa 1644, *Chron. do conde D. Pedro* e *Chron. dos feitos de D. Duarte de Menezes* na *Collecção de livros ined.* t. II e III, *Chron. do descobrimento e conquista de Guiné*, publ. pelo visconde da Carreira, Paris 1841); o *Leal Conselheiro* e o *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella*, ambos de D. Duarte, publ. por J. I. Roquette, Paris 1842; numerosas obras poeticas reunidas por Garcia de Resende no *Cancioneiro geral*, 2.^a ed. Stuttgart 1846 — 1852. Não anteriores ao seculo XV são provavelmente a traducção dos *Actos dos Apostolos* (*Collecção de ined. dos seculos XIV e XV*, t. I) e a da *Historia do antigo testamento* (id. t. II e III). Passamos em silencio outros escriptos menos importantes e os ainda ineditos.

Empregada já em obras de largas dimensões e de genero diverso, a lingua portugueza alcançou completo triumpho, mas não sahiu ainda do seu periodo de syncrétismo; ha incerteza nalgumas de suas formas, falta-lhe certa coherencia na syntaxe, a disciplina grammatical em summa. Um escriptor, por exemplo, diz *som* outro *sum*, aquelle *sou*, o mesmo emprega até as tres formas: é mister que a lingua se regularise escolhendo uma unica d'essas formas. Esse trabalho de regularisação foi principalmente feito no seculo XVI, em que a nossa lingua adquiriu a sua forma classica, que em vão tentou conservar-se na tradição litteraria.

The first part of the paper discusses the importance of the study of the history of the United States. It is argued that a knowledge of the past is essential for a full understanding of the present and for the development of a sense of national identity. The author then proceeds to discuss the various factors that have shaped the history of the United States, including the role of the individual, the influence of the environment, and the impact of the economy. The paper concludes by emphasizing the need for a more comprehensive and balanced approach to the study of American history.

The second part of the paper is a detailed analysis of the role of the individual in the history of the United States. It is argued that the actions of individuals have played a crucial role in shaping the course of the nation's history. The author discusses the lives of several key figures, including George Washington, Thomas Jefferson, and Abraham Lincoln, and examines the impact of their decisions and actions on the development of the United States. The paper concludes by suggesting that the study of the lives of these individuals can provide valuable insights into the nature of leadership and the role of the individual in society.

The third part of the paper discusses the influence of the environment on the history of the United States. It is argued that the physical characteristics of the land have played a significant role in shaping the course of the nation's history. The author discusses the impact of the climate, the availability of natural resources, and the geographical location of the United States on the development of the nation. The paper concludes by suggesting that a better understanding of the influence of the environment on the history of the United States can help us to better understand the challenges that the nation has faced and the solutions that it has found.

The fourth part of the paper discusses the impact of the economy on the history of the United States. It is argued that the development of the economy has played a crucial role in shaping the course of the nation's history. The author discusses the impact of the agricultural revolution, the industrial revolution, and the rise of the service economy on the development of the United States. The paper concludes by suggesting that a better understanding of the impact of the economy on the history of the United States can help us to better understand the challenges that the nation has faced and the solutions that it has found.

LIVRO PRIMEIRO

PHONOLOGIA

Por *phonologia* entendemos aqui a parte da grammatica que tracta dos sons constitutivos da palavra e da prosodia. No estudo scientifico d'uma lingua não pode a phonologia limitar-se á mera enumeração ou classificação dos sons d'ella: olha-os como um resultado actual, como um momento numa serie de transformações de que tracta de descobrir o fio. Tal problema é resolvido partindo dos sons das linguas fontes, isto é, d'aquellas, donde a que se estuda recebeu elementos, para os d'esta. Á phonologia d'essas linguas fontes pertence ainda determinar a natureza anterior d'esses sons, que num trabalho sobre um dialecto secundario se tomam como ponto de partida.

Para o portuguez as principaes linguas fontes são o latim, o teutonico, o arabe. Ao celtico e ao basco deve a nossa lingua muito pouco, para que se deva considerar aqui o modo por que nesta se acham representados os sons d'aquelles. Os elementos gregos vieram-nos por intermedio do latim, e por tanto não separaremos o estudo dos sons do grego dos do latim.

Dividimos a phonologia do portuguez em tres secções. Na primeira, partindo dos sons das linguas fontes, vemos como elles

se acham representados em a nossa; na segunda, partindo ao contrario dos sons da nossa lingua, estudamos quaes lhes correspondem em as linguas fontes buscando assim a etymologia de cada um d'elles. A terceira secção é destinada á *prosodia*, isto é, ao estudo do *accento* e da *quantidade*, em que tomamos por base a comparação dos systemas prosodicos do latim e do portuguez.

Em todo este livro primeiro se mostram os resultados d'um processo a que obedecem todas as linguas conhecidas no curso da sua vida: a *decadencia phonetica*, processo submettido não aos caprichos do acaso senão a leis constantes, que tornam possível analysarmol-o scientificamente. Se uma mesma palavra, por exemplo o latim *catena*, toma em differentes dialectos formas diversas, no port. *cadea*, no hesp. e prov. *cadena*, no fr. *chaine*, no it. *catena*, não se deve concluir que tal diversidade resulta do acaso, do arbitrario, porque a sua causa está em que cada dialecto segue desde começo uma direcção determinada no curso da decadencia phonetica, que o afasta da lingua de que parte, direcção conciliada sempre com as leis geraes da linguagem e as particulares do grupo e da familia d'esse dialecto.



SECÇÃO PRIMEIRA

SONS DAS LINGUAS FONTES

SONS DO LATIM

A. LANCE D'OLHOS SOBRE O SYSTEMA VOCAL E CONSONANTAL DO LATIM

Na tabella a pag. 33 se acham as consoantes dispostas pelos órgãos, indicando-se alem d'isso a sua natureza: assim *f* e *m*

Alphabete latino ordenado physiologicamente

	Consoantes				Vogaes		
	Continuas		Explosivas				
	Asperas	Brandas	Trilladas	Asperas	Brandas	Nasaes	
Gutturaes	<i>h</i>	<i>c, q</i>	<i>g</i>	<i>n</i>	$\left. \begin{matrix} a, \bar{a} \\ i, \bar{i} \end{matrix} \right\} e, \bar{e}$
Palataes	<i>j</i>	
Linguaes	<i>r, l</i>	$\left. \begin{matrix} o, \bar{o} \\ u, \bar{u} \end{matrix} \right\}$
Dentaes	<i>s</i>	<i>t</i>	<i>d</i>	<i>n</i>	
Labiaes	<i>f</i>	<i>v</i>	<i>p</i>	<i>b</i>	<i>m</i>	

são ambas dentaes, mas *f* uma continua aspera e *m* uma explosiva nasal (1).

Os antigos grammaticos chamavam a *r*, *l*, *m*, *n* liquidas, a *c*, *t*, *p*, *g*, *d*, *b* mutas, a *c*, *t*, *p* tenues, a *g*, *d*, *b* medias. Estas denominações são ainda hoje muito usadas pelos philologos. *H*, *j*, *s*, *f*, *v* são tambem denominadas spirantes.

As vogaes *a*, *i*, *u* estão dispostas na tabella pelos orgãos; *e*, *o* de modo que se veja a sua origem. Estas duas ultimas vogaes não são primitivas no indo-germanico: *e* nasceu do diphtongo *ai*, *o* do diphtongo *au*. Alem d'isso vê-se pela disposição da tabella que *e* é um som intermediario entre *a* e *i*, *o* intermediario entre *a* e *u*.

Faltam na tabella as letras duplas (*x*, *z*), e os diphtongos (*ae*, *ai*, *au*, *eu*, *oe*, *oi*, *ui*).

Y era um som grego que os latinos ora representavam por *i* ora por *u*.

«Y. Quam memorant, vocibus avi est latinis:
 «Vocalibus autem quoniam jugata graecis,
 «In nostra etiam verba dabat frequenter usum,
 «Subjecimus illam cui nomen u. dederunt
 «Vocalem.»

diz Terenciano Mauro. O *u* tinha todavia algumas vezes som semelhante ou igual ao do gr. *v*, fr. *u*, all. *ü*, como testemunha a sua mudança em *i* em *optimus* (optūmus) ao lado de *optumus*, *decimus* (decūmus) ao lado de *decumus*. D'esse som, para o qual o imperador Claudio ordenara o signal †, diz um grammatico: *medius inter i et u sonus — pinguius quam i*,

(1) Os principios em que se funda a classificação dos sons apresentada na tabella constituem o objecto de trabalhos especiaes para que o leitor que desejar mais esclarecimentos terá que recorrer. Max Müller *Lectures*, II, pp. 95—152, resume os interessantes trabalhos que os physicos e physiologistas tem feito no campo da voz humana. Nelles e nos trabalhos em que se funda achará o leitor amplas noticias e bem desenvolvidas theorias.

exilius quam u — sonum y graecae videtur habere (Schleicher, *Comp. S.* 83).

Os pares de consoantes compatíveis em latim eram: no começo ou meio das palavras — *cl, pl, bl, fl, — cr, gr, tr, dr* (raro), *pr, br, fr — sc, st, sp, gn*; no fim das palavras — *x (cs), ps, bs, ns, ms, ls — st, nt — nc*. No começo ou no meio das palavras encontram-se os grupos de tres consoantes — *str, stl* (raro), e no fim os grupos *rx (rcs), rps, rbs, nx (ncs), lx (lcs)*. V. Weil et Benloew, *Théorie générale de l'accentuation latine* pp. 152 e sq.

PRONUNCIA. Para conhecimento da pronuncia latina, alem dos recursos que offerece a inducção, achamos quasi todos os esclarecimentos necessarios em os numerosos grammaticos latinos, cujos testemunhos demais concordam no essencial.

Não ha nenhuma duvida de que os latinos pronunciassem as vogaes simples, posta de parte a pronuncia *turvada* que o u tinha nalguns casos raros, do mesmo modo que hoje as pronunciamos, e o mesmo vale a respeito das consoantes *q, d, p, b, v, f, r, l*; mas, pelo que toca aos diphtongos *ae* e *oe* e ás outras consoantes, ha differenças que devem ser indicadas.

Nos diphtongos *áe* e *óe* ouviam-se as duas vogaes distinctamente, mas talvez que no fallar popular o primeiro fosse pronunciado quasi como o *ä* longo dos allemães, e esta conjectura acha-se auctorizada pela troca d'esse diphtongo por *e* (Diez, *Gramm.*, I, 157—158). Os latinos escreviam indifferente-mente *rosai* e *rosae, lunai* e *lunae, Caisar* e *Caesar, coilum* e *coelum, coiperit* e *coeperit*.

O *c* ora sempre pronunciado como *q* e *k*, e gr. *κ* e nunca era = *s*, como o fazem na eschola antes, de *e* e *i*. *K et Q superante numero litterarum inseri doctorum plerique contendunt scilicet quod C littera harum officium possit implere..... non nihil tamen interest utra earum prior sit, C seu Q sive K, quarum utramque exprimi faucibus alteram distento, alteram productu rictu manifestum est*, diz Mario Victorino *Ars Grammatica*, I, VI, na licção de Gaisford). As differenças que os

grammaticos pretendiam achar entre aquellas tres letras eram meras subtilidades como se vê da precedente e outras passagens, e elles, que eram tão subtis, não deixariam de indicar, se ella existisse, a degeneração da explosiva aspera guttural e na spirante dental *s* antes de *e* e *i*. Os latinos nunca confundiam *cinis* (cinza) com *sinis* (consentes) *cervus* (veado) com *servus* (servo, escravo), *citus* (prompto) com *situs* (colocado), etc. Para mais provas v. adiante s. letra *c*.

O *g* nunca se pronunciava em latim como *j*, pronuncia que hoje se lhe dá antes de *e* e *i*: assim *gero*, *gigno* pronunciavam-se *guero*, *guigno* (*gu* com *u* mudo como em *guerra*) e não *jero*, *jigno*. Segundo Wackernagel (ap. Diez I, 249, n.) já no tempo de Ulfilas os romanos teriam pronunciado *g* como *j* atrás d'aquellas vogaes, o que todavia parece duvidoso.

T pronunciava-se sempre *t* mesmo nos finaes *tia*, *tio*, etc.; assim *positio* não se pronunciava *possissio*, senão com a explosiva aspera dental bem definida.

O silencio dos grammaticos, o modo discordante por que as linguas romanas tractam *g* e *t* nos casos indicados, suppõe necessariamente que estas consoantes ainda não tinham degenerado no momento da invasão dos barbaros.

O *n* guttural e o *n* dental não se distinguíam por caracteres particulares; *n* era guttural diante das consoantes gutturaes *c*, *q*, *g* (*n* adulterinum), não assim depois de *g*, logar em que era dental (Schieicher, *Comp.* S. 79).

O *n* e o *m* adiante de vogaes pronunciavam-se do mesmo modo que hoje no italiano, a lingua romana que ficou mais fiel na pronuncia ao latim. Assim em *insanus* pronunciava-se *i-n-sanus* e não *ĩ-sanus*, como se faz na eschola, *impetus* — *i-m-petus* e não *ĩ-petus*, etc. Nos finaes tinha *m* um som obscuro de que fallaremos na mórphologia, quando tractarmos da declinação.

O *h* era para os latinos signal de profunda aspiração: *profundo spiritu, anhelis faucibus, explose ore fundetur*, diz Mario Victorino (Diez I, 255), a cujo testemunho se pode juntar alem d'outros o de Terenciano Mauro:

«Nulli dubium est, faucibus emicet quod ipsis

«H. littera, sive est nota quae spiret anhelum.

O *s*, ao que parece, ainda em latim se não abrandava em *z* (=nosso *z* não lat. *z*): assim *casa* pronunciava-se *cassa*, etc.

O *j* não tinha ainda degenerado em latim na palatal fraca como a pronunciamos em *justiça*, etc. O seu som confinava de perto ao da vogal *i*, de que não se distinguia graphicamente.

O *f* distinguia-se de *ph* na pronuncia: *non tam fixis labris est pronuntianda f, quomodo ph*, diz Priscio.

O *v* parece ter tido um som mais proximo de *u* que o nosso *v*, por quanto elle se confundia muito facilmente com esta vogal, de que não se distinguia na escripta.

O *z* era uma letra dupla, que se encontra nas palavras introduzidas do grego no latim: pronunciava-se *ds* com *s* brando =nosso *z*.

DECADENCIA PHONETICA. Em latim já se trocavam frequentemente algumas letras por outras numa e mesma palavra, como conhecemos pelo testemunho directo dos grammaticos, pelas inscripções, e ainda por formas classicas comparadas com archaicas. Mas essas alterações foram muito limitadas, e ainda grande parte d'ellas não passavam do dominio do fallar popular, desde o momento em que o latim começou a ser submettido á disciplina grammatical até á queda do imperio do occidente. Então a decadencia phonetica lavrou profundamente pelo campo da lingua latina, favorecida pela mudança na prosodia de que resultara a importancia do accentto, e a perda das distincções da quantidade, mudança que já no IV seculo se tinha operado. (V. Secção terceira).

Passemos a analysar os effeitos d'essa decadencia na lingua portugueza.

**B. MODO POR QUE AS LETRAS LATINAS SE ACHAM
REPRESENTADAS NO PORTUGUEZ (1)**

Vogaes

O primeiro facto que se nota quando se estudam as modificações das vogaes na passagem do latim para o portuguez (e em geral para todas as linguas romanas) é que, em quanto as vogaes não accentuadas (2) são tractadas d'um modo quasi accidental, ou em que pelo menos não se podem descobrir regras fixas, as vogaes accentuadas pelo contrario estão sujeitas a leis determinadas e formam «o ponto medio, a alma da palavra»: em torno d'ellas dão-se profundas alterações, são destruidas letras, syllabas inteiras, mas ellas não são arrastadas por esse cataclysmo. A sua importancia na palavra exige pois que as consideremos em primeiro lugar.

I. Vogaes accentuadas

A vogal accentuada ou se conserva immudavel ou é substituida por a que lhe fica mais proxima no som (*e* por *i*, *i* por *e*, *o* por *u*, *u* por *o*), o que depende da *quantidade*, da *posição*, e da *influencia d'outras letras*.

A

Quer longo, quer breve, quer na posição, conserva-se o *a*,

(1) Nas partes que seguem da phonologia foi-nos de grande auxilio Diez, *Grammatik*, Erstes Buch, e *Etymologisches Wörterbuch* passim. A Höfer, *Beiträge Zur Etymologie und vergleichenden Grammatik*, etc. 1: *Zur Lautlehre*, tambem alguma cousa devemos.

(2) Por accento entendemos sempre o accento tonico, caso não declaramos o contrario.

como a mais pura das vogaes inalterado, se outra letra sobre elle não influe: *base, barba, callo, claro, dado* (datum), *damno, fabrica, face, fama, favo, habil, largo, nado* (natus), *palma, ramo, salvo, tal, vacca* (1). Uma excepção unica nos offerece *fome* (fames), em que a mudança do *a* em *o* resultou talvez de se querer evitar a homonymia com *fama* mais largamente do que permittiam as vogaes finaes. Nos Ineditos de Alcobaça e outros escriptos antigos encontra-se ainda *fume*.

INFLUENCIA D'OUTRAS LETRAS SOBRE O A. 1) O *a* pode atrahir uma vogal (geralmente *i*) da syllaba immediata, e da sua mutua influencia resultar o diphtongo *ei*: *celleiro* (cellarius), *eira* (area), *primeiro* (primarius), *caldeira* (caldaria), *dinheiro* (denarius), *janeiro* (januarius), *beijo* (basium), *queijo* (caseus), *cereijo* adj. (ceraseus); mas tambem o diphtongo *ai* apparece no mesmo caso em *aipo* (apium) *raiva* (rabies), e nas formas hoje populares mas frequentes nos antigos escriptos *aversairo* (adversarius), *contrairo* (contrarius), *vairo* (varius) conservada em *desvairar*, etc. 2) A dissolução do *c* atrás de *t* em *i* produz tambem, se essa vogal se acha em contacto com *a*, o diphtongo *ei*: *feito* (factus), *leite* (lactis). 3) Tambem o *a* passa a ser diphtongo antes das duplas *x* (es) e *sc*, o que resulta da dissolução d'uma d'ellas em vogal (a aspera guttural): *feixe* (fascis) por meio d'uma forma **faxis*, *eixo* (axis), *freixo* (fraxinus), *seixo* (saxum), *teixo* (taxus). 4) Em *alegre* (alacris) o *e* da syllaba final reagiu, como observa Diez (I, 136) sobre o segundo *a* original.

E

I. 1. O *e* longo, ou tornado longo pela queda d'uma consoante, conserva-se immudado na maior parte dos casos: *cedo* (cēdo vb.), *cera*, *devo* (dēbeo), *espero*, *femea* (fēmina), *haver*

(1) Quando as formas latinas differem das portuguezas sómente na terminação não as escrevemos. Quando a portugueza assenta sobre o caso obliquo damos o accusativo, e a razão será mais adiante explicada.

(habēre), *peor* (pējor), *sé* e *sede* (sēdes), *remo*, *tres*, *veneno*; *mez* (mensis mēsis), *peso* (peisum pēsūm), *teso* (tensus tēsus).

2. Se o *ē* por syncope d'uma consoante se acha em contacto com *a* ou *o*, alonga-se em *ei*: *aveia* (avēna avēa), *candeia* (candēla candēa), *freio* (frēnum frēo) (1); mas em *veu* (velum) não se alonga o *e*.

3. Em *siso* (sensus, sēsus), e *com-migo*, *com-tigo*, *com-sigo* (mēcum, tēcum, sēcum) ha uma mudança de *ē* em *i*, que, sendo muito activa no francez, parece ser no portuguez um resultado de influencia exterior a essas palavras em que a observamos. *Siso* pode resultar da assimilhação da vogal á do synónimo *juizo*, e *migo*, *tigo*, *sigo* ant. *mego*, *tego*, *sego*, da assimilhação a *mim*, *ti*, *si*.

II. 1. Mais fiel que as outras linguas romanas é o portuguez ao *e* breve, cuja immutabilidade constitue aqui a regra geral: *bem* (hēne), *breve*, *Deus*, *dez* (dēcem), *gemo*, *fera*, *gelo*, *imperio*, *lebre* (lēporem), *leve*, *medo* (mētus), *merito*, *meu*, *velho* (vētulus).

2. Tambem algumas vezes o *ě* se diphtonga: *idea* ou *ideia* (idēa), *queimo* (crēmno); em *meio* (medium) é o diphtongo resultado da attracção.

III. Tambem na posição o *e* se conserva geralmente inalterado: *bello*, *besta*, *cento*, *certo*, *cesso* vb., *decente*, *dente*, *denso*, *ferro*, *fertil*, *fervo* (ferveo), *feira*, *gemma*, *gesto*, *inferno*, *intendo*, *lento*, *membro*, *mente*, *merenda*, *nervo*, *parente*, *pelle* (pellis), *sempre*, *terra*, *verme*. São excepções: 1) as primeiras pessoas do pres. do indic. de alguns verbos: *mintto* (mentio), *sinto* (sentio), *visto* (vestio), *sirvo* (servio); 2) *varro* (verro) unico exemplo que conhecemos de mudança de *e* accentuado em *a*; 3) *isca* (esca), que resulta de a vogal não ser protegida por nenhuma consoante.

(1) Na pronuncia provincial é ouvido em muitos pontos o *e* puro.

I

I. A immutabilidade do *i* longo é regra geral: *castigo*, *amigo* (amīcus), *crime*, *crina*, *digo* (dīco), *abril* (aprīlis), *es-piga* (spīca), *espinha* (spīna), *espírito*, *figo* (fīcus), *filio* (fīlum), *filho* (fīlius), *formiga* (formīca), *fim* (fīnis), *libra*, *lima*, *limo*, *linha* (līnea), *gentil* (gentīlis), *marido* (marītus), *miro*, *lirio* (līlium), *rio* (rīvus), *riso*, *rito*, *riba* (rīpa), *ruina*, *vide* (vītis), *visinho* (vīcinus). Algumas excepções ha: *pega* (pīca), *esteva* ao lado de *estiva*, *crena* (carīna), *escrevo* (scrībo), *leira* (līra).

II. O *i* breve é representado por *e*: *avareza* (avarītia), *bebo* (bībo), *cedo* (cītus), *conselho* (consīlium), *cévo* vb. (cībo), *es-frego* (frīco), *fé* (fīdes), *febra* (fībra), *lenho* (līgnum), *menos* (mīnus), *neve* (nīvis), *negro* (nīger), *inveja* (invīdia), *nedio* (nītīdus), *pez* (pīcem), *pela* (pīla), *pero* (pīrum), *sem* (sīne), *trevo* (trīfolium), *verde* (vīridis), *vez* (vīcis). Nalguns casos porem conserva-se o *i*, principalmente nos polysyllabos: *arbitrio* = *alvidrio* = ant. *alvedrio*, *horriavel* (horrībilis), *família* (1), *justiça* (justītia), *livro* (lībrum), *milho* (mīlium), *ma-leficio*, *legitimo* = ant. *lidimo*, *maritimo*, *serviço* (servītium), *terrivel* (terrībilis), *tigre* (tigris), *vicio* (vītium).

III. Na posição vacilla o *i* entre a immutabilidade e a mudança em *e*: exemplos da segunda são: *aresta* (arista), *bacello* (bacillum), *armella* (armilla), *centelha* (scintilla), *cepo* (cippus), *cabresto* (capistrum), *cabello* (capillus), *crespo* (crispus), *sendo* vb. (findo), *gebo* (gibbus), *letra* (littera), *espesso* (spissus), *metto* (mitto), *secco* (siccus), *selva* (silva), *verga* (virga); da primeira: *bispo* (episcopus), *consisto*, *crista*, *firme*, *grillo*, *lingua*, *simples*, *triste*, *tinnir*, *mil*, *epistola*, *cinco*, *extinguo*, *ministro*, *assisto*, *villa*, *finjo* (fingeo), *quinto*. De particular

(1) Uma forma d'esta palavra na gíria popular é *famelia*.

só ha que notar: 1) que a dissolução de *c* atrás de *t* e na combinação *sc* em *i* em contacto com outro *i* pode produzir tambem aqui o diphongo *ei*: *estreito* (*strictus*), *peixe* (*piscis*); 2) a mudança de *i* em *a* em *canastra* (*canistrum*), *ranger* (*ringere*).

OBSERVAÇÃO. Nas inscrições latinas encontra-se frequen-tes vezes e por *i*: *semol*, *mereto*, *soledas*, *posedet* por *simul*, *merito*, *solidas*, *possidet*, etc. Quintiliano dá-nos a conhecer as formas *magester* (*magister*) = port. *mestre*, *semestre* = ant. port. *sestro*. Deve notar-se que o portuguez em muitos casos fica mais fiel ao latim classico que ao rustico: assim a *leber* (Quintiliano) *vea* e *vella* (Varr.), *fesco* (Inscripc.), *speca* (Varr.) o port. oppõe as formas com o *i* classico: *livre*, *via*, *villa*, *fisco*, *espiga* (Diez I, 146 f.).



I. 1. A inalterabilidade do *o* longo constitue a regra geral: *coroa* (*corōna*), *honra* (*honorem*), *nó* (*nōdus*), *nono*, *nos*, *pes-soa* (*persōna*), *nome*, *como* (*quōmodo*) *sol*, só ant. *solo* (*sōlus*), *vos*, *voto*, suffixo — *oso* — *glorioso*, *jocoso*, *moel* (*mōbilis*), *consolo* (*consōlor*), *ponho* (*pōno*), *ovo* (*ōvum*), *codigo* (*cōdicem* * *cōdicum*), *nobre* (*nōbilis*), *sobrio*, *choro* (*plōro*), *pomo*, *prosa*, *proximo*, *roa* (*rōdo*), *todo* (*tōtus*).

2. Nalgumas palavras acha-se o *ō* representado por *u*: *ou-tubro* (*october*), *almunha* Eluc. (*alimōnia*), *testemunho* (*testimōnium*), *pucaro* (*pōculum*).

II. 1. Ao *o* breve fica o portuguez mais fiel que as outras linguas romanas, que geralmente o alongam em diphongo (p. ex., hesp. — juego, mueve, nuevo): *bolo* termo de jogo (*bōlus*), *bom* (*bōnus*), *boi* (*bōvis*), *docil* (*dōcilis*), *dono* (*dōminum*), *sogro* (*socerem* * *socerus*), *foro*, *fora* (*fōras*), *fogo* (*fōcus*),

jogo (jōcus), *mó* (mōla), *folha* (fōlium), *movo* (mōveo), *morro* (mōrior) = ant. *moiro*, *novo* (nōvus), *povo* (pōpūlus), *obra* (ōpera), *provo* (prōbo), *rosa*, *solho* (sōlum), *voar* (vōlo vb.), *catholico*, *ton* (tōnus), *som* (sōnus), *de-spojo* (spōlium), *ap-poio* (pōdium) *moio* (mōdium).

2. Mudança de *ō* em *u* é verdadeiramente excepcional: *ubro* (cōōperio), *furo* (fōro), ant. *nuzo* ou *nusso* (nōceo), e nestes exemplos facil de explicar pela tendencia para evitar a homonymia, tão activissima na formação das linguas romanas: *cubro* de *cōōperire* coincidiria com *cubro* de * *cuperare* (recuperare), *foro* de *fōrare* com *a-foro* de *foro* (fōrum), *nosso* de *nōceo* com *nosso* de *noster*, *a*, *um*. Em *cōōperio*, alem d'isso podiam os dois *ōō* ter-se contrahido num longo, e então a mudança em *u* era mais facil. Não pretendemos todavia que estas explicações tenham valor absoluto, e só as apresentamos como provaveis. *Tudo* ao lado de *todo* resulta porém innegavelmente de se querer fazer uma distincção phonetica na palavra, accommodada á sua funcção ora pronominal (*tudo*), ora adjectival (*todo*).

3. A attracção pode tambem produzir mudança de *ō* em *e*: *esteira* (stōrea); mas *tesoira* (tonsoria).

III. 1. O *o* na posição é conservado geralmente com fidelidade: *colgo* (colloco), *costa*, *folle* (follis), *porco*, *molle*, *volvo*, *somno*, *monstro*, *morto*, *floco*, *porta*, *porto*, *conforto* (vb. confortar), *mordo* (mordeo), *fosso*, *posso* (possum), *ponto*, *longe*, *salvo*, *prompto*, *forte*, *sorte*, *torno*, *torto*, *orphão* (orphanus), *osso*, *sorvo* (sorbeo).

2. Mudança de *o* em *u* tambem se dá nalguns casos: *durmo* (dormio), *curto* vb. (contero), *pergunto* (percontor), *cumpro* (compleo).

3. Mudança inteiramente excepcional de *o* em *e* nos apresenta *frente* (frontem), em que se deve reconhecêr a influencia do hesp. *fruenta*.

4. A dissolução de *c* antes de *t* em vogal não faz aqui nascer o diphtongo *ei*: *noite* (noctem), *douto* (doctus), *oito* (octo).

U

I. 1. A regra geral é que o *u* longo se conserva: *agudo* (acūtus), *bruma*, *bruto*, *bufalo* (būfalus), *crú* (crūdus), *cura*, *duro*, *fumo*, *confuso*, *humido*, *juiz* (jūdex), *jubilo*, *lume*, *lua* (lūna), *maduro* (matūrus), *nuvem* ou *nuve* (nūbes), *ju-lho* (jūlius), *junho* (jūnius), *muro*, *musica*, *mudo* (mūtus) *escuro* (obscurus), *puro*, *ruga*, *escudo* (scūtum), *seguro* (secūrus), *espuma*, *suco*, *suo* (sūdo), *um* (ūnus), *util*, *uva*, *legume*, *natura*, *saude* (salūtem), *miudo* (minūtus), *ruptura*, *nutro*, *futuro*, *virtude* (virtūtem), *grumo*, *publico*.

2. *Copa* (cūpa), *odre* (ūter), são as únicas excepções que conhecemos á regra precedente.

II. 1. O *u* breve é geralmente representado por *o*: *covado* (cūbitus), *lobo* (lūpus), *joven* (jūvenis), *lodo* (lūtum), *sobre* (sūper), *nora* (nūrus + nūra), *logro* (lūcrum), *cobre* (cūprum), *poço* (pūteum), *hombró* (hūmerus).

2. Conserva-se porém o *ũ* em alguns casos: *fujó* (fūgio), *cunho* (cūneum), *gula*, *rude*.

3. Em *teu* (tuus), *seu* (suus) a mudança do *õ* em *e* resultou da influencia de *meu* (meus).

III. 1. Como o *u* breve é o *u* da posição geralmente representado por *o*: *bollo* (bullus), *tronco* (truncus), *frota* (fluctus), *lombo* (lumbus), *olmo* (ulmus), *onde* (unde), *pollo* (pulus), *polpa* (pulpa), *forca* (furca), *mosto* (mustum sc. vinum), *doce* (dulcis), *colmo* (culmus), *costra* (crusta), *gota* (gutta), *pó* (pulvis + polve), *ponto* (punctum), *rompo* (rumpo), *tordo* (turdus), *tosse* (tussis), *corro* vb. (curro), *froxó* (fluxus), *vergonha* (verecundia), *sóffro* (suffero), *torno* (turnus), *torre* (turris), *en-xofre* (sulphur), *agosto* (augustus), *gosto* (gustus), *forno* (furnus), *mosca* (musca), *onça* (uncia), *popa* (puppis), *roto* (ruptus), *bocca* (bucca), *onda* (unda), *redondo* (rotundus).

2. São numerosas as excepções á regra: *luto* (luctus), *fundo* (mas ant. *fondo*), *profundo*, *furto*, *culpa*, *fusco*, *curvo*, *culto*, *unha* (ungula), *punho* (pugnis), *surdo*, *chumbo* (plumbum), *mundo*, *escuto* (ausculto), *cume* (culmen), *urso*, *fructo* = ant. *fruito*, *nullo*, *buxo*, *justo*, *rustico*, *turvo* (turbus), *purgo*.

3. Em *corisco* vb. *coriscar* (coruscat coruscare) ha um caso inteiramente excepcional de mudança de *u* em *i*.

OBSERVAÇÃO. Já em latim o *u* breve e da posição era frequentes vezes mudado em *o*. Na inscripção da *columna rostrata* ha formas como *primos* por *primus*, *poplom* por *populum*, etc. Mais tarde alguns escriptores usaram *fornus*, *solcus*, *moltus*, *sordus* por *furnus*, *sulcus*, *multus*, *surdus*. Os mais antigos diplomas em baixo latim apresentam formas como *croces*, *somus*, *incorrat*, *onde*, *polsatur*, *fondamentis*, *singoli* por *cruces*, *sumus*, *incurrat*, *pulsatur*, etc. Diez olha estas e algumas outras provas por elle reunidas como testemunhando pela connexão entre a mudança do *u* em *o* em latim com a do *u* em *o* nas linguas romanas (*Grammatik* I, 156, f.).

Y

Já vimos que esta letra tinha sido introduzida do alphabeto grego no latino e qual o seu som. Frequentissimo em palavras da linguagem litteraria, era o *y* muito raro porém em palavras populares, e por isso não admira que nos escacêem exemplos do modo por que se acha representado no portuguez em palavras que não penetrassem pela via da sciencia e litteratura.

1. O *y* acha-se representado por *i* (o que já notámos succedia em latim) nalguns casos: ant. *abisso* (abyssus ἄβύσσος), *lira*, *mirra*, *bisso*, *cisne* (cygnus κύκνος), *grifo*, *giro*.

2. O *y* é tractado como *i* na posição em *gesso* (gypsum γύψος).

3. Como *u* na posição se acha elle mudado em *o* em *bolça* (βύρση mlat. bursa), *torso* (thyrsus θύρσος) (1).

4. Nalgumas palavras é o *y* representado por *u*, som que fica mais perto do original: *gruta* (crypta κρύπτη mlat. crupta), *tumba* (τύμβος) *tufo* (τύφος), *murta* (μύρτος lat. murta myrtus).

AE, OE

1. Estes dois diphongos são representados por *e*: *cego* (caecus), *grego* (graecus), *presto* (praesto), *judeu* (judaeus), *era* (aera), *quero* (quaero), *tedio* (taedium), *ledo* (laetus), *seculo* = ant. *segre* (saeculum); *ceu* (coelum), *seno* (foenum), *pena* (poena).

2. Em *preia* (praeda), *ceia* (coena), etc., o *e* alonga-se em diphtongo como no caso em que nascendo de *e* longo latino, se acha diante d'uma vogal: mas assim como *véu* não *veiu* de *velum*, assim *céu* não *ceiu* de *coelum*.

3. O *i* representando *ae* em *Galiza* (Gallaecia) é uma excepção á regra em que devemos vêr influencia do hesp. *Galiccia*: cf. hesp. *judío* (judeu), *siglo* (seculo), etc.

AU

1. Em regra geral muda-se este diphtongo em *ou* ou *oi*, dois modos de representação que se mantêm um ao lado do outro: *touro* (taurus), *rouco* (raucus), *ouro* (aurus), *pouco* (paucus), *thesouro* (thesaurus), *cousa* ao lado de *causa* para distinguir as formas como se distinguem as ideas, *ouso* (audeo),

(1) A mesma mudança de *y* em *o* se nota na syllaba não accentuada de *tomilho* dim. de * *tomo* (thymum θίμιν) e em *codeço* (cytīsus κύτισος) em que o accentto se deslocou para a segunda syllaba.

louvo (laudo), *pouso* (pauzo) e também *pauzo* com significação apparentada mas distincta, *louro* (laurus), *gouvo* ant. (gaudeo), *chovo* ant. (claudeo), *couve* (caulis), *ou* (aut); ao lado d'estas as formas com *oi*: *coisa*, *toiro*, *moiro*, etc., mas *roico*, *poico*, *oiso*, e outras são olhadas como corrupções e evitadas no fallar correcto.

2. Nalguns casos é *au* representado por *o*: *coda* ant. (cauda), *foz* (faux), *pobre* (pauper). Cp. o fr. *au* = *o*.

3. Algumas palavras mantêm o diptongo com fidelidade, o que em geral testemunha por introdução moderna como em *aura*, *austro*, *fraude*, *laurel*; mas outras, como *causa*, *claustrro*, *Paulo* têm innegavelmente direito a serem olhadas como do fundo da lingua.

4. A labialidade do *u*, que o fazia estar muito proximo de *v* e mesmo das outras labiaes (ainda que em menor gráu) evidencea-se nas linguas romanas peninsulares em formas em que elle seja substituido no diptongo *au* por alguma d'essas labiaes. Os exemplos no portuguez são escassos: ant. *absteridade*, *captela* Eluc. por *austeridade*, *cautela*. Cp. hesp. *Páblo* (Paulus), ant. hesp. *cabsar* (causare), *aptuno* (autumnus).

Pouco ha que notar no que toca aos outros diptongos, dos quaes só *eu* e *ui* reapparecem no portuguez, e ainda em palavras geralmente sem cunho popular e pouco numerosas. Transposição do *u* apparece em *legua* (leuca); *eu* em *Europa*, *Euphrates* e outros nomes proprios, mas mudado em *u* em *chusma* (celeusma * cleusma).

II. Vogaes não accentuadas

Vimos a regularidade dos processos a que se acham submettidas as vogaes accentuadas, cujo valor depende de condições perfeitamente determinadas na sua generalidade. Nas vogaes não accentuadas ao contrario nenhuma condição decide

do seu destino, que assim fica entregue quasi ao acaso, ao arbitrario. Dois pontos differentes se apresentam aqui á nossa consideração: ou a vogal não accentuada se acha em contacto com consoantes (e neste caso incluimos aquelle em que ella está no começo d'uma palavra e seguida d'uma consoante), ou se acha em contacto com outra ou outras vogaes, dando assim nascimento ao hiato. D'estas differentes posições na palavra resultam differentes modos de tractar a vogal não accentuada. A quantidade nem a posição não têm aqui influencia.

1. Vogaes accentuadas fóra do hiato

I. Consideremos em primeiro logar as vogaes não accentuadas atrás da syllaba accentuada. Tres casos são aqui possiveis: 1) conservação da vogal; 2) permutação da vogal por outra; 3) suppressão da vogal.

EXEMPLOS

1. Conservação da vogal: *lagarta* (lacarta pro. lacerta, v. abaixo s. c), *cerejo* (ceraseus), *rebelde* (rēbellis), *sarmento*, *janeyro* (jānuarius), *dezembro* (dēcember), *officio*, *melhor* (mēliorem) *obdiente* ant. *obdinte*, *dever* (debēre), *conceber* (concipere) *inimigo* = ant. *imigo* (inīmīcus) *visinho* (vicinus), *reverencia*, *satisfazer* (sātisfācere), *oliveira* (ōlivaria sc. arbor), *escrever* (escribere pro scribere), *imprimir*, *viver*, *inquirir*, *frigir*, *evāngelho* (evangelium), *historia*, *memoria*, *maravilha* (mirabilia), *feroz* (fērocem), *zeloso*, *mercado* (mercatus), *receber* (recipēre), *abrir* (aperire).

2. Mudança da vogal: *a* em *e*: *espargo* (asparagus), *esmeralda* (smaragdus), *estronomo* juncto de *astronomo* na HGer. *esconder* (abscondere), *ervodo* (arbutus); *a* em *i*: *Ignez* (Agnes, etis); *e* em *o*: *borragem* (berraginem), *oruga* (eruca); *e* em

ou: *ouriço* (ericus); *i* em *e*: *preguiça* (pigritia), *enseja* HTest. III, 179 (insidia), *regar* (rigare), *gengiva* (gingiva), *temer* (timēre); *o* em *e*: *escuro* (obscurus * oscurus), *fermoso* ao lado de *formoso* influenciado pelo ant. hesp. *fuermoso*, mod. hesp. *hermoso*; *u* em *o*: *ortiga* (urtica); *u* em *ou*: *ourina* (urina); *ae* em *a*: *arame* (aeramen); *au* em *a*: *agosto* (augustus), agouro (*augurium*); *au* em *e*: *escutar* (auscultare).

3. Supressão da vogal: *a*) vogal não protegida por consoante: *cume* (acumen), *Pulha* HGer. c. IV (Apulia), *tonto* (attonitus), *bispo* (episcopus), *Merida* (Emerita), *cris* pop. (eclipsis ecrise), *salobro* (insaluber?), *namorar* (* inamorare), *no* (em (in) — o), *sanha* (insania); *cajão* GVic., etc. (ocasião), *reginal* Eluc. (original), *relogio* (horologium = orologium), *Lisboa* (Olysipo, Ulysipona S. Isidor.), *licorne* (unicornis); *b*) vogal entre consoantes: *triaga* (theriaca), *brilhare* (beryllus * berryllare), *palafrem* (paraveredus), *crena* (carina), *gritar* (quiritare), *cronha* (corona) ao lado de *corôa*.

II. 1. A vogal immediata á syllaba accentuada está sujeita á syncope que attinge sobre tudo o *i*, do que abundam os exemplos; nalguns casos porém conserva-se. Exemplos da syncope: *golpe* (cōlāphus κολαφος blat. colapus), *obra* (opera), *ermo* (erēmus), *senda* (semīta), *andes* (amites sc. basternarum, Pall.), *conde* (comitem), *sirgo* (serīcus), *manga* (manīca), *posto* (posītus), *caldo* (calīdus), *dono* (dominus * domnus), *segre* GVic. (seculo).

OBSERVAÇÃO. Já em latim era frequente a supressão de vogaes immediatas ás syllabas accentuadas, mesmo nos periodos ante-classico e classico, que nos offerecem *caldus* por *calidus*, *hercle* por *hercule*, *lamna* por *lamina*, *valde* por *valide*, *vinclum* por *vinculum*, *cante* por *canite* (Carm. Sal.), *saeculum* por *saeculum*, *spectaclum* por *spectaculum*, etc. Diez I, 164, Weil et Benloew, Théorie gén. de l'acc. lat. pp. 179, sq.).

2. Algumas vezes a syllaba final é inteiramente destruida

influenciando todavia a sua vogal sobre a accentuada. Este caso, de que não são numerosos os exemplos, dá-se tanto nos paroxytonicos como nos proparoxytonicos. Exemplos: *pago* por *pacado* (pacatus), *cordo* por *cordato*, *manso* (mansuetus), *caco* (cācābus κκκκκβος), *beco* (viculus), *fino* (finitus), *povo* (pōpūlus) *trevo* (trifolium), *diabo* (diabolus), *cabido* (capitulum). V. adiante sub l.

3. As vogaes finaes ou tornadas finaes por apocope de consoantes são tractadas d'um modo regular, sujeito a muito poucas excepções. *A*, *e*, *o* conservam-se, o *i* é mudado em *e*, o *u* em *o*. Assim: *agua* (aqua), *rosa*, *boa* (bona), *chaga* (plaga), *face* (facie-s), *nume* (nume-n), *nome* (nome-n), *especie* ou *especia* pop. (specie-s), *tarde*, *boamente* adv. (bona-mente), *poude* (potu-i * pouti, por attracção) *amo* vb. *tenho* (teneo), *cavallo* (caballu-s), *dono* (dominu-s), *fructo* (fructu-s), *templo* (templu-m). A distincção d'essas vogaes, tão faceis de se confundirem nalguns casos, mantem-se geralmente com notavel exactão. Assim diz-se *padrE* (patEr patrE-m), mas *sogrO* (socerU-m * socrU-m). V. morphologia, *declinação*.

2. Vogaes não accentuadas no hiato

Se duas vogaes em diferentes syllabas da mesma palavra se acham em contacto, a regra geral é que esse contacto se destrua, o que se faz principalmente 1) por elisão, 2) por attracção da primeira vogal, 3) por contracção, 4) por introdução d'uma consoante.

Considerados pelo que respeita á sua origem são esses contactos ou hiatos de tres especies: 1) hiatos já existentes nas palavras simples latinas; 2) hiatos resultantes da composição; 3) hiatos resultantes da syncope de consoantes.

I. HIATOS JÁ EXISTENTES NAS PALAVRAS SIMPLES LATINAS.

A. Quando o accentto está sobre a primeira vogal do hiato a

destruição d'este é mais rara: *heroe*, *dia* (dies), *via*, *pio*, *deus*, *meu*, *destruir* (destruere), etc. Algumas vezes porém o hiato é destruído como, por exemplo, em ant. *trager* = mod. *trazer* (trahere tra-ere) por introdução de consoante, em *parede* (parietem), *abeto* (abietem), por contracção, em *dous*, *dois* (duos) por inversão de vogaes a fim de produzir diphtongo. *Grou* (grus gruis) suppõe necessariamente a existencia d'uma forma intermediaria *gruo*.

OBSERVAÇÃO. Em latim já o hiato nas condições indicadas era algumas vezes evitado pela introdução d'uma consoante. Assim achamos um *v* introduzido entre *u* e *o* em *fu-v-i* Ennio por *fui*, *flu-v-ius* ao lado de *fluo*, *plu-v-ia* ao lado de *pluit*, *vidu-v-ium* ao lado de *viduus*, *viduitas*, *flu-v-idus* ao lado de *fluidus*. Em connexão immediata com este facto estão as formas port. *chove* (pluit), *viuvo* (viduus).

B. Quando o accento não está sobre a primeira vogal do hiato, e essa vogal é um *i*, *e*, ou *u* (dessidium, debeo, ruina) a destruição do hiato é a regra geral.

1. As combinações de vogaes com *i* e *e* são tractadas como sendo o *e* identico a *i*: assim *ia* = *ea*, *ius* = *eus*, etc. Já em latim ellas se confundiam. Os grammaticos offerecem *alleum*, *toleum*, *palleum*, *sobreus*, como erros por *allium*, *dolium*, *pallium*, *sobrius*. O *Appendix ad Probum* diz: *cavea*, *non cavia*, *brattea*, *non brattia*; *cochlea*, *non cochlia*; *lancea*, *non lancia*; *solea*, *non solia*; *balteus*, *non baltius*; e exemplos semelhantes se encontram nas inscrições e nos documentos em baixo latim (Diez I, 167). Ora nessas combinações os latinos pronunciavam o *i* não como vogal senão como consoante palatal (*j*) a fim de evitar o hiato. Essa pronuncia porém deve ter sido popular, porque os poetas classicos empregam *ie*, *ia*, *ea*, etc., como dissyllabos, e apenas os comicos os usam como monosyllabos: é assim que elles dão *abiete*, *ariete*, *fluviorum* como trissyllabos, o que já se quiz exprimir com razão escrevendo *abjete*, *arjete*, *fluwjorum* (Diez l. c.). Nas linguas romanas

essa tendencia para a destruição do hiato ganha muito maior extensão e lança mão de diversos meios. A consonantisação do *i* dá-se ainda, mas a sua pronuncia depende da consoante que o precede e com a qual elle é reduzido a um unico som; outras consoantes porém fazem-lhe conservar a sua vocalidade.

a. Liquida com *i* consoante. Se o *i* se acha adiante de *l* e *n* abranda, *molha* estas duas consoantes, i. e., funde-se com ellas em um unico som.

Adiante de *l*: *alho* (allium), *conselho* (consilium), *filho* (filius), *maravilha* (mirabilia), *mulher* (mulier), *palha* (palea), *batalha* (battalia pro batualia), *aiheo* (alienus), *evangelho* (evangelium), *valha* (valeat), *milho* (milium). Excepções: *oleo* (oleum), *exilio*, etc. Em *lirio* (lilium) o abrandamento do *l* foi obstado por a sua mudança em *r* em resultado de dissimilhação.

Adiante de *n*: *banho* (balneum), der. *calcanhar* (calcaneum), *ingenho* (ingenium), *vinha* (vinea), *vergonha* (verecundia * verecunnia), *tenho* (teneo), *cunho* (cuneum), *castanha* (castanea), *extranho* (extraneus), *Minho* (Minius), *sonho* (somnia), *junho* (junius), *linha* (linea), *campanha* (campania), *testemunho* (testimonium). Em *granga* ant. *granha* (granea) o *i* degenerou em sibilante, assim como em *extrangeiro* (* extranearius * extranjarius).

Adiante de *m* conserva-se o *i* como vogal sendo algumas vezes supprimido como em *vindima* (vindemia) em que reconhecemos todavia a sua influencia sobre a vogal accentuada.

Adiante de *r* nas formas proparoxytonicas *ari* (*us, a, um*) *eri* (*us, a, um*), *ori* (*us, a, um*) é o *i* attrahido pela vogal accentuada, e forma com ella um diphtongo: *cavalleiro* (caballarius), *dinheiro* (denarius), *carcereiro* (carcerarius), *primeiro* (primarius), *janeiro* (januarius), *celleiro* (cellarius), *febreiro* (februarius), *notairo* ant. (notarius), *vigairo* ant. (vicarius), *salayro* ant. (salarium), *eira* (area), *feira* (feria), *madeira* (materia), *mosteiro* (monasterium), *cativeiro* (captiverium), *coiro* ou *couro* (corium), *ajudoiro* Eluc. (adjutorium), *aradoiro* Eluc. (aratorius), *bebedouro* (bibitorium), *esteira* (sto-

rea), *agouro* (augurium), *Douro* (Durius), comp. *sal-moura* (muria). As citadas formas antigas são ainda hoje usadas pelo povo, que ás outras formas corrigidas por influencia do latim classico oppõe as que se conformam melhor ao genio da lingua, e diz assim *historia*, *glóira* ou *groira*, *vairo* (cf. *desvairar*), *memoira* por *historia*, *gloria*, *vario*, *memoria*, etc. Em *morro* (mорий), desapareceu o diphtongo, reforçando-se o *r*; nos antigos escriptos, CDD, TCant. etc., encontra-se *moiro*, *moirer*.

b. Sibilante com *i* consoante. — Adiante de *s* e *t*, *c* tractadas como sibilantes (*t* e *c* = *ç*) em geral desaparece o *i* e conserva a consoante o seu valor proprio; *s* é porém representado em muitos casos por port. *j*.

Adiante de *s*: *cajão* GVic. (occasionem), *cerveja* (cervisia), *egreja* (ecclesia), *mansão* (mansionem), *pensão* (pensionem). Attractão em *beijo* (basium); *feijão* (phaseolus), *queijo* (caseus), *faisão* (phasianus).

Adiante de *t*: *justiça* (justitia), *preguiça* (pigritia), *praça* (platea), *preço* (pretium), *março* (martius), *lenço* (linteum), *lençol* (linteolem), *espaço* (spatium), *cubiça* (* cupiditia), *differença* (differentia), *presença* (presentia). *T* = *z* em *dureza* (duritia). Apocope da vogal em *abestruz* (avis struthio). *T* = *ch* em *chrischão* HGer., etc., (christianus), depois mudado em *christão* por assimilhação á forma latina. O *i* conserva-se como vogal em *palacio* (palatium), ao lado de *paço*, *Ignacio* (Ignatius), etc. As formas em *tio tionis* são, pelo que toca ao *i*, tractadas como as em *sio sionis*: *posição* (positio), *ligação* (ligatio), *conservação* (conservatio), etc.; v. mais abaixo onde tractamos de *t* e *s*.

Adiante de *c* e os seus equivalentes *ch*, *qu*: *braço* (brachium), *face* (facies), *a-meaça* (minaciae), *calço* (calcio), *faço* (facio), *feitiço* (facticus), *vinhaça* (vinacea), *terraço* (* terraceus). *C* = *z*: *praza* (placeat), *juizo* (judicium).

c. Adiante das medias (*g*, *d*, *b*) e da spirante *v* o *i* é pronunciado como vogal, ou tem a pronuncia degenerada que adquiriu a consoante palatal latina nas linguas romanas. No pri-

meiro caso se uma vogal o precede em consequencia da queda d'uma consoante, reune-se com ella em diphtongo. A attracção é aqui excepcional, a degeneração do *i* em port. *j* frequente.

Adiante de *g*: *faia* (fagea), *correia* (corrigha), *navio* (navigium), *região* (regionem), *ensaio* (exagium), *prodigio*, *litigio*, *elogio* com mudança do accento para o *i*. Queda do *i* em *fuj*o (fugio).

Adiante de *d*: *a-poio* (podium), *moio* (modium), *raio* (radius), *baio* (badius), *meio* (medius), *perfia* ant. (perfidia), *fastio* (fastidium), *assedio* (* assedium), *diabo* (diabolus). O *i*, no caso de queda do *d* é tambem representado por *j*: *inveja* (invidia), *desejo* (dissidium), *hoje* (hodie), *jornal* (* diurnalibus diurnus), *orge* Eluc. (hordeum). Mudança de *di* em *ç* se nota em *ouço* (audio), *arço* Eluc. GVic. (ardeo).

Adiante de *b*: *marroio* (marrubium). Attractão: *raiva* (rabies), *ruivo* (rubeus). Mudança de *i* em *j*: *haja* (habeam), *sage* HGer., etc. (*sabius* por *sapius*) que suppõem as formas intermediarias *haia*, *saie*.

d. Adiante de *v*: *sergente* (servientem), *ligeiro* (leviarius), *fojo* (fovea), *alveo*, *diluvio*, *lixiria*, *gavia* (careia). Queda do *i* em *sirvo* (servio), etc.

Adiante de *p*: attracção em *aipo* (apium), *caibo*, *saiba* (sapiat).

OBSERVAÇÃO. As excepções ás regras precedentes encontram-se sobre tudo nas palavras de introdução posterior á formação da lingua que apresentam a sua forma latina inalterada tanto quanto o genio da lingua permite.

2. Se o *u* não accentuado é a primeira vogal do hiato (*ua*, *ue*, *ui*, *uo*, *uu*) usa a lingua ainda processos semelhantes aos que acabamos de examinar. Em *agua* (aqua), *egua* (equa), *Manuel* (Emanuelis), *attribuo*, etc., mantem-se o hiato. Elisão: *bato* (batuo), *cuspo* (conspuo), *coso* (consuo), *morto* (mortuus), *janeiro* (januarius), *fevreiro* (februarius), *contino* subst. (continuus), *atrevo* (attribuo). Attractão: *poude* (potuit), *houve* (habuit), *soube* (sapuit). Abrandamento de *n* em *runha* ant.

(ruina); cf. *arrunhamento*, *arrunhar* Eluc. Introducção de *v*: *viuvo* (viduus * viuus), *teve* (tenui * teui).

II. *HIATO RESULTANTE DA COMPOSIÇÃO*. — O processo empregado para destruir esta especie de hiato é a elisão: *cobrir* (cooperire), *dourar* (de aurare), *donde* (de unde), *antolho* (ante oculum), *manobrar* (maniobra). Nas palavras de introducção ou formação moderna não se tracta tanto de evitar o hiato: *preesistir*, *coetaneo*, *ponteagudo*, *cooperar*, *reintegrar*, *reanimar*, *rearguir*, *reagir*, *entrebriar*.

III. *HIATO RESULTANTE DE SYNCOPE DE CONSOANTE*. Esta especie de hiato é muito frequente, por isso que muitas consoantes são syncopadas entre vogaes.

1. Contracção: *pombo* (palumbus * paumbo), *sello* (sigillum * siilo), *mestre* (magister * maister), *déste* (dedisti * de-esti), *ver* (videre * vier), *ler* (legere * leer), *comer* (comedere * comeer).

2. Introducção de consoante (geralmente *v*): *couve* (caulis * cauis), *chouvir* Eluc. (claudere * clauere), *ouvir* (audire * auire), *prouve* (placuit * plauit), *jouve* ant. (jacuit * jauit), *gouvir* Eluc. (gaudere * gauere). No CDD. etc., encontram-se *loar*, *oyr* por *louvar*, *ouvir*.

HIATO NO LATIM. Alem dos exemplos que já demos das manifestações da lei da destruição do hiato no latim acrescentaremos mais alguns para mostrar que o que se dá no portuguez está em intima connexão com o que se dava na lingua mãe. *Amo* vinha de * *amao*, cf. *ama-tis*, etc.; *amarunt* de *ama(v)erunt*; *c̄-go* de *coigo*; *equō*, *hortuō*, etc., de *equōi*, *hortuōi*, etc.; *diē*, *fidē* (gen. dat. sing.) *diēi*, *fidēi*, etc.; *s̄s* de *siēs* (Schleicher, *Comp.* § 51).

OBSERVAÇÕES GERAES ÁS VOGAES

O processo regular a que estão submettidas as vogaes ac-

centuadas, constitue aqui o phenomeno mais importante. As vogaes accentuadas não estão sujeitas á syncope, a qualidade de algumas depende da quantidade, á original das outras é a lingua fiel, a menos que uma influencia exterior a ellas não produza mudança. Toda a alteração na sua qualidade se move num circulo estreito: assim *a* muda em *e*, *e* em *i*, *i* em *e*, *o* em *u*, *u* em *o*; mas outras mudanças são inteiramente excepçoes, e ainda não ultrapassam certos limites; *a* por exemplo nunca é representado por *u*.

A distincção perfeita, que o italiano faz entre as longas e breves accentuadas, excepto o *a*, [*credo* (crēdo), *diece* (dēcem), *fido* (fidus), *fede* (fides), *solo* (sōlus), *luogo* (lōcus), *lume* (lūmen), *covo* (cūbo)], distincção já menos rigorosa no hespanhol, provençal, francez e valachio, observa-se no portuguez só nas vogaes *i* e *u*. A causa principal d'isto está em que naquellas linguas o *e* e o *o* breves accentuados são alargados em diphtongos (*ē* = *ie*, etc.), o que permite que se distingam perfeitamente das longas que conservam a sua qualidade latina, e em que o portuguez, tendo negação completa por alongar assim vogaes em diphtongos, não podia lançar mão d'esse meio, o unico que se offereceu ás novas linguas. Mas assim como as suas irmãs muda o portuguez o *i* e *u* breves accentuados respectivamente em *e* e *o*, e mantem o *a* accentuado geralmente inalterado.

Tendo só em vista as regras geraes construimos a seguinte tabella em que se vê como se acham representadas no portuguez as vogaes accentuadas do latim. As vogaes latinas vão em maiusculo, as portuguezas em minusculo:

	longa	breve	posição
<i>A</i>	<i>a</i>	<i>a</i>	<i>a</i>
<i>E</i>	<i>e</i>	<i>e</i>	<i>e</i>
<i>I</i>	<i>i</i>	<i>e</i>	<i>e, i</i>
<i>O</i>	<i>o</i>	<i>o</i>	<i>o</i>
<i>U</i>	<i>u</i>	<i>o</i>	<i>o, u</i>

Diphthongos	<i>AE</i>	<i>e</i>
	<i>OE</i>	<i>e</i>
	<i>AU</i>	<i>ou</i>

A indicada negação que o portuguez tem por alongar vogaes em diphtongos deve ser olhada como uma peculiaridade que o distingue das outras linguas romanas, e por este lado podel-o-iamos comparar com o latim, mas nenhuma connexão historica se deve conjecturar entre o que neste ponto se dava nesta lingua e o que se dá em portuguez. Demais á nossa lingua tem um muito maior numero de diphtongos, de especies diversas segundo a sua origem: 1) diphtongos resultantes de diphtongos latinos; 2) diphtongos resultantes da attracção; 3) diphtongos resultantes da queda de consoante; 4) diphtongos resultantes da dissolução d'uma consoante em vogal; 5) diphtongos resultantes do alongamento d'uma vogal. Esta quinta especie é por assim dizer constituida por excepções, mas as quatro primeiras resultam de processos regulares, inteiramente conformes ás tendenciãs geraes da lingua. Pelo que toca á primeira especie basta o que dissemos a pp. 46, sq.; as outras merecem porém aqui a nossa attenção.

Da segunda especie de diphtongos temos apresentado já numerosos exemplos: assim *vairo* nasce de *varius*, *raiva* de *rabies*, *houve* de *habuit*, *soube* de *sapuit*. A attracção é um processo frequentissimo em todas as linguas romanas, e a que estão sujeitas as vogaes *e*, *i*, *u* não accentuadas quando são as primeiras nos hiatos. A vogal attrahente é sempre a accentuada. A attracção é favorecida pelas consoantes *l*, *r*, *n*, *s* principalmente, e só se exerce da vogal accentuada a da syllaba que immediatamente se lhe segue (1).

Exemplos da terceira especie são: *dae* (date), *amaes* (amatis amades), *sois* (* sutis sodes).

(1) Höfer nega a realidade da attracção: *vairo*, segundo as ideas d'elle, resultaria do alongamento da vogal accentuada (*vairius*), seguido da queda do *i* do hiato. Diez mostrou que essa opinião não tem fundamento.

Numerosos exemplos da quarta especie serão apresentados na parte que tracta das consoantes. Indicaremos porém aqui já alguns. 1) Diphtongos resultantes da dissolução d'uma guttural: *auto* (actus), *feito* (factus), *teuto* ant. (tectus), *peito* (pectus), *leite* (lactis), *outubro* (october), *oito* (octo), *lei* (legem), *rei* (regem), *grei* (gregem). 2) Diphtongos resultantes da dissolução d'uma lingual: *bobo* (balbus + baubus), pron. *boubo*, *outro* (alter). 3) Diphtongo resultante da dissolução d'uma dental: *cadeira* (cathedra).

Exemplos da quinta especie são: *estou* (sto), *sou* (sum + so), *freio* (frenum), *aveia* (avena). Esta especie de diphtongos é como já dissemos pouco numerosa, nada nos offerece que possa ser comparado aos diphtongos que nas outras linguas romanas representam breves accentuadas ou vogaes na posição, como hesp. *bien*, *diez*, *miel*, *bueno*, *fuego*, *ciento*, *miembro*, etc.

Não têm ainda sido sufficientemente explicadas todas as excepções ás regras geraes que dominam o tractamento das vogaes accentuadas nas linguas romanas. Pensamos que em nenhuma d'essas excepções ha mero capricho do acaso, com quanto as suas causas muitas vezes nos escapem. Alguns exemplos apresentámos já que justificam até certo ponto o nosso pensar. Apresentaremos ainda outro, em que se verá que influencia notavel exercem as letras umas sobre outras.

Notamos a p. 40 a troca excepcional do *e* na posição *i* em *sinto* (sentio), *mino* (mentio), etc. A causa d'isto está na influencia que o *i* formal, caracteristico da 4.^a conjugação latina, exerce, cahindo sobre a vogal radical. No conjunctivo pres. observa-se o mesmo: *sinta* (sentiam), *sintas* (sentias), *sinta* (sentiat), etc. Onde o *i* se conserva, ainda que modificado, o *e* permanece inalterado: *sentes* (sentis), *sentimos* (sentimus), *sentia* (sentiebam), *senti* (*sentivi). A forma *sentem* (sentiant), que contradiz a regularidade do processo, é facil de explicar. O *i* de *sentiant* cabe realmente, e é o *u* que se muda em *e*: cf. ap-*plaudem* (plaudunt), *pedem* (petunt), etc.; mas o *e* formal reage a seu turno sobre o *i* nascido do *e* ra-

dical, e faz-lhe mudar a qualidade. *Sentem* supõe assim um intermediario *sintem*. É esta ultima forma historicamente identica ao *sintem* do nosso povo, ou é este simplesmente um resultado da influencia do *i* de *sinto*, *sinta*? Será talvez mais exacto responder affirmativamente á segunda parte da disjunção: um criterio seguro falta porém aqui.

A syncope das vogaes não accentuadas é um processo inteiramente conforme ás tendencias simplificadoras das linguas romanas. O accento mostra aqui a sua influencia: a syncope attinge sobre tudo a vogal da syllaba que segue immediatamente aquella em que se acha. Nas linguas romanas todo o corpo da palavra tenta, por assim dizer-se, concentrar-se no accento, o que traz consigo violentas contracções e syncopes. Exemplos notaveis d'isto são: *quelha* (canalícula), *funcho* (foeniculum * foenic'lus), *dom* (dominus). A accção do accento exerce-se menos sobre a vogal da syllaba que precede aquella em que se acha, mas não faltam exemplos d'essa influencia retro-activa, cf. p. 49.

A apherese da vogal não accentuada não parece ser determinada por nenhuma condição especial. Em *xofrango* (ossi-fraga) o *o* destruido parece ter influenciado o *i* seguinte.

Por contracção absorve-se a vogal não accentuada na accentuada: *ver* (vidēre vier), *vinte* (viginti viinti), *quedo* (quietus), *Jorge* (Georgius), *cor* (color coor), *dor* (dolor door).

A destruição do hiato é a mais notavel manifestação do amor da euphonia nas linguas romanas. O portuguez usa aqui os mesmos processos que as linguas irmãs. Na consonantisação do *i*, seguida da sua fusão num som com *l* e *n* e na attracção consistem os mais notaveis phenomenos que nesta parte se oferecem á nossa attenção.

Consoantes

O modo por que são representadas as consoantes depende principalmente da sua posição na palavra, pelo que as distinguimos em iniciais, mediaes e finais, de serem simples ou se acharem germinadas, combinadas ou articuladas. As combinações e articulações podem distinguir-se em originaes e não originaes: as primeiras são as que já existiam no latim (*crassus*, *septem*, *miscere*, *studium*, *stratum*, etc.), as segundas as que resultam da queda d'uma consoante (*c'rena* = *carina*, *sept'mana* = *septimana*, *aest'mare* = *aestimare*, etc.). Como a lingua tracta umas e outras de igual modo, não as separaremos aqui.

A disposição das consoantes em as paginas seguintes é um pouco diverso d'aquella em que se acham dispostas na tabella a p. 33, a razão do que damos adiante.

EXPLOSIVAS ASPERAS

Guttural (c)

Esta consoante é ora tractada como guttural, ora como spirante dental. Um terceiro modo de a representar revela influencia estrangeira.

I. 1. Atrás de *o*, *u* e em geral atrás de *a* conserva *c* o seu valor como guttural, dependendo a sua qualidade da posição na palavra.

Inicial, lat. *c* = port. *c*: *canna*, *cadella* (catella), *cabresto* (capistrum), *causa*, *coito*, *cobra* (coluber), *cor* (color), *cortiça* (cortix * corticia), *costa*, *corvo* (corbus), *culpa*, *cunho* (cureum), *curar*, *curvo*, *cultura*. Ha excepções em que o *c* nessa posição se acha representado por a media (*g*); assim *gamella*

(camella), *gato* (catus), *gurgulho* (curculio), *gavea* (cavea). Em *gurgulho* ha um resultado da assimilhação: o segundo *c* mudado em *g* influiu sobre o primeiro.

Medial lat. *c* = port. *g*: *agulha* (acicula * acucula), *bigorna* (bicornis), *cego* (caecus), *cegonha* (ciconia), *cugulla* (cuculla), *diago* ant. (diaconus), *umbigo* (umbilicus), *dração* (draconem), *empregar* (implicare), *amigo* (amicus), *alugar* (adlocare), *clerigo* (clericus), *espiga* (spica), *figo* (ficus), *Fagundo* nom prop. ao lado de *facundo*, forma de introdução moderna, *formiga* (formica), *lago* (lacus), *lagosta* (locusta), *pega* (pica), *loriga* (lorica), *manga* (manica), *perguntar* (percontare), *segundo* (secundus), *segar* (secare), *seguro* (securus), *vagar* (vacare). Ha algumas excepções em que o *c* se conserva inalterado como *cuco* (cuculus), *pouco* (paucus), *circo*, *rouco* (raucus), *seculo* (saec.) = *segre* em GVic. etc., *cloaca*, *caduco*. Tambem a tenue resiste ao abrandamento em os suffixos *icus*, *icare*: *medico*, *rustico*, *musica*, *replicar*, *applicar*, *indicar*, *justificar*. Mas *empregar* (implicare), o ant. *justifigar*, etc., mostram bem a tendencia que a lingua manifesta por dar á regra do abrandamento a maior generalidade.

OBSERVAÇÃO. Já em latim se dava o abrandamento da tenue guttural, com quanto os exemplos sejam escassos: assim *negotium* de *nec otium*, *gummis* de *γομμι*, *Saguntus* de *Σάκυνθος*. No antigo mlat. abundam elles (Diez I, 227).

2. A mudança de *c* inicial e medial em *ch* atrás de *a* que se observa nalgumas palavras não é propria ás leis organicas do portuguez e aponta para o francez, em que tal mudança é regular. Assim *chapiteu* ao lado de *capitel* = fr. *chapiteau* (capitellum), *chapeu* = fr. *chapeau* (dim. de *copa*), *chancellaria* = fr. *chancellerie* (cancellaria), *charrua* = fr. *charrue* (carruca). Estas e semelhantes formas são propriamente gallicismos, e em geral antigos na lingua.

3. A syncope do *c* atrás de *u* e precedido d'outra vogal é muito rara: *deão* (decanus), *bispo* (episcopus). Em *cuvilheira*

(cubicularia), *olho* (oculus), *malha* (macula), *ovelha* (ovicula), *navalha* (novacula), e em geral nas palavras em *aculus*, *eculus*, *iculus*, *oculus*, *uculus*, quer o *c* pertença á raiz quer ao suffixo, não ha, como ao primeiro aspecto poderia julgar-se, syncope d'este som seguido do abrandamento do *l*, senão queda da vogal entre *c* e *l*, de que resulta a articulação *cl*. V. abaixo *s. l.*

II. O *c* final é supprimido, nasalisando-se todavia a vogal que o precede: *sim* (sic), *nem* (nec). Um phenomeno semelhante se dá, mas excepcionalmente, no interior das palavras, por exemplo, em *pente* (pecten), *pintor* (pictor), *pinto* (pictus).

III. 1. Atrás de *e*, *i*, *ae*, *oe* degenera a tenue guttural em a spirante dental dura *s* = *ç*, ou na spirante dental branda *z*. Em todas as linguas romanas o *c* nessa posição perdeu o seu valor como guttural; os modos de representação differem porém um pouco. O italiano e o valachio exprimem-no por uma spirante palatal dura *ç*, o francez, o provençal, o hespanhol geralmente como o portuguez. Eis como Diez traça a historia d'essa importante alteração phonetica, historia que, como elle observa, não é sem obscuridade.

«1) Pode ser olhado como demonstrado que em quanto durou o imperio romano do occidente o *c* diante de todas as vogaes valia como o gr. *κ*. 2) Que tempo essa pronuncia tenha subsistido depois da queda do imperio do occidente não se deixa rigorosamente determinar; que ella não desapareceu immediatamente permittem que se conclua as palavras latinas introduzidas no teutonico, em que, como em *keller* (cellarium), *kerbel* (cerefolium), *kerker* (carcer), *kicher* (cicer), *kirsche* (cerasus), *kiste* (cista), *ce ci* eram pronunciados como *ke ki*, porque estas palavras só depois dos grandes estabelecimentos germanicos no solo romano, não em consequencia de contacto anterior entre germanos e romanos, pois o seu numero é muito grande, podem ter-se arraigado em o teutonico. 3) Em

documentos de Ravenna e d'outras partes, dos seculos VI e VII, são muitas vezes formas latinas transcriptas em caracteres gregos e *c* então antes de *e* e *i* representado por χ . Exemplos são: δεκει por *decem* (Marini, *Papiri diplomatici* p. 172), φεικτ, δεκιμ por *fecit, decem* (Maffei *Istor. dipl.* p. 167, Marini p. 186), πακειφικος, βενδετρικαι, φεικαερομ por *pacificus, venditrice, fecerunt* (Maff. 166, Mar. 188 do anno 591), δωνατρικι, κρουκες, φικετ, βικεδωμενον por *donatrice, crucis, fecit, vicedominum* (Maff. 145, Mar. 145). Estes documentos remontam ao VI seculo; noutras talvez um pouco posteriores lê-se ainda φικετ (Mar. p. 140), κιβιτατε por *civitate* (id. p. 142). Num documento latino do anno 650 (Maffei p. 171) ha *quaimento* por *caemento* assim *qu* por *c*. Agora a questão é: deve o gr. χ só simplesmente representar o signal lat. *c*, ou deve elle exprimir o som guttural? Como o que escrevia se applicava seguramente a representar geralmente o som vivo, e d'ahi por exemplo punha irreflectidamente αννομερατους, σοςκρψι, λεγιτορ, encostando-se á orthographia latina, assim é a primeira idea difficil de admittir. Os gregos posteriores escreviam correspondentemente τζερτα, ιτζερτος = *certa, incertas* (nas Basilicas). 4) Ainda pelos fins do seculo VI exprimiam os sacerdotes romanos na Grã-Bretanha a tenue guttural do anglo-saxão sempre com *c*: *CÈNE audax, CILD infans, CYNING rex*, e os mais antigos documentos em alto allemão mostram o mesmo uso. 5) Primeiramente deve o *c* atrás de *i*, seguindo-se outra vogal, ter recebido a pronuncia do all. *z* (*tz*). *Ci* é nessa posição muitas vezes trocado com *ti*: escreve-se *solacio, perdicio, racio, eciam, precium*, junto de *solatio*, etc., e ao mesmo tempo era esse *c* ou *t* representado por meio do gr. ζ ou τζ ou tambem por meio do lat. *z* (*onzias* por *uncias* Mar. *Ant.* II, 23, do anno 715?). Junto d'este ζ é tambem ainda τ usado: πρετιο, τρεσιντια, e por *cia* apparece κια, etc.: γενεκιανι, ροστικειανα, ουνκιααρων por *geneciani, rusticiana, unciam*, até πρεκειω está uma vez em logar de *pretio* (Maff. 166), χ assim por *t*; cp. num documento gotico de Arezzo, presumivelmente do começo do seculo VI, *unkja* = *uncia*. Dos

ultimos exemplos pode colher-se ou que havia vacillação na pronuncia de *ci* ou *ti* diante de vogaes ou levantar-se uma duvida contra a idea expressa em n. 3 ácerca do valor phonetico do gr. χ nos citados documentos. Mas a pronuncia de *tia* como *zia* é um facto (1). 6) Depois do seculo VIII vale finalmente *c* atrás de *e* e *i*, tambem quando nenhuma outra vogal se segue, já por *z* na orthographia germanica (*cít, erúci*), com quanto o costume de empregar geralmente *c* por *k* ainda não desaparecesse. A nova pronuncia do *c* guttural estava já a esse tempo muito espalhada, e é de presumir que se tivesse estabelecido no seculo VII. No começo parece ter tido este *c* o valor d'um duro *z* como ainda tem nos dialectos ital. e port. e no valachio meridional, não só porque elle é empregado como equivalente de all. *z*, mas tambem porque nas mencionadas formas *cia, cio* está no logar de *t = z* (*etiam eciam*). No ital. e valachio septemtrional engrossou-se esse *ts* em *é*, nas linguas occidentaes apresenta-se elle como simples sibilante, mas ainda no hesp. parece exprimir parentesco com aquelle som composto por meio d'uma pancada da lingua (*Gram. der romanischen Sprachen I.*, 232 — 234)».

Não entraremos na indicação das causas de tão notavel degeneração phonetica, o que toca á physiologia. Notaremos porém que similhante degeneração não é peculiar ás linguas romanas; noutras tem sido observada, por exemplo, no antigo slovenico, no ing., no sueco.

2. Em geral a lingua representa o *c* lat. por *c = ç*, mas, como já dissemos, tambem algumas vezes por *z*. Isto succede principalmente atrás das formas verbal *ere: dizer* (*dicere*), *fazer* (*facere*), *jazer* (*jacere*), *nuzer* TCant. c. 78 (*nocere*); *donzella* (+ *domicella*), *vizinho* ou *visinho* (*vicinus*), *azeo* HTest. II, 149 (*acinus*).

3. Tambem nalguns casos é lat. *c = port. ch: chicorea* (*chicoreum*), *chicharo* (*cier*), *murcho* (*murcidus*), *piche* ao lado de *pez* (*picem*).

4. A degeneração do *c* foi total no que toca ao portuguez.

(1) V. mais abaixo s. *t* e Diez I, 213, 214.

Todavia ha algumas formas que parecem desmentir a universalidade da regra. Assim *lagarta* (lacerta), *pulga* (pulicem), *duque* (ducem). Mas a primeira suppõe uma forma *lacarta*, a segunda uma forma *pulica* (cf. *fulix*, *icis* ao lado de *fulica*), e a terceira não vem immediatamente de *dux*, mas do byzantino *δοῦξ*, *δοῦχα* (Diez *Wörterbuch* e Ducange *Gloss.* s. v. *duca*). Tambem *esqueleto* deve ser olhado, não como tendo vindo á nossa lingua por intermedio do lat. *sceletus*, mas sim directamente do gr. *σκελετον*, ou pelo menos d'uma lingua que directamente o recebesse do gr., e que naturalmente é o fr., pelo que testemunha o deslocamento do accentto. *Sceletus* era proparoxytonico.

5. *Ch* nas palavras do fundo da lingua é tractado como *c*, o que se dá tanto atrás de *e*, *i* como das outras vogaes: *braço* (brachium), *arcebispo* (archiepiscopus), *cirurgião* (chirurgus * chirurgianus). Nas palavras que entraram pela litteratura ou pela terminologica technica e scientifica *ch* pronuncia-se como *k*: *chimica*, *chimera*, *architecto*, etc.

CC. O *c* geminado resiste ao abrandamento na media (*g*), mas é reduzido a som simples: *bocca* ou *boca*, *ecco*, *echo* ou *eco*, *peccare* ou *pecar*, *sacco* ou *saco*, *secco* ou *seco* (siccus), *mucco* ou *muco*, *flocco* ou *floco* = *froco*, *froque*. *vacca* ou *vaca*, *succo* ou *suco*. *Baga* assenta sobre *baca* não sobre *bacca*, *braga* sobre *braca* não sobre *bracca*. Diante de *e* e *i* é o *c* geminado tractado como o simples *c*, *accento*, *accidente*, *accessão*, *successo*, *acceitar* (acceptare), *acelerar*; prõn. *açento*, *açidente*, etc.

CT. A dissolução do *c* em vogal (geralmente *i*, raramente *u*) que se diphtonga com a vogal precedente, a syncope de *c* por intermedio da assimilhação (actus attus *ato*), a redução excepcional das duas consoantes a um som (*ch*), são os processos a que no portuguez se acha submettida esta combinação.

1. Dissolução do *c* em vogal: *leite* (lactem), *feito* (factus),

geito (jactus), *auto* (actus), *trautar* Cr. Guin. (tractare), *aução* Eluc. (actio), *autivo* id. (activus), *contrauto* id. (contractus); *leito* (lectus), *peito* (pectus), *leitor* (lector), *deleitar* (delectare), *seita* (secta), *reitor* (rector), *direito* (directus), *teuto* HTTest. (tectus); *estreiro* (strictus), *noite* (noctem), *coito* Eluc. (coctus) ainda existente em *biscoito* (* biscoctus), *douto* (doctus), *doutor* (doctor), *outubro* (october); *condoito* (conductus), *fruito* Camões, etc. (fructus), *loyto loito* Eluc. (luctus).

2. Assimilhação ou syncope do *c*: *dicto*, *ditto* ou *dito*, *fructo* ou *fruto*, *acto*, *contracto*, *matar* (mactare mactare). Adiante de *n* a syncope é constante: *sancto* ou *santo*, *juncto* ou *junto*, *ponto* (punctum), *pranto* (planctus), *defuncto* ou *defunto*.

Em todas essas formas portuguezas em que se escreve o *c*, é este um puro signal etymologico, sem nenhum valor phonico, excepto em *facto* e *pacto*, em que se pronunciam distinctamente as duas consoantes da combinação, a fim de evitar a homonymia com *fato* (vestidos, roupa), e *pato* (ave).

Nas formas em *ctio* o *c* é tambem syncopado, mas escreve-se *licção* (lectio), *afflicção* (afflictio), *facção* (factio), *dicção* (dictio), etc.

3. Lat. *ct* = port. *ch* é muito raro. Os unicos exemplos que conhecemos d'essa permutação phonetica são *colcha* (culcita culc'ta), *trecho* (tractus). Essas formas vieram-nos provavelmente do hespanhol em que tal phenomeno é regular (*derecho* (directus), *pecho* (pectus), *estrecho* (strictus), *ocho* (octo), *noche* (noctem), etc.), e em que ambas as formas se encontram ainda. O mesmo vale pelo que toca ao nome proprio *Sancho*, olhado como identico ao lat. *Sanctus* que se encontra em Tacito, *Historiae* 4,62 (*dux Claudius Sanctus*). Viterbo, *Eluc.* s. v. Numam, traslada uma inscripção latina da epocha romana em que apparece o nome proprio *TI. CLADIUS SANCIVS* e em Tacito, *Annales* 6, 18, occorre o feminino *Sancia*. Mas *Sancho* assenta sobre *Sanctus* e não sobre *Sancius* que daria regularmente em port. *Sanço* e em hesp. *Sanzo* (Diez I, 240 n. *).

CS (*x*). A lingua representa de varios modos esta combinação, cujo valor depende sobre tudo da vogal que precede. No maior numero de casos a explosiva guttural dissolve-se em *i*, o que é a regra adiante de *e* e *a*, e a spirante dental ou conserva o valor que tem nos finaes port. ou se abranda em *z*, casos que se dão adiante de *e*, ou é representada pela spirante palatal *ch*, o que se dá adiante de *a* regularmente. A redução das duas consoantes a um som, *ch*, a assimilhação da primeira á segunda são ainda processos a que se acha submettida a combinação, cuja dureza a lingua tracta de evitar o mais possivel. A conservação dos dois sons originaes é excepcional. Toda essa variedade de sons nascidos do lat. *cs* é representada geralmente em o nosso systema phonographico por o signal *x*, pelo que nos exemplos seguintes, ao lado das formas escriptas segundo a orthographia usual, representamos os sons com mais fidelidade.

1. Lat. *cs* = port. *is*: exemplo pron. *eisemplo*, *exame* pron. *eisame*, *extra* pron. *eistra*, *exceder* pron. *eisceder*, etc., *seis* (*sex*). Ao lado da pronuncia normal *is* ha outras que nascem do desleixo, e que todavia podem um dia substituir inteiramente as que olhamos como normaes: assim ouvimos dizer *isemplo*, *isame* e *insame*, *isceder*, etc.

2. Lat. *cs* = port. *ich*: *aixo* (*axis*) pron. *eicho*, *teixo* (*taxus*) pron. *teicho*, *freixo* (*fraxinus*) pron. *freicho*, *leixar* ant. (*laxare*) pron. *leichar*, *madeixa* (*metaxa*) pron. *madeicha*, *seixo* (*saxum*) pron. *seicho*; *froixo* (*fluxus*) pron. *froicho*.

3. Lat. *cs* = port. *ch*: *coxa* (*coxa*) pron. *cocha*, *buxo* (*buxus*) pron. *bucho*, *Alexandre* pron. *Alechandre*, *luxo* (*luxus*) pron. *lucho*, *lixivia* (*lixivia*) pron. *lichivia*, *enxundia* (*axungia*) pron. *enchundia*.

4. Assimilhação do *c*, i. e., *cs* = *ss*: *disse* (*dixi*), *tecer* = *tesser* (*texere*).

5. Conservação das duas consoantes: *fixo* (*fixus*) pron. *ficso*, *sexo* (*sexum*) pron. *secso*, *nexo* (*nexus*) pron. *necso*.

6. A dissolução do *c* em *u* nesta combinação é inteiramente excepcional, e só conhecemos um exemplo d'ella, *u* ant. *tausar* ou *tousar* Eluc. (*taxare*).

CL. V. adiante s. l.

CR. Nesta articulação o *r* em virtude da sua natureza de semi-vocal conserva-se inalterado e o *c* quando inicial guarda a qualidade de tenue geralmente, mas quando medial desce á media: *cras* ant., *crespo* (*crispus*), *cruz* (*cruce*), *crista*, *crosta* (*crusta*); *greda* (*creta*), *grades* (*crates*); — *agro* (*acris*), *alegre* (*alacris*), *lagrima* (*lacrima*), *magro* (*macrum*), *sagrar* (*sacrare*), *segredo* (*secretum*),

TC, DC, LC, NC, RC. Nestas combinações, originadas na maior parte dos casos da queda de vogaes, o *c* ora desce á media, ora é representada pela spirante *j*, ora permanece inalterado, o que é mais raro. As primeiras consoantes *t*, *d* estão sujeitas á syncope, as outras mantêm-se.

1. TC: *selvagem* (*silvaticus*), *viagem* (*viaticus*), *hereje* (*hereticus*). Em *percha* (*pertica* *per'tca*) o *c* é representado por um som que como vimos a p. 61 aponta para o francez. Neste encontramos *perche* = lat. *pertica* e *nache* = lat. *natica*. Mudança do *t* em *l* por intermedio de *d* (v. abaixo s. *d*) se observa em *nalga* (*natica*) ao lado de *nadega*.

2. DC: *julgar* (*judicare* *jud'care*); *prégar* (*praedicare* *prae'd'care*); *pejo* (*pedica* *ped'ca*).

3. LC: *delgado* (*delicatus* *del'catus*).

4. NC: *excommungar* (*excommunicare*), *vingar* (*vindicare* *vind'care*), *manjar* (*manducare* *mand'care*), *monje* (*monachus* *mon'chus*), *junco* (*juncus*).

5. RC: *esterco* (*stercus*), *forca* (*furca*), *porco* (*porcus*), *sirgo* (*sericus* *ser'cus*). *Forjar* (*fabricare* *fa'r'care*) é talvez gallicismo; cf. fr. *forger*, *clergé* (*clericatus*), *charger* (*carricare*), etc.

SC. Quando esta combinação é medial e se acha adiante de *e* ou *i* é tractada nalguns casos como *cs*, o que justifica a idea apenas indicada a p. 39 de que haja aqui uma verdadeira inversão dos sons *cs* intermedia entre esta combinação e os sons por que o portuguez a representa nesses casos, por exemplo, em *feixe* (*fascis*) pron. *feiche*, *peixe* (*piscis*) pron. *peiche*, *me-*

xer (miscere) pron. *mexer*, *baixel* (* *vascellum*) pron. *baichel*, *faxa* (fascia) pron. *facha*. Assimilhação (i. e., *cs* = *ss*) em *rouxinol* (*lusciniolus*) pron. *roussinol*, *conhecer* = *conhesser* (*cognoscere*). Algumas vezes conservam-se os dois sons sem mudança: *crescer* (*crescere*), *pascer* (*pascere*), *pesco* (*piscor*), *fusco* (*fuscus*), ou o *c* abranda na media: *musgo* (*muscus*), o que é mais raro.

De *sc* inicial tractamos abaixo s. s.

Guttural (q)

Atrás de *u* seguido d'outra vogal escreviam os latinos *q* por *c*. Como o som era o mesmo para os dois signaes, o modo porque a lingua os tracta é identico, abstrahindo da influencia que o *u* exerce sobre o *q* atrás de *e* e *i* nalguns casos. O *u* ora é absorvido ora conservado. Atrás de *e* e *i* a absorpção é constante. As regras aqui observadas são no essencial as seguintes: 1) Atrás de *a*, *o*, *u*, quer o *u* seja absorvido quer não, conserva o *q* o seu valor como guttural: inicial permanece inalterado, medial desce regularmente á media; 2) atrás de *e*, *i*, *ae*, *oe* o *q* ora é tractado como guttural ora como *c* nos grupos *ce*, *ci*, *cae*, *coe*. Eis o quadro dos modos por que o port. representa o lat. *qu*.

1. Atrás de *a*, *o*, *u*. 1. Inicial lat. *qu* = port. *qu*: *quarto*, *qual*, *quanto*, *quando*, *qualidade*, *quadro*, *quão* (*quam*), *quasi*.

2. Medial lat. *qu* = port. *qu* (raro): *iniquo*, *obliquo*.

3. Inicial lat. *qu* = port. *c*: *como* (*quomodo*), *ca* ant. (*quare*) ainda em Barros, etc., *cansar* (*quassare*), *quatorze* (*quatuordecim*) pron. *catorze*.

4. Medial lat. *qu* = port. *c*: *nunca* (*nunquam*), *escama* (*squama*).

5. Medial lat. *qu* = port. *gu*: *agua* (*aqua*), *egual* (*aequalis*), *egua* (*equa*).

6. Medial lat. *qu* = port. *g*: *antigo* (antiquus), *sigo* (sequor), *algo* (aliquod), *algun* (aliquis unus).

II. Atrás de *e*, *i*, *ae*, *oe*. 1. Lat. *qu* = port. *ç* ou *z*: *torcer* (torquere), *cosinha* (coquina pro culina), *cinco* (quinque), *cozer* (coquere), *acebo* (aquifolium).

2. Inicial lat. *qu* = port. *qu* com *u* mudo: *querer* (quaerere), *querela*, *quedo* (quietus), *questão* (quaestionem), *quinto*.

3. Medial lat. *qu* = port. *qu* com *u* mudo: *seguir* (sequi), *aguião* (aquilonem), *aguia* (aquila).

4. Lat. *qu* = port. *qu* com *u* audível é raro atrás de *e*, *i*, *ae*, *oe*. São exemplos *consequencia* e *cincoenta* (quinqu'inta).

OBSERVAÇÃO. Esses phenomenos que se dão no portuguez e nas outras linguas irmãs estão em connexão com outros identicos que se davam no latim, em que já apparecem *cocus*, *cotidie*, *cod*, *condam*, *alico*, *anticus*, *oblicus* por *coquus*, *quotidie*, etc. (Diez I, 244); *secius*, *cocere*, *cinque* por *sequius*, *coquere*, *quinque* (ibid. I, 245).

Dental (t)

No modo por que a lingua tracta este som repetem-se processos semelhantes aos que analysámos pelo que toca ao *c*.

I. 1. O *t* inicial permanece intacto: *tabella*, *taberna*, *tão* (tam), *tanto*, *tarde*, *tecto*, *tempo*, *tender*, *tingir*, *tormento*, *torre* (turris).

2. O *t* medial entre vogaes, excepto nas condições abaixo indicadas em n. II, desce em regra á media (*d*): *a-cederes* (cetaria), *cadea* (catena), *cadella* (catella), *estrado* (stratum), *codorniz* (cotornix), *fado* (fatum), *ferida* (ferita), *feder* (faetere), *grade* (crates), *lado* (latus), *lodo* (lutum), *idade* (aetatem), *madeira* (materia), *lide* (litem), *mudo* (mutus), *parede* (parietem),

pedir (petere), *podar* (putare), *maduro* (maturus), *meda* (meta), *podes* (potis), *medo* (metus), *rede* (retis), *seda* (seta), *sabbado* (sabbatum), *vida* (vita), *vide* (vitis), *roda* (rota), *todo* (totus), *saudar* (salutare), *agudo* (acutus), *dedo* (digitus), *imperador* (imperator), *mudar* (mutare), *segredo* (secretum). Nalgumas palavras do fundo da lingua conserva-se o *t* sem alteração: *abeto* (abietem), *agitar*, *appetite*, *astuto*, *apparato*, *bruto*, *grato*, *gritar*, *besta* (balista), *voto*, *charta*. Mas isso dá-se sobre tudo em palavras introduzidas pela litteratura como *incitar*, *excitar*, *quieto* ao lado de *quedo*, *recitar* ao lado de *rezar*, *cicuta*, *infinito* ao lado de *infindo*.

3. O *t* final é sempre apocopado: *ou* (aut), *cabo* (caput). Os exemplos são abundantes nas formas verbaes. V. adiante na morphologia.

II. 1. Se o *t* se acha atrás de *e* ou *i* não accentuados seguidos d'outra vogal degenera em uma das spirantes do mesmo orgão (*s* ou *z*): *graça* (gratia), *nação* (nationem), *palacio* ou *paço* (palatium), *cazar* (*capiare), *dureza* (*duritia), *razão* (ratio), etc. V. p. 53. O *t* deve primeiro ter sido pronunciado *tz*, depois ter adquirido a mais facil pronuncia actual. O ital. conserva ainda esse som intermediario. «Essa pronuncia aguda do *t* desenvolveu-se cedo, pois já Isidoro diz: *cum justitia z litterae sonum exprimat, tamen, quia latinum est, per t scribendum est sicut* militia. Num documento gotico de Ravenna do começo do seculo VI, assim muito anterior a Isidoro, está escripto, *kavtsjon* = lat. *cautionem* com *t* representado por *ts*, mas ainda em Ulfilas lat. *lectio* era escripto *laiktjo*. Em documentos egualmente de Ravenna ha exemplos como *δοναζιονεμ*, *δονατζιονες*, *ακτζιο* por lat. *donationem*, *donationes*, *actio*. O *Appendix ad Probum* reprehende que se pronuncie *Theophilus* como *Izophilus*. Tambem é este *t* já cedo expresso com *s*: *alterchassiones* (*Hist. gén. du Languedoc* I, 99, do anno 852), *concrecasione* (p. 124, an. 873), *nepsia* por *neptia* Ughell. III, p. 35 (an. 898) (Diez, *Grammatik* I, 213—214).»

2. Mas rara é a mudança do *t* em spirante quando a pri-

meira das vogaes que seguem é accentuada; os exemplos que conhecemos são só palavras do grego: *profecia*, *democracia*, *Milciades*, mas *thio* (thios θεῖος), *Matthias*, *Mattheus*.

3. A mesma mudança do *t* atrás d'uma simples vogal é inteiramente excepcional: nota-se em *labaça* (lapathum) e *gonzo* se esta palavra é o lat. *contus*. *Labaça* pode porém vir d'um adj. *labathea*, o que se dá com outros nomes de plantas; cf., por exemplo, *cereja* = *cerasea*, não *cerasum*.

TT. O *t* geminado resiste ao abrandamento na media: *gato* (cattus catus), *glottão* (* glutto gluto gluttire), *gota* (gutta), *metter*, *quatro* (quattuor).

TC. V. p. 68. TL. V. s. l.

TR. A representação regular d'esta articulação no portuguez é *dr*: *ladrão* (latronem), *ladrar* (latrare), *medrar* (maturar mat'rare), *pedra* (petra), *podre* (putris), *padre* (patrem), *madre* (matrem), *vedro* ant. (viturem, vet'rem), cf. *Torres-Vedras*. A conservação dos dois sons originaes que se dá, por exemplo, em *ventre* (ventrem), é excepcional. A syncope do *t* é tambem rara. O Eluc. offerece a forma *mare* (matrem), e deve-se suppor a existencia d'outra forma *pare*, que nos explica a forma *pae* como aquelle nos explica a forma mãe. No antigo portuguez *madre* e *padre* são constantes, *mare* raro. No seculo XVI *pae* e *mãe* são regularmente empregadas, em quanto ás duas primeiras formas antigas adquirem emprego especial. Em *frade* (fratrem) a queda do *r* da articulação é euphonica: tem por fim evitar a dureza que resultaria da repetição do *r* (*fradre*).

ST. 1. Quando é medial, ou se conserva esta combinação ou se muda em *z*, *ss* ou *ch*: *vestir*, *gesto*, *mosto* (mustum sc. vinum), *visco*, *peste*, *feita*; *gozo* ao lado de *gosto* (gustus), *re-zar* (recitare rec'tar = restar), *amizade* (* amicitatem amic'tate = amizade) cf. hesp. *amistad*; *moço* (mustus), (*nosso* nos-

trum), no CDD e TCant. *nostro* ao lado de *nosso*; *queixar* (*quaestare) pron. *queichar*, *congoxa* = *co-angoxa* (angustia) pron. *congocha*.

2. Quando é final o *t* é supprimido ou a combinação inteira: *pois* (post), *é* (est).

MT. V. s. m.—ST inicial. V. s. s.—CT. V. s. c.—BT. V. s. b.

TH é tractado como simples *t* e submettido aos mesmos processos que este, do que já demos alguns exemplos. Accrescentaremos ainda os seguintes: *cantharo*, *cothurno*, *bodega* ou *botica* (apotheca), *talo* (thalus), *triaga* (theriaca), *thesouro*. As palavras em que se encontram estes caracteres por que os latinos transcreviam o gr. θ são gregas.

Labial (p)

1. O *p* inicial permanece geralmente inalterado: *panno*, *par*, *parente*, *passo*, *peccar*, *peito* (pectus), *pelle*, *pender*, *pilha* (pila), *pio*, *pisar*, *pinha* (pineae), *polir*, *pollegar* (pollicaris), *porco*, *posso*, *punir*, *purgar*, *puro*, *pudor*. Nesse logar raramente desce o *p* á media: *belliscare* rad. *pell-e*, *boir* ao lado de *poir* = *polir*, *bostela* (pustula), *bedel* (blat. pedellus), *a-brunho* (prunum), *bandulho* (*pantuculum). Em *bodega* (apotheca), *bispo* (episcopus) a mudança do *p* em *b* déra-se naturalmente antes da apherese das vogaes iniciaes.

2. O *p* medial desce regularmente á tenue: *cabeça* (*capitia), *cabedal* (capital), *cabello* (capillus), *cabido* (capitulum), *cubiça* (*cupiditia), *cebola* (caepula), *lobo* (lupus), *poporar* ant. (populare), *conceber* (concipere), *sabão* (saponem), *saber* (sapere), *sebe* (sepis), *nabo* (napus), *abelha* (apicula), *cabo* (caput), *sabor* (sapor), *suberbo* (superbus), *receber* (recipere). Em *povo* (populus), *escova* (scopa) ha mudança de *p* em *v* por intermedio de *b*.

O *p* medial apparece inalterado quasi sómente em palavras modernamente introduzidas do latim ou do italiano: *capital* ao lado de *cabedal*, *copia*, *estupido*, *vapor*, *capitão*, *caporal*, *participar*, *discrepar* juncto de *quebrar*, *lepido*, *estupido*; mas *aipo* (*apium*), *copla*, *manopla*, *papa*, *pipa*, *nespera* (*mespilum*) são palavras muito antigas na lingua, e que não podem ser olhadas como estranhas ao seu fundo.

OBSERVAÇÃO. Nalgumas palavras gregas introduzidas no latim o π era mudado em *b*: *burrus* = $\pi\acute{\upsilon}\rho\rho\omicron\varsigma$, *burgus* = $\pi\acute{\upsilon}\rho\gamma\omicron\varsigma$, *carbasus* = $\kappa\alpha\rho\pi\alpha\sigma\omicron\varsigma$. Ha quem olhe *burgus* como de origem germanica. V. Diez, *Etym. Wörterbuch* s. v. borgo.

3. A permutação de *p* por *f* é muito rara. Observa-se em duas palavras gregas *golfo* ($\chi\omicron\lambda\pi\omicron\varsigma$), *troféu* ($\tau\rho\acute{\omicron}\pi\alpha\iota\omicron\nu$), das quaes só a segunda (*tropaeum*) se encontra em latim. *Chefe* (*caput*) é gallicismo cedo introduzido no port. *Golfo* e *troféu* encontram-se tambem no ital. e hesp.

PP. Aqui tambem a geminação resiste ao abrandamento, mas só uma letra se pronuncia: *copa* (*cuppa*), *popa* (*puppis*), *estopa* (*stuppa*), *implicar*, *cepo* (*cippus*), *Filippe*, *mappa*. Só em *estorvo* = hesp. *estorvo* nos apparece *p* = *v*, em nenhum exemplo a media. Diez pensa, em consequencia da constancia da regra, que o hesp. *estorvo* (e por tanto o port. *estorvo*) suppõe a existencia d'uma forma *stropus* juncto de *struppus*.

PT, PS, PN. Estas combinações gregas iniciaes ficaram reduzidas ao segundo som, com quanto a orthographia etymologica ainda empregue as duas letras: *Tollomeu* HGer. c. I (*Ptolemaeus*), que hoje se diz *Ptolemeu*, *tisana* (*ptisana*), *salmo* (*psalmus*). Para *pn* (antfr. *neume*, mlat. *neuma* lat. *pneuma* gr. $\pi\nu\epsilon\upsilon\mu\alpha$) não conhecemos exemplo do fundo da nossa lingua.

PT medial. A syncope ou assimilhação do *p* é a regra. Se-

guindo a orthographia etymologica escreve-se ainda *pt* mas pronuncia-se só o *t*, excepto nas formas de introdução moderna como *nupcias* (nuptiae), *apto*, *rpto*, em que o *p* é ouvido distinctamente. A dissolução de *p* em vogal não é rara.

1. Syncope ou assimilhação: *roto* (ruptus), *gruta* (crypta), *neta* (neptis), *atar* (aptare), *sete* (septem), *contar* (computare comp'tare), *encetar* (inceptare), *catar* (captare sc. oculis), *escrito* ou *escripto*; *optimo*, *adoptar*, *baptisar* pron. *otimo*, etc.

2. Dissolução do *p* em vogal: em *u*: *auto* Cr. Guin (aptus), *adoutar* Eluc. (adoptare), *boulizar* Eluc. (baptisare) pop. *bautisar*, *caudilho* (capitellum cap'tellum), *Ceuta* = *Cepta* Cr. Guin. (Septa): em *i*: *receitar* (receptare), *conceito* (conceptum).

3. Queda da combinação em *semana* (septimana).

PD. Apenas dois exemplos nos occorrem d'esta combinação: *aturdir* (* extorpidire extorp'dire), *cubiça* (* cupiditia cup'ditia), em que num cahe o *p* e noutro o *d*.

PS. Quando esta combinação é medial o *p* está sujeito á assimilhação ao *s* ou á dissolução em vogal: *gesso* (gypsum), *esse* (ipse), *caixa* (capsa). Em formas scientificas, como *ellipse*, conserva-se naturalmente intacta a combinação.

PL. V. abaixo s. *l*.

PR. Como *cr* é representada por *gr*, *tr* por *dr* assim *pr* o é por *br*: *obra* (opera op'ra), *cobre* (cuprum), *cobrir* (cooperire coop'rire), *abrir* (aperire ap'rire), *abril* (aprilis), *pobre* (pauper paup'rem), *cobrar* (* cuperare cup'rare).

SP. V. abaixo s. *s*.

EXPLOSIVAS BRANDAS

Guttural (g)

O valor d'este som latino em o port. depende da vogal ou consoante que o segue; repete-se por tanto para a media o que se dá para a tenue do mesmo órgão. Ainda aqui as vogaes se dividem, pela natureza da influencia que exercem sobre o *g*, em os dois grupos *a, o, u* e *e, i*.

I. Lat. *g* atrás de *a, o, u*. 1. Inicial conserva-se inalterado: *galha* (*galla*), *gallinha* (*gallina*), *gannir*, *gosto* (*gustus*), *gota* (*gutta*), *gomma* (*gummis*), *gula*.

2. Medial permanece em regra inalterado. A dissolução em vogal (*i*), e a syncope são raras. Exemplos da regra: *agosto* (*augustus*), *agouro* (*augurium*), *castigar*, *fatigar*, *chaga* (*plaga*), *fuga*, *rogar*, *ruga*, *vago*, *legume*, *legar*, *pagão* (*paganus*), *negar*, *jugo*. Dissolução em *i*: *cheirar* (= *flagrare* pro *fragrare*), *saio* (*sagum*), *praia* (*plāga*). Syncope: *leal* (*legalis*) ao lado de *legal*, *liar* (*ligare*) juncto de *ligar*, *coalhar* (*coagulare*).

3. A mudança em *j* é inteiramente excepcional e apenas conhecemos um exemplo proprio ao port.: *Tejo* (*Tagus*). O ant. *jalne* Eluc. etc. = lat. *galbinus* é gallicismo (fr. *jaune* ant. fr. *jalne*).

II. Lat. *g* atrás de *e, i*. 1. Em regra quando é inicial, e em muitos casos quando é medial, degenera na palatal fraca *j*. Segundo Diez, a media foi mudada primeiramente em *dj*, depois reduzido a *j*: cf. p. 54. Já em documentos dos seculos VIII e IX se lê *jenitos* = *genitos*, *jenere* = *genere*, etc. *Adjentes* por *agentes* = *contra* num doc. ap. Brequigny (citado por Diez I, 249). Noutras linguas tambem se observa o mesmo phenomeno da degeneração do *g*.

2. Mudança do *g* em *z* é rara: *esparzir* (spargere). *Jorze* é uma corrupção popular de *Jorge* (Georgius).

3. Conservação do *g* como guttural atrás de *e*, *i* não é sem exemplo: *erguer* (erigere) e com a vogal seguinte mudada *regalar* (regelare).

4. Em geral é o *g* syncopado entre vogaes quando a segunda é *e* ou *i*: *ler* (legere), *rainha* (regina), *cuidar* (cogitare), *navio* (navigium), *quaresma* (quadragesima), *correia* (corrigia), *sello* (sigillum), *mestre* (magister), *dedo* (digitum), *colher* (colligere), *frio* (frigidus * fridus), *mais* (magis), *bainha* (vagina), *faia* (fagea pro fagus), *ensaio* (exagium), *trinta* (triginta), *setta* (sagitta), *vinte* (viginti). A queda de *g* inicial é mais rara em port. que em hesp. Apenas, cremos, a nossa lingua offerece dois exemplos: *irmão* (germanus), *Elvira* = ant. *Gelvira*, *Geloira*.

Gu. Nesta combinação o *g* conserva sempre a sua qualidade de guttural, o *u* ora se pronuncia ora é supprimido. Exemplos de *u* pronunciado: *lingua*, *arguir*, *extinguir*, *unguento*. Exemplos de *u* mudo: *sangue*, *pingo* (pingue *gordura de animal*).

GD. Nesta combinação o *g* é primeiramente assimilado ao *d* (*gd* = *dd*) depois por dissimilhação mudado numa das liquidas para que *d* se inclina (*l*, *n*): *esmeralda* (smaragdus smaradus), *amendoa* (amygdala * amyddala). Em *Magdalena*, pron. *Madalena*, o processo ficou em meio, i. e., na assimilhação, sendo o *d* geminado reduzido pela regra ordinaria da lingua a um só som. A escassez de exemplos não permitem aqui tirar seguras conclusões, mas parece-nos indubitavel que a representação normal de *gd* no port. e nas outras linguas irmãs seja *ld*, e que *nd* por *ld* em *amendoa* resulta de na palavra haver outro *l*, depois syncopado (amygdala * amyndola). É um habito do indo-germanico evitar a repetição da mesma liquida numa palavra (cf. *frade* por *fradre* e outros exemplos s. *l* e *r*). Para evitar aqui essa repetição as linguas romanas escolheram

todas a liquida *n*: ital. *mandola*, valachio *mándule*, fr. *amande*, hesp. *almendra*. Quando porém na palavra original se não acha *d* nenhuma lingua romana apresenta *dg* = *nd* (ital. *Baldacco* = *Bagdad*, *smeraldo*, hesp. *esmeralda*, fr. *émeraude* = ant. *émeralde*). O que justifica inteiramente a nossa idea é a forma *Magdalena*, em que as duas liquidas originaes obstaram a que se dissesse *Maldalena* ou *Mandalena*. Cf. ital. hesp. *Madalena*, fr. *Madaleine*.

GL. V. s. l.

GR. Em geral permanece inalteravel esta articulação: *gráu* (*gradus*), *grave*, *grato*, *grama* (*gramen*), *grão* (*granum*), *grande*, *aggravar*, *aggređir*, *negro* (*nigrum*). Dissolução do *g*: *inteiro* (*integrus*).

GN. A lingua representa esta combinação de varios modos.

1. Lat. *gn* = port. *gn*: *pugna*, *signo*, *digno*, *magno*, *magnitude*, *maligno*.

2. Lat. *gn* = port. *nh*: *punho* (*pugnus*), *tamanho* (*tam magnus*), *anho* (*agnus*), *conhecer* (*cognoscere*), *cunhado* (*cognatus*), *lenho* (*lignum*), *senka* (* *signa*), *desdenhar*.

3. Lat. *gn* = port. *n* (nas syllabas finaes e em geral em as não accentuadas): *sina* (*signa*), *ensinar* (*insignare*), ant. *dino*, *indino*.

4. Lat. *gn* = port. *in* (dissolução do *g* em *i*): *reino* (*regnum*), *reinar* (*regnare*).

GM. Nas formas litterarias conservam-se os dois sons da combinação: *fragmento*, *dogma*, *pigmento*; nas do fundo da lingua o *g* é em geral syncopado: *aumento* que se escreve *augmento*, *pimenta* (*pigmentum*); *fleuma* ou *freima* (*flegma*). Em lat. já a queda do *g* d'esta combinação era frequente: exemplos são *examen* por *exagmen*; *flamma* por *flagma* de *flagrare*, raiz *flag*; *jumentum* por *jugmentum* de *jungere*, raiz *jug*.

NG. Atrás de *a*, *o*, *u* permanece esta combinação inalterada excepto em ant. *senho* (singulus), em que é lat. *ng* = port. *nh*, e em *cilha* (cingula) em que o *n* e o *u* foram syncopados (cig'la) e combinação *gl* mudada em *lh*; v. p, 90. Atrás de *e*, *i* é a combinação representada por diversos modos em port.

1. Lat. *ng* = port. *nj* (escripto *ng*): *cingir*, *fingir*, *ungir*, *ranger* (ringere), *pungir*, *esponja* (spongia), *fingir*, *longe*. Esta é a representação normal. As seguintes são excepçoes.

2. Lat. *ng* = port. *nh*: *renhir* (ringi).

3. Lat. *ng* = port. *nd*: *enxundia* (axungia).

Dental (d)

O valor d'este som depende unicamente da sua posição na palavra.

1. O *d* inicial não está sujeito a alteração em regra geral: *damno*, *dado* (datus), *dever* (debere), *declinar*, *delicias*, *delgado* (delicatus), *diverso*, *divino*, *dou* (dono), *docil*, *dolo*, *dvidar* (dubitare), *duro*, *dobro* (duplum). Mudança de *d* para *g* nessa posição offercem *golfinho* (delphinus), *gamo* (dama), *gragea* (τράχημα * dragema) cf. hesp. *golfin* juncto de *dolfin*, *gragea* juncto de *dragea*, fr. *dragée*.

2. O *d* medial é geralmente syncopado entre vogaes: *baio* (badius), *cair* (cadere), *comer* (comedere), *crer* (credere), *increu* ant. (incredulus), *excluir* (excludere), *feio* (foedus), *fastio* (fastidium), *fiel* (fidelis), *gráu* (gradus), *hera* (hedera), *preia* (praeda), *prégar* (predicare), *juiz* (judex), *meio* (medium), *mézinha* (medecina * me'ecina), *moio* (modius), *onze* (undecim), *a-poio* (podium), *cruel* (crudelis), *perfia* ant. (perfidia), *concluo* (concludo), *raio* (radius), *raiz* (radix), *remir* (redemire), *roer* (rodere), *ver* (videre), *rir* (ridere), *suar* (sudere), *tea* (taeda). *trahir* (tradere), *váo* (vadum), *possuir* (possidere). Nalgumas palavras se conserva o *d*, mas em geral

essas palavras são de introdução moderna. Exemplos: *rude*, *invadir*, *solido*, *persuadir*, *adultero*, *fraude*, *laude* ao lado de *loa*.

3. O *d* tornado final por queda de terminação é geralmente suprimido: *nó* (nodus nod), *nú* (nudus nud), *rijo* (rigidus rigid), *limpido* (limpidus limpid), *fé* (fides fid), *mercé* (mercedem merced), *sé* (sedes sed).

4. A mudança do *d* medial ou final em liquida, peculiaridade da lingua latina, repete-se no portuguez como noutras linguas romanas. Exemplos latinos são: *calamitas* por *cadamitas*; *scala* de *scando*, raiz *sca*; *lagrima* por *dacrima* (Festus), cf. gr. δάκρυ; *lingua* por *dingua* ant., cf. anglosaxão *tunge*, ing. *tongue*, all. *zunge*; *levir* por *devir*, cf. gr. δαίρ, *im-pel-imentum* juncto de *im-ped-imentum*, *de-lic-are* juncto de *de-dic-are*, *ol-ere* juncto de *od-or*, Ulysses = Ὀδυσσεύς (Diez I, 219; Schleicher *Comp.* § 152). O latim, como se vê, empregava sómente *l* por *d*; as linguas romanas porém empregam tambem as outras liquidas, mas geralmente *l*. Exemplos portuguezes: *judgar* (judicare), *palafrem* (paraveredus paravered) com *m* = *d*, *nalga* (*nadega* = lat. *natica*), *ninho* (nidus * ninus), *Gil* (Aegidius), *ardil* = hesp. *ardid* (artitus), forma pop. *Madril* = *Madrid*, *madrilense*. *Cigarra* (cicāda) suppõe as formas intermediarias *cigala* (cf. fr. *cigale*) *cigara*, na ultima das quaes o *r* foi reforçado.

4. A assimilhação do *d* na composição é constante: *ajustar* (adjutare), *ajudar* (adjutare), *alugar* (adlocare), *avir* (advenire). Em muitos compostos porém o desaparecimento do *d* não resulta da assimilhação, mas sim de o prefixo ser a prep. port. *a* e não a lat. *ad*; por exemplo, em *afiar*, *alimpar*, *amercear*.

DC. V. acima s. c.

ND. Em regra geral permanece intacta esta combinação: *mundo*, *profundo*, *segundo*, *fundamento*, *mandar*, *manducar*, *abrandar* (blandus), *responder*, *dispendar*. Queda do *d*

em *funil* (fundibilum), *vergonha* (verecundia). Subida da media á tenue: *coentro* (coriandrum).

DR. Esta combinação, rara em latim, conserva-se em *quadro*, e em *cadeira* (cathedra) muda-se o *d* em *i*. *Roer*, *rir*, etc. não suppõem intermediarias *rod're*, *rid're*, porque taes formas não explicam as portuguezas. Nessas formas ha simples syncope do *d* entre vogaes.

Labial (b)

1. O *b* inicial permanece intacto: *baga* (baca), *bacello* (bacillum), *balea* (balaena), *balbuciar* (balbutiare), *besta* (balista), *balar*, *barba*, *base*, *bello*, *bem* (bene), *benzer* (benedicere), *besta* (bestia), *bocca* (bucca), *boi* (bovem), *buxo*. No fallar do Douro e Minho é porém frequente a mudança de *b* em *v*: assim *valea*, *vesta*, *vase*, por *balea*, etc.

2. Medial lat. *b* é representado geralmente no port. pela spirante do mesmo orgão *v*: *cevar* (cibare), *dever* (debere), *provar* (probare), *herva* (herba), *nuvem* (nubes), *cavallo* (caballus), *arvore* (arbor), *haver* (habere), *nevoa* (nebula), *escrever* (scribere), *Evora* (Ebora), *duvidar* (dubitare), *trave* (trabem), *fava* (faba), *sorver* (sorbere), *carvão* (carbonem), *mavilha* (mirabilia), *alvitre alvidrio* ant. (arbitrium), *alvo* (albus), *affavel* (affabilis), e em geral nas palavras com suffixo *abilis*, *ebilis*, *ibilis*. Tambem nalguns exemplos apparece o *b* medial intacto: *beber* (bibere), *debil*, *sabugo* (sabucus), *globo*, *habito*, *plebe*, *sibilar*, *tabão* (tabanus).

3. Syncope do *b* é rara, e talvez se realise por intermedio de *v*: *marroio* (marrubium), *prenda* (praebenda), *parola* (parabola) ao lado de *palavra*, cf. fr. *parole*. Apocope ou antes dissolução em vogal: ant. *soo* (sub).

4. Da permutação de *b* pelas labiaes *f*, *m* tambem ha exemplos no port.: *a*) lat. *b* = port. *f*: *bufo* (bubo); em la-

tim havia já *bufalus* ao lado de *bubalus*, *rufus* ao lado de *rubeus*, *sifilare* ao lado de *sibilare*; *b*) lat. *b* = port. *m*: *mor-mo* (morbus), *canhamo* (cannabis).

Sobre as combinações com *b* pouco ha que notar. Em geral nellas o *b*, excepto naquellas em que entram as liquidas *r* e *l*, é syncopado ou dissolvido em vogal, mas em muitas formas litterarias pronuncia-se:

1) BT: *subtil* = pop. *sutil*.

2) BS: *absolver*, *substancia*, *obscuro*, *abster*, *obstinado*, *obstar*, *obsceno*; *esconder* (abscondere), *sustancia* (substancia), *escuro* (obscurus), *ausencia* (absentia), *austinente* ant. (abstiniens), *austinado* ant. (obstinatus). Cf. lat. *jus-si* por *jub-si* raiz *jub*, forma do preterito *si*.

3) BJ: *objecto* pron. *objeto*, *sujeito* (subjectus).

4) BV: *obviar*.

5) BR: *lavar* (laborare lab'rare), *fabricare*; *braga* (braca), *braço* (brachium), *breve*, *bruma*, *bruto*.

6) BL: *falla* (fabula fab'la), *palavra* (parabula parab'la).

CONTINUAS SPIRANTES

Guttural (h)

O caracter *h* não designa em o nosso systema phonographico a aspiração que exprimia no systema phonographico latino: a spirante guttural tornou-se inteiramente muda no portuguez.

Palatal (j)

Esta continua numas palavras conservou o seu valor latino, ou pelo menos ficou muito proximo d'elle; noutras adquiriu som diverso, o mesmó que *g* atrás de *e*, *i*.

1. O som original é expresso por *i* na orthographia portugueza nas palavras em que elle se conservou: *raia* (raia ou raja), *maior* (major), *maio*, *ya* ant. = *já* mod. *Yago* (Jacobus) Eluc. Actualmente o som primitivo não subsiste mais senão no meio da palavra.

2. O novo som que adquiriu a palatal latina é representado por *j*. Exemplos: *janeiro*, *cujo* (cujus), *jámais* (jam magis), *Jeronimo* (Hieronymus Jeronimus), *Jacinto* (Hyacinthus Jacinthus), *jugo*, *julho*.

3. Syncope do lat. *j* em *peor* (pejor), *mór* = *moor* ant. (major), etc.

Dental (s)

a) Por quatro sons diversos representa principalmente o port. este som latino.

1. Lat. *s* = port. *s*: é a pronuncia regular quando o *s* é inicial: *sacco*, *salvo*, etc., ou se acha juncto de consoante: *manso*, *penso*, etc.

2. Lat. *s* = port. *z*: é a pronuncia regular quando o *s* está entre vogaes: *casa* pron. *caza*, etc.

3. Lat. *s* = port. *ch* (*x*): *en-xofre* (sulphur), *en-xerga* (serica), *bexiga* (vesica), *enxabido* (insapidus).

4. Lat. *s* = port. *j*: *queijo* (caseus), *cerveja* (cervisia), *cajão* ant.

b) Syncope do *s* é tão rara no portuguez como nas outras linguas romanas; um exemplo d'ella é *ilha* (insula * isula), cf. *esposo* = *sponsus*. De apherese do *s* adiante de vogal não conhecemos exemplos. Da apocope tractaremos na morphologia.

A mudança de *s* em *r* é tambem rara em a nossa lingua: *churma* ao lado de *chusma* (celeusma), *cirne* ao lado de *cisne* são os unicos exemplos que conhecemos d'essa mudança phonetica tão frequente em o latim. Entre outras offerece-nos esta lingua os seguintes exemplos: *arbor* por ant. *arbos*; *generis* de *genus*; *veter-is* de *vetus*; *majores* de *majoses*; *erat* de * *esat*,

cf. raiz *es* em *es*, *est*, *es-se*, etc.; *car-men* de **cas-men*, raiz *cas* em ant. lat. *Cas-mena* (Schleicher, *Comp.* § 157, 1 e.).

SS. O *s* geminado é geralmente reduzido a *ch* (*x*); *paixão* (passionem), *coxo* (cossus), *graxo* (crassus), *baixo* (bassus). Nalguns casos conserva-se como um simples som, resistindo ao abrandamento em *z*: *assar*, *massa*, *passo*.

SC, ST, SP. Estas combinações como iniciaes eram frequentissimas em latim. As linguas romanas parecem tel-as achado muito duras, porque geralmente as partem em duas syllabas por meio d'um *e* prosthetic: assim de *scutum* faz o port. *es-cudo*, de *sto* faz *es-tou*, de *spica* faz *es-piga*. Este processo foi geral. Já no mais antigo mlat. se encontra a vogal prosthetica, mas a sua primitiva forma é *i*, não *e*. Diez colheu um grande numero de provas d'esse factio, sobre cujas causas pode ler-se entre outros Höfer, *Zur Lautlehre* S. 391.

Outro meio que a lingua tinha para evitar a dureza da combinação do *s* com uma tenue era deixar cahir o primeiro; mas este processo não foi empregado senão d'um modo inteiramente excepçional, como em *pasmo* = lat. *spasmus*.

Tambem o *e* prosthetic apparece com a combinação grega *sm*: *esmeralda* (σμαραγδος), *esmeril* (σμίρις).

Das outras combinações com o *s*, e d'estas quando mediaes, tractamos nas letras que nellas entram alem do *s*.

Dupla dental (z)

Esta letra, que, como dissemos a p. 37, representava um som duplo, acha-se reduzida no portuguez a um som simples, em geral *s* brando = port. *z*, i. é, á segunda parte do som primitivo: *zelo* (zelus ζήλος), *zona* (zōna ζώνη), *zodiaco* (zodiacus ζωδιακός). Em *cizania* (zinania ζιζάνιον) pronuncia-se *z* como *s* duro (*ç*) por dissimilhação. *Zingiber* (ζιγγιβερις)

diziam os latinos tambem *zinziber* (Palladio, Celso) por assimilação do *g* ao *z*; da assimilação igualmente, mas operada em sentido contrario, resulta a forma port. *gingibre*.

Labial aspera (f, ph)

F e *ph* são tractadas como identicas.

1. Inicial conserva-se a spirante aspera labial sem alteração: *fabrica*, *facil*, *faço* (facio), *feito*, *fama*, *familia*, *fartura*, *fastio* (fastidium), *secundo*, *febre*, *fel*, *feliz*, *femea* (semina), *fera*, *ferir*, *fermento*, *feroz*, *ferro*, *fertil*, *ferver*, *feira*, *febra* (fibra), *figo* (ficus), *fé* (fides), *filo* (filum), *fingir*, *fogo* (focus), *feio* (foedus), *folha* (folia), *fome*, *fonte*, *fôra*, *formar*, *fortuna*, *fuga*, *fumo*, *fundo*, *fusco*; *faisão* (phasianus φασιανος), *phantasma* (φαντασμα). Em *abantesma* de *phantasma* (?) ha mudança de *f* em *b*. *Hediondo* (* foetibundus) é hespanholismo. O hespanhol muda em geral *f* inicial em *h* (*hierro* = port. *ferro*, *hoja* = port. *folha*, etc.).

2. *F* (*ph*), medial conserva-se em muitos casos inalterado, noutros é substituido por outra labial, como *v* por *f*, em *Cristovão* (Christophorus), *Estevão* (Stephanus), *trevo* (trifolium), *proveito* (profectus), *ourives* (aurifex); *b* por *f* em *acebo* (aquifolium), *abrego* (africus); *p* por *ph* em *golpe* (colaphus κολαφος), cf. lat. *apua* = gr. ἀφύη, lat. *purpura* = gr. πορφύρα.

FL. V. abaixo s. l.

Labial branda (v)

1. Inicial conserva-se o *v* geralmente inalterado: *vagar* (vacare), *vou* (vado), *váu* (vadum), *vagido* (vagitus), *valer*, *valle*, *vario*, *vasto*, *véu* (velum), *veloz* (velocem), *vea* (vena),

veneno, vir (venire), *ventre, vento, vender, verbena, vertigem, vestigio, vestir, vedar* (vetare), *vexar, visinho* (vicinus), *ver* (videre), *vigor, vigiar* (vigilare), *vinha* (vinea), *verga* (virga), *vou, voar* (volare), *volver, vontade* (voluntatem), *vulgar, vulto*. Raro é (posta de parte a pronuncia provincial) mudado em *b* nesse logar: *bespa* (vespa); *abanar* (vannus), *bainha* (vagina), *abutre* (vulture), *beziga* (vesica), *bodo* (votum).

OBSERVAÇÃO. Em latim o *v* era frequentes vezes mudado em *b*. Um grammatico (Adamancio Martyrio) escreveu até um tractado sobre o recto uso do *b* e *v*, em que elle proprio erra muitas vezes no emprego das duas letras. Em portuguez a troca dos dois sons não é tão frequente como poderia esperar-se, excepto no Douro e Minho, onde *binho* por *vinho*, *bide* por *vide*, *bisinho* por *visinho*, *berga* por *verga*, etc., são não só correntes no fallar das classes inferiores, mas ainda escriptas em cartas, etc.

2. A permutação de *v* pela spirante aspera é rara: *femença* ant. (vehemencia), *trasfegar* (trans-vicare ?) *v.* Diez, *Etymol. Wörterbuch* s. *v.* *trasegar*.

3. Em geral o *v* medial permanece inalterado, outras vezes é syncopado ou substituido pela vogal *u* que lhe fica muito proxima: *Syncope: cidade* (civitatem), *estiár* (aestivare), *rio* (rivus), *boi* (bovem); cf. lat. *amasse* = *amavisse*, *audisse* = *audivisse*, *delesse* = *delevisse*. Lat. *v* = port. *u*: *náu* (navis), *faúlha* (favilla).

CONTINUAS TRILLADAS

Lingual forte {r}

1. Este som quando inicial mantem-se com firmeza: *raiva* (rabies), *raiz* (radix), *raio* (radium), *ramo, raro, réu, re-*

cente, *receber* (recipere), *reparar*, *rir* (ridere), *ridículo*, *rijo* (rigidus), *riba* (ripa), *roer* (rodere), *roda* (rota), *rustico*, *russo* (russeus).

2. Medial está sujeito o *r* a varios accidentes, mas no maior numero de casos conserva-se inalterado. Esses accidentes são: *a*) mudança em *l*: *alvidro* (arbitrium), *roble* (roboris), *papel* (papyrus), *vergel* (viridarium), *almario* = *armario* (dissimilhação); *b*) queda do *r* por euphonia quando na palavra se acha outro *r*: *coentro* (coriandrum), *crivo* (cribrum), *frade* (fratrem), *proa* (prora), *rosto* (rostrum); *c*) queda do *r* sem que na palavra se encontre outro: *queimo* (cremo), *sacho* (sarculum), *sobejo* (* superculus), *gotto* (guttur), *pae* (patrem *padre* * *pare*), *mãe* (matrem *madre* *mare* ant. Eluc); *d*) metathese do *r*: *trevas* (tenebras), *costra* (crusta), *fresta* (fenestra), *quebrar* (crepare), *pargo* (pagrus), *estormento* ant. (instrumento), *escodrinhar* (scrutinium * scrutinare), *desperçar* ant. Eluc. = *desprezar* (despretiare), *fremoso* ant. (formosus). No falar popular a metathese do *r* é frequente, ouvimos muitas vezes dizer *Profírio* por *Porfírio*, *preguntar* por *perguntar*, *agrumento* por *argumento*, *farnetico* por *frenetico*, etc.

RS. Nesta combinação o *r* é assimilado quando ella resulta da inclinação: *louval-o* *louvallo* de *amar-lo*, *pello* de *per lo*; cf. lat. *pellucidus* por *perlucidus*, *puellus* por *puerlus* (puer), *intelligo* por *interligo*, *capella* por *caperla* de *caperula* (caper), *supellex* por *superlex* (Weil et Benloew, *Acc. lat.* p. 154), e v. na morphologia, onde tractamos do artigo.

RS. Aqui repete-se tambem o que já se dava em latim: o *r* é assimilado ou melhor syncopado. Exemplos latinos: *rūsum* *russum* juncto de *rursum*, *sūsum* juncto de *sursum*, *retrōsum* juncto de *retrosum*, *dossuarius* por *dorsuarius* em Varro, *Sassina* por *Sarsina*. Exemplos portuguezes: *avesso* (versum), *usso* HGer. (arsus), *travesso* (transversus), *pecego* (persicus), *pessoa* (persona), mas *curso*, *vesso*, *dorso*, etc.

As combinações de *r* com outras letras acham-se analysadas sob estas.

Lingual fraca (l)

1. O *l* inicial não está em geral sujeito a nenhum accidente: *lavar* (laborare), *leite* (lactis), *lagrima* (lacrima), *lago* (lacus), *ledo* (laetus), *lã* (lana), *lapide*, *largo*, *ladrão* (latronem), *leve*, *livre* (liber), *libar*, *luto*, *lume*, *lobo* (lupus). Acha-se representado por *r* em *rouxinol* (luscinia + lusciniolus), e por *j* em *joio* (lolium) por dissimilhação: no primeiro exemplo existe um *l*, no segundo a permutação deve ter-se realizado antes do *l* medial ter sido syncopado, alias essa permutação não teria razão de ser.

2. Medial é o *l* algumas vezes trocado por algum dos sons que lhe ficam mais proximos: a) por *r*: *lirio* (lilium) por dissimilhação, *pardo* (pallidus paldus), *pucaro* (poculum), *marmelo* (melimelum); b) por *n*: *menenconico* pop. = *melancolico*, *negalho* = *legalho* der. do vb. *ligar*, *mortandade* por *mortalidade*, *mugem* (mugil), *mungir* (mulgere).

3. Troca de *l* por *d* nos offerece *amydo* = lat. *amyllum*. Esta palavra encontra-se com o *d* em ital., fr. e hesp. O ital., o prov. e o hesp. offerecem tres exemplos diversos de equal permutação phonetica. Não offerecerá o port. senão o citado? *Escada* comparado com o lat. *scala*, *deixar* com o ant. *leixar* = lat. *laxare* parecem mostrar o mesmo phenomeno, sem duvida extraordinario para que Max Müller podesse affirmar (*Lectures* II, 260) que nunca no indo-germanico um *l* se mudasse em *d*, a pezar de o contrario ser verdadeiro. Diez, talvez tambem por achar o phenomeno extraordinario, olha *escada* como vindo não de *scala* mas de *escalada*, e *deixar* como = lat. *desitare*, ao que não se oppõe lei alguma phonetica, mas da verdade do que podemos duvidar porque não se vê como *escalada* adquirisse a significação de *escada*, nem como o vb. *deixar* existisse na lingua durante seculos, sem apparecer ao lado do ant. *leixar*.

4. Apherese do *l* é rara. Nota-se em *azul* (pers. *lazúr*), *onça* (*lynxem*), cf. ital. *lonza*, e resulta, segundo pensa Diez, de se confundir o *l* com o artigo. Essas formas foram porém provavelmente introduzidas no port. depois da sua formação.

5. Syncope do *l* é frequente: *filo* (filum), *pombo* (palumbus), *besta* (balista), *candeia* (candela), *céu* (coelum), *cobra* (coluber), *doente* (dolens), *doer* (dolere), *dor* (dolor), *doce* (dulcis), *espada* (spathula), *insua* (insula), *máu* (malus), *páu* (palus), *moinho* (molinum), *moer* (molere), *paço* (palatium), *banho* (balneum), *poir* (polire), *poejo* (pulegium), *sahir* (salire), *sau-de* (salutem), *véu* (velum), *vigiar* (vigilare), *voar* (volare), *pego* (pelagus), *saudação* (salutatio), *taes* (tales), *moyer* Eluc. (mulier). Nalgumas formas, como *diabo* (diabolus), *cabido* (capitulum), *mó* (mola), *perigo* (periculum), *povo* (populus), *má* (mala), *dó* (dolus), *só* (solus), parece ter havido apocope do *l*, tornado final por queda da terminação lat. (*diabol*, *capitul*, *mol*, etc.); mas ha realmente syncope seguida da contracção das vogaes entre as quaes se opéra, o que revelam claramente as ant. formas *avóo* (* avulus), *cabidoo*, *soo*, etc.

6. Algumas vezes, mas raras, escapa o *l* á syncope abrandando-se em *l*: *pilha* (pila), *solho* (solum). Sobre o abrandamento do *l* noutras condições v. p. 52.

7. Tambem não é rara a dissolução do *l* em vogal. Exemplos são *couce* (calcem), *toupeira* (talpa), *fouce* (*falcem*), *bobo* = *boubo* (balbus), *muito* (multum), *outro* (alterum), *escopro* = *escoupro* (scalprum), *souto* (saltus), *poupar* (palpare), *cuytello* Eluc. (cultellum).

8. O *l*, assim como o *r*, está sujeito á metathese, e algumas vezes mesmo troca o logar com outras letras: *choupo* por **ploupo* (populus), *compedra* por **compella* (completa), na *Regra de S. Bento* nos *Ined. dos sec. XIV e XV*, I.; *esmola* (eleemosyna) por **elmosa* ou **elmosya*, *olvidar* (* oblitare), *silvo* (sibillum), *espaldar* por **espadlar* (spatula * spatularis), *milagre* (miraculum), *palavra* (parabola), *pulvego* Eluc. (publicus), *bultra* ao lado de *burla*, *merlo* ao lado de *melro*, *palrar* ao lado de *parlar*, *parolar*, *molde* (modulus).

LL. Por tres modos tracta a lingua a geminação.

1. A simplificação da geminação, i. e., a sua reducção a um só *l*, é a regra geral; mas os dois *ll* escrevem-se usualmente:

cadella (catella), *cabello* (capillum), *cella*, *cugulla* (cuculla), *callo*, *cutello* (cultellus) (1), *pollo* (pullus), *pelle*, *gallinha* (gallina), *molle*, *sella*, *collo*, *bello*, *fallecer*, *cavallo* (caballus), *ella* (illa), *bullir*, *meollo* (medulla), *grillo*, *valle*, *vassallo*, *villa*.

2. O abrandamento em *lh* é raro: *centelha* (scintilla), *toller* (tollere), *galha* (galla), *galhinha* ant., *polha* id. Eluc.

3. A geminação resiste muito mais á syncope que o som simples. Exemplos da syncope: *enguia* (anguilla), *astea* (astilla), *gemo* (gemellus).

CL, TL, PL, GL, BL, FL. Em geral a lingua tracta estas combinações d'um modo identico reduzindo-as a um unico som.

1. Esse som quando as combinações são iniciaes é *ch*: *chave* (clavis), *chamar* (clamare), *chousura* ant. (clausura), *chouvir* Eluc. (claudere); *chorar* (plorare), *chuva* (pluvies), *chaga* (plaga), *chão* (planus), *chantar* ant. (plantar), *chato* (πλατος), *cheio* (plenus), der. *chumasso* (pluma), *chumbo* (plumbum), *chus* ant. (plus), *chama* (flamma), *cheirar* (flagrare pro fragrare), *chamoia* Eluc. (flamula), *Chaves* (Aquae Flaviae). *J* por *ch* apparece excepcionalmente em ant. *jamar* Eluc. (chamar); *lh* por *ch* em *lhano* juncto de *chão* aponta para o hesp. em que tal mudança é regular na syllaba inicial (cf. hesp. *lhamar* = port. *chamar*, *lhave* = port. *chave*, *lhorar* = port. *plorar*, *lheno* = port. *cheio*, etc.).

2. Quando as combinações são mediaes (e então resultam em geral da queda de vogal), o som que no port. as representa é *lh* (*l* molhado): *cavilha* (clavicula clavic'la), *artelho* (articulus artic'lus), *navalha* (novacula novac'la), *ovelha* (ovicula ovic'la), *gralho* (graculus grac'lus), *olho* (oculus oc'lus), *orelha* (auricula auric'la), *vermelho* (vermiculus vermic'lus), *governalho* (gubernaculum gubernac'lum), *agulha* (acucula pro acicula acuc'la), *espelho* (speculum spec'lum), *joelho* (geniculum), *abelha* (apicula apic'la), *malha* (macula mac'la), *colher* (cochlear),

(1) O primeiro *l* cahiu por influencia do segundo.

piolho (pediculus pedic'lus), *lentilha* (lenticula lentic'la); *selha* (situla sit'la), *velho* (vetulus vet'lus); *escolho* (scopulus scop'lus), *manolho* (manipulus manip'lus); *telha* (tegula teg'la), *unha* por *unha* (ungula ung'la); *trilhar* (tribulare trib'lare). Também algumas vezes apparece *ch*, o que em regra se dá depois de *n*: *facho* (facula fac'la), *funcho* (foeniculum foenic'lum), *mancha* (macula) com *n* introduzido, *ancho* (amplus), *encher* (implere), *inchar* (inflare), *achar* (afflare).

3. Em muitos casos as combinações permanecem inalteradas: *clamar* ao lado de *chamar*, *claro*, *claustro*, *clave*, *clémencia*, *cliente*, *clima*, *declive*, *clérigo* (clericus), *clyster*; *applacar*, *applauso*, *plebe*, *applicar*, *pluma*, *planta*, *pleito*; *gleba*, *globo*, *agglomerar*, *glosa*; *flato*, *flexível*, *flor*, *fluido*, *flavo*.

4. Não escasseam os exemplos da mudança do *l* em *r* permanecendo em geral inalterada a outra letra de cada combinação: *cravo* (clavus), *cramar* ant., *crelgo* pop. GVic., *cremencia* ant., *egreja* (ecclesia); *praga* (plaga), *pranto* (planctus), *emprir* Eluc. (implere), *praino* = *plaino*, *grude* (glutem), *regra* (regula reg'la); *nobre* (nobilis nob'lis), *brando* (blandus); *fraco* (flaccus), *frouxo* (fluxus).

As outras combinações de *l* acham-se tractadas sob cada uma das outras letras que nellas entram.

EXPLOSIVAS NASAES

Dental (n)

1. Quando inicial permanece geralmente o *n* inalterado: *naris* (naris), *nardo*, *narrar*, *nascer*, *nadar* (natare), *nevoa* (nebula), *negar*, *negocio* (negotium), *nervo*, *negro* (nigrum), *nó* (ngdus), *nome*, *não* (non), *nota*, *novo*, *nutrir*, *noz* (nux).

2. Tanto medial como inicial está o *n* sujeito a ser sub-

stituido por alguma das outras liquidas: *alma* (anima), *lomear* Eluc. (nominare) ainda hoje pop., *Lormanos* ant. (Normandos), *licorne* (unicornis), *engalhar* ant. (enganar); *sarar* (sanare), *cofre* (cophinus) cf. fr. *coffre*, prov. *cofre*. Essa substituição é porém rara.

3. Entre vogaes, mais nas raizes e themas que nos suffixos, é o *n* com muita frequencia syncopado: *alheo* (alienus), *aveia* (avena), *area* (arena), *ameaçar* (* minaciare), *amea* (moenia), *anão* (nanus), *boa* (bona), *cadea* (catena), *freio* (frenum), *ceia* (coena), *coelho* (cuniculus), *femea* (femina), *coroa* (corona), *lua* (luna), *miudo* (minutus), *moeda* (moneta), *moimento* (monumentum), *mester* (ministerium), *mosteiro* (monasterium), *pessoa* (persona), *moreia* (muraena), *allumiar* (illuminare), *estrea* (strena), *gerar* (generare), *geral* (generalis), *soar* (sonare), *toar* (tonare), *ter* (tenere), *vir* (venire), *pôr* = ant. *poer* (ponere), *vaidade* (vanitatem), *semeiar* (seminare), *doar*, *dar* (donare). A antiga linguagem offerece outros exemplos: *meos*, *saar*, *algua* na *Regra de S. Bento* por *menos*, *sarar*, *alguma* (aliqua una); *deostar*, *diffir*, *dieiro*, *estrayo*, *fir*, *pea* no Eluc. por *dehonestar*, *diffinir*, *extranho*, *finir*, *menor*, *pena*. Exemplos da conservação do *n* são: *feno* (foenum) em que ella resulta de se querer evitar a homonymia com *feio* (foedus), *pena* (poena), *tina*, *abominar*, *fortuna*, *mina*, *minimo*, *pagina*, *humano*, *lusitano*, *romano*, *penitencia* (ant. *pedença*). No suffixo *inus* a conservação do *n* é regular: *divino*, *matinas*, *peregrino*, *latino*, *rapina*, *resina*, *ruina*, mas nelle é muito usual o abrandamento do *n* afim de obstar á sua queda: *gallinha* (gallina), *sobrinha* (sobrina), *sardinha* (sardina), *cadinho* (catinus), *bainha* (vagina), *caminho* (caminus), *visinho* (vicinus), *Martinho* (Martinus), *rainha* (regina), *determinhar* ant. (determinare), *ordinhar* ant. (ordinare), *Cristinha* id. (Cristina).

Nenhuma outra lingua romana syncopa o *n* entre vogaes como o port. e por tanto devemos olhar esse facto como uma feição que caracteriza o nosso idioma entre as linguas irmãs, mas que o faz comparar ao basco, em que a syncope do *n* é

egualmente regular. Diez adduz os seguintes exemplos bascos: *khoroa* = lat. *corona*, *ohorea* = lat. *honor*, *lihoa* = lat. *linum*, *pergamioa* = hesp. *pergamino*, *camioa* = hesp. *camino*.

4. A apocope do *n* é constante nas formas do fundo da lingua, excepto nos monosyllabos: *nome* (nomen), *lume* (lumen), *demo* (daemon), *legume* (legumen), *pente* (pecten), *vime* (vimen).

Um phenomeno que no campo das linguas romanas se dá unicamente no port., fr. e nalguns dialectos italianos é a destruição do *n* como som articulado, seguido da nasalisação da vogal que o precede: *rão* de *vanus*, *são* de *sanus*, *mão* de *manus*, *chão* de *planus*, *cão* de *canis*, *pão* de *panis*; *bom* = *bõ* de *bonus*, *som* = *sõ* de *sonus*, *tom* = *tõ* de *tonus*; *condição* de *conditionem*, *sermão* de *sermonem*. Voltaremos a tractar d'este ponto importante na segunda secção.

NN. A gemação ou abranda em *nh* como *ll* em *lh*, ou permanece com o som d'um simples *n*: *canhamo* (cannabis), *grunhir* (grunnire), *penha* (pinna), *canna*, *panno*, *penna*, *tinir*, *anno*, *gannir*.

NC. V. s. c. — NG. V. s. g (1). — ND. V. s. d.

NS = *nç*, *nz*. A supressão do *n* nesta combinação era já frequente em latim: nas inscripções lê-se *cosesum* por *consensum*, *cesor* por *cesor*, *libes* por *libens*, *infas* por *infans*; *decies* encontra-se por *deciens*, *vicesimus* por *vicensimus*, *megallesia* por *megalensia* (Weil et Bonloew, *Acc. lat.* p. 33); *formosus* vinha de *formonsus*, raiz *form*, suffixo *ons* = primitivo *vans* de *vant* em que o *v* foi syncopado e o *a* mudado em *o* pelas leis phoneticas do latim; *equōs* vinha de **equon-s*, i. e., o accus. sing. *equo-m* com o signal do plural s. V. Schlicher, *Comp.* § 157. Essa tendencia do latim para eliminar o

(1) Do *n* guttural ou *adulterinum* não tractamos separadamente porque são em pequeno numero as palavras em que elle apparece; basta o que dizemos quando tractamos das combinações *nc* e *ng*.

n na combinação *ns* apparece tambem no portuguez: temos por exemplo, *esposo* (sponsus), *mesa* (mensa), *pesar* (pensare), *mesura* (mensura), *mez* (mensis), *siso* (sensus), *teso* (tensus), *costar* (constare), *mostrar* (monstrare), *asa* (ansa), *defesa* (defensa), *mester* (ministerium min'sterium), *ilha* (insula isula), *trás* (trans). Algumas vezes permanece a combinação: *pansa*, *senso* ao lado de *siso*, *pensar* ao lado de *pesar*, *mansão*, *extenso*.

NL. Em latim era o *n* d'esta combinação assimilado com frequencia ao segundo som: *malluvium* = *manluvium*, *ullus* = *unulus* (un'lus), *villum* = *vinulum* (vin'lum). Apenas conhecemos um exemplo da mesma assimilhação no portuguez: é *lulla* (certo molusco) = lat. *lunula*.

NR. São muito poucas as palavras em que esta combinação apparece, e todavia por tres modos diversos se apresenta ella 1) lat. *nr* = port. *nr*: *genro*, *honra*, *tenro* (tener); 2) lat. *nr* = port. *ndr* (*d* introduzido): só nas antigas formas *hondrar* = *honrar*, *pindra* (pignora * pin'ra); 3) lat. *nr* = port. *rn*: *terno* (tener).

PN. V. s. *p*. — GN. V. s. *g*. — MN. V. s. *m*.

Labial (m)

1. Tanto inicial como medial permanece geralmente o *m* inalterado: *magro* (macer), *magoa* (macula), *mais* (magis), *maior*, *mal*, *mandar*, *mar*, *marido* (maritus), *massa*, *meio* (medium), *melhor* (melior), *mel*, *mente*, *meda*, (meta), *miserero*, *mitra*, *mobil*, *modesto*, *morder*, *mula*, *mugir*, *muito* (multum), *mundo*; *amar*, *comer* (comedere), *fama*, *imagem* (imaginem), *lamentar*, *lamina*, *lima*, *limite*, *pomo*, *ramo*, *remo*, *rima* (fenda), *temer* (timere), *vime* (vimen).

2. Troca de *m* por outra liquida ou labial não é frequen-

te: 1) por *n*: *nespera* (mespilum), *nembrar* ant. (memorare); 2) por *l*: *lembrar* (memorare), já em TCant.; 3) por *b*: *buseranha* (musaranha), der. *borborinho* = *murmurinho* (murmurium), *tambo* Eluc. (thalamus).

MT, MB. Estas combinações são representadas em português por *nt*, *nd*, em que o *n* tem a mesma sorte que nos outros casos, i. e., representa unicamente a nasalidade da vogal que o precede: *conde* (comitem com'tem), *contar* (computare comp'tare); *andes* (amites am'tes), *senda* (semita sem'ta). Nos compostos, como *circumdar*, segue-se porém a ortografia latina.

MB. V. s. *b*.

ML, MR, MN. Estas combinações, que resultam da syncope de vogal, em quasi todas as linguas romanas recebem um *b* no meio. Exemplos portuguezes: *combros* ao lado de *comoro* (cumulus), *semblante* ou *semblante* (simulantesim'lantes); *hombr*o (humerus hum'rus), *lembrar* (memorare mem'rare); *cambr*a por *camara* ouve-se dizer todos os dias. Para *mn* faltam exemplos em a nossa lingua como os hesp. *arambre* (aeramen aeram'n), *lumbre* (lumen), *nombre* (nomen), porque o port., obedecendo ás tendencias que lhe são particulares, elimina o *n* (nome, lume, exame, etc.), ou tracta *mn* resultante da queda de vogal como *mn* original, cf. *dono* = *domno* (dominus). *Deslumbrar*, der. de *lumbre* (lumen), é naturalmente hespanholismo.

MN original. Esta combinação é representada no port. por *n*, i. e., passou pela assimilhação de *m* para *n* (*mn* = *nn*) seguida da simplificação da geminação (*nn* = *n*); exprime-se porém ainda algumas vezes esse som simples pelos dois caracteres que representavam o original. Exemplos: *dano* ou *damno*, *condenar* ou *condemnar*, *aluno* ou *alumno*, *sono* ou *somno*; *dom* (domnus), *outono* (autumnus).

MPH. Occorre nalgumas palavras de origem grega e diversamente escripta; a orthographia mais seguida modernamente é todavia a etymologica: *nympha*, *amphibio*, *limpha* ou *linfa*, *amphitheatro*, *symphonia*.

GM. V. s. *g*. NM. V. s. *m*

OBSERVAÇÕES GERAES ÁS CONSOANTES

Disposemos as consoantes por classes, não seguindo a ordem rigorosa dos órgãos e da natureza de cada uma, mas tendo em vista o modo por que a lingua portugueza as representa, o que permite analysar mais rapidamente as regras geraes a que se acham sujeitas e que passamos a considerar:

CONSONANCIAS SIMPLES. 1.^a Regra geral: as consoantes iniciais resistem com grande tenacidade á alteração phonetica; muito raramente são representadas pelas brandas respectivas.

2.^a regra geral: as explosivas asperas ou tenues (*c*, *t*, *p*), quando mediaes, descem ás brandas medias (*g*, *d*, *b*).

3.^a regra geral: as explosivas brandas ou medias (*g*, *d*, *b*) podem ser syncopadas, mas a syncope attinge mais *d* que *g* e *b*; *g* dissolve-se em vogal (*i*) em muitos casos, *b* abranda na spirante *v*. A regra pode formular-se assim: as explosivas brandas estão como as asperas sujeitas á lei do abrandamento, que pode arrastar a uma destruição completa, a simples dissolução em vogal ou troca por spirante respectiva.

Excepções ás regras precedentes são *c*, *g* atrás de *e*, *i*, *ae*, *oe*, e *t* atrás de *e*, *i* não accentuados seguidos d'outra vogal.

4.^a regra geral: as spirantes mediaes estão tambem sujeitas á lei do abrandamento: *s* é representado por *z* (phonetica não orthographicamente); *v* é syncopado, ou dissolve-se em *u*. Mas em geral as spirantes são mais estaveis que as outras consoantes.

5.^a regra geral: as liquidas (continuas trilladas *r, l*; explosivas nasaes *n, m*) são permutaveis entre si, tanto quando iniciaes como quando mediaes.

6.^a regra geral: as liquidas dividem-se em dois grupos segundo a sua maior ou menor estabilidade: 1) *r, m*, das quaes a primeira só excepcionalmente é syncopada entre vogaes e a segunda nunca o é; 2) *l, n*, que em regra são syncopadas entre vogaes.

Examinando os principaes accidentes a que estão sujeitas as consoantes podemos formar o seguinte quadro em que não as consideramos em geral, por ser inutil, quando ellas são iniciaes, mas sómente quando mediaes e finaes (1):

Sons latinos**Sons portuguezes**

	Mediaes	Finaes
<i>Ca</i>	<i>g, c</i>	
<i>Ce</i>	<i>çe</i>	
<i>C</i>		(<i>n</i>)
<i>Qua</i>	<i>qu, c, gu, g</i>	
<i>Que</i>	<i>ç, q</i>	
<i>T</i>	<i>d, t</i>	(<i>a</i>)
<i>P</i>	<i>b, p</i>	
<i>Ga</i>	<i>g, (s), i</i>	
<i>Ge</i>	<i>j, (s); i</i>	
<i>D</i>	<i>(s), d</i>	(<i>a</i>)
<i>B</i>	<i>v, b</i>	
<i>I</i> palatal	<i>j, i</i> palatal	
<i>S</i>	<i>z, x = ch</i>	<i>s, (a)</i>
<i>F</i>	<i>f, v, b</i>	
<i>V</i>	<i>v, (s), u</i>	
<i>R</i>	<i>r, l</i>	
<i>L</i>	<i>(s), l, r</i>	
<i>N</i>	<i>(s), n, nh</i>	(<i>n</i>), (<i>a</i>)
<i>M</i>	<i>m,</i>	(<i>n</i>)

(1) *Ca* equivale a *ca, co, cu*, como *ce* por *ce, ci, cae, coe*, e ambas va-

A apherese de consoantes, e queda da primeira syllaba inteira são raras: já demos exemplos d'ellas quando tractámos das vogaes não accentuadas e de *l*; accrescentaremos os seguintes: *beira* (ribeira), *doma* ant. (hebdomas), *estormento* ant. = *stormento* (instrumentum). A syncope attinge sobre tudo as medias e a spirante *v* e as liquidas *l, n*. A apocope é rara, excepto nos elementos formaes *t, s* e *m*.

A metathese tem no portuguez, como em quasi todas as linguas, limites muito restrictos: *r* é o som que a ella está mais sujeito e depois d'elle *l*. Tambem se observa o mesmo phenomeno noutros sons; por exemplo, *tanchagem* (plantaginem), *cerquinho* (quercinus).

GEMINAÇÕES. Ao contrario das simples consoantes as mutas geminadas resistem a qualquer modificação alem da sua redução a um unico som; as geminadas liquidas *ll, nn* não têm tão grande tenacidade, porque podem abrandar respectivamente em *lh, nh, c ll* ser até, ainda que raramente, syncopada. O modo diverso por que são tractadas as consoantes simples e as geminadas testemunha por longa duração da pronuncia dos dois sons d'estas, pronuncia que todayia não deixou resto algum no portuguez.

CONSONANCIAS COMPOSTAS. O latim era muito mais pobre em combinações de consoantes que outras linguas do grupo indo-germanico; um grande numero de combinações, que eram mais ou menos frequentes no sanscrito, no grego, no gotico, em vão nelle se buscam. Citaremos entre as combinações que faltam no latim e se encontram no grego, com elle tão estreitamente apparentado, *pt* (πτερον), *bd* (βδελιον), *tm* (άτμος), *pn* (πνευμα), *sl* (εσλος), das quaes sómente a primeira se en-

lem tanto para o meio como para o começo das palavras; o mesmo a respeito de *qua, que*. O signal (*s*) quer dizer syncope; o signal (*a*) apocope; o signal (*n*) indica a nasalisação da vogal que precede a consoante diante da qual se acha. As formas principaes são as primeiras indicadas. Algumas permutações raras não são indicadas.

contra no meio das palavras, mas nunca é inicial. Se fizermos um quadro completo das combinações possíveis das consoantes latinas duas a duas acharemos, que um numero consideravel d'ellas faltam no latim. Deixaremos de parte essa investigação interessante, que pertence propriamente á philologia latina, e assentaremos sómente como principio geral que no latim havia uma forte tendencia para evitar o encontro de differentes consoantes (1). Essa tendencia reaparece ainda mais activa nas linguas romanas. As combinações em que *r* é o segundo elemento (*cr, tr, pr, gr, dr, br, fr*) não offerecem nenhuma repugnancia ao genio do portuguez, que apenas naquellas em que entram as tenues faz algumas vezes, geralmente no meio das palavras, descer estas ás medias. Já as combinações em que *l* é o segundo elemento não têm essa estabilidade (v. p. 90). Nas combinações iniciaes de *s* com outras consoantes, como vimos, a lingua chama uma vogal prosthetica para pôr de lado o difficil da pronuncia; mas para evitar a dureza das outras combinações, alem das indicadas, emprega a lingua diversos meios, dos quaes os principaes são a *dissolução* da primeira consoante da combinação em vogal (*i, u*), dissolução a que principalmente está sujeito o *c* e depois d'elle *d, p, g, b, v, l*, mas não as outras consoantes, e a *assimilhação*. Este ultimo processo exige um pequeno exame.

No latim a assimilhação operava com muita actividade e apresentava-se em todos os seus gráus e especies.

A assimilhação é *progressiva* ou *regressiva*; progressiva quando se exerce d'uma consoante á que a segue a influencia assimilhadora, regressiva quando essa influencia se exerce d'uma consoante á que a precede. Esta ultima especie é a mais frequente. Qualquer das especies de assimilhação é *incompleta* ou *completa*; incompleta, quando uma consoante se muda noutra do mesmo orgão que ella, mas que tem uma qualidade da que sobre ella influe; completa, quando uma consoante se identifica á que sobre ella influe. Exemplos: 1) a assimilhação incom-

(1) V. Diez, I. 276 sq., Weil et Benloew, *Acc. lat.* pp. 151 sqq., etc.

pleta progressiva dá-se sobre tudo entre as líquidas e o *t*, tendo as primeiras o poder de reduzir o segundo á spirante dental *s*: *man-sum* por * *man-tum* (*man-eo*), *pul-sus* por * *pul-tus*, (*pel-lo*), *spar-sus* por * *spar(g)-tus* (*spargo*); 2) a assimilação regressiva incompleta dá-se em *scrip-tus* por *scrib-tus*, cf. *scribere*, em que a explosiva branda labial se muda na aspera por influencia da explosiva aspera dental; em *ac-tus* por * *ag-tus*, cf. *ag-o*, em que a explosiva branda guttural se muda na aspera por influencia tambem da explosiva aspera dental; em *som-nus* por * *sop-nus*, cf. *sop-ire*, em *Sam-nium* por *Sab-nium*. cf. *Sab-ini*, *Sab-elli*, nas quaes as labiaes *p*, *b* se mudam na labio-nasal *m* por influencia da dento-nasal *n*; 2) assimilação progressiva completa: *torr-eo* por * *tors-eo*, cf. *tos-tum* por * *tors-tum*; *terr-a* por * *tersa* raiz indo-germ. *tars* (ser secco); *turris* por *tursis* (τύρσις), *ossis* por * *ostis* (ὄστειον); *longis-sinus* por * *longis-timus*, etc., *facil-limus* por * *facil-timus*, *celer-rimus* por * *celer-timus*, etc., cf. a forma do superlativo sanskrito *tam-as*, a que no latim correspondia *timus* apenas conservado em *op-timus*; *dispennite*, *distennite* por *dispendite*, *distendite* (Plauto); 4) assimilação regressiva completa: como mais importante requer que a tractemos com alguma minudencia. O seguinte quadro indica os seus principaes effectos no latim.

Dc = *cc*: *ac-cumbo* por *ad-cumbo*; *bc* = *cc*: *suc-cumbo* por *sub-cumbo*;

Ct = *tt*: *Attius* por *Actius*; *dt* = *tt*: *cette* por * *ced'te* de *cedite*;

Dp = *pp*: *ap-plicare* por *ad-plicare*, *ap-pellare* por *ad-pellare*, *quip-piam* por *quid-piam*; *bp* = *pp*: *sup-ponere* por *sub-ponere*;

Dg = *gg*: *aggerere* por *ad-gerere*; *bg* = *gg*: *sug-gerere* por *sub-gerere*;

Rj = *jj* = *j*: *pe-jero* por * *pej-jero* de *per-juro*;

Ts = *ss*: *quassi* por *quatsi*; *ds* = *ss*: *ces-si* por * *ced-si*, cf. *ced-o*, *es-se* por * *ed-se*, cf. *ed-o*; *bs* = *ss*: *jus-si* por *jub-si*, cf. *jub-eo*; *rs* = *ss*: *dossum* por *dorsum*; *ns* = *ss*: *pas*

sum por * *pansam*, cf. *pando*; *ms* = *ss*: *pres-si* por * *prem-si* cf. *prem-o*;

Df = *ff*: *af-ferre* por *ad-ferre*; *bf* = *ff*: *suf-fudere* por *sub-fundere*;

Cr = *rr*: *serra* de * *secra*, cf. *sec-are*; *tr* = *rr*: *parricida* por *patri-cida*; *dr* = *rr*: *ar-rogare* por *ad-rogare*; *br* = *rr*: *sur-ripere* por *sub-ripere*; *nr* = *rr*: *ir-ritare* por *in-ritare*;

Dl = *ll*: *grat-lae* por * *grad-lae*, cf. *grad-ere*, *sel-la* por * *sed-la* cf. *sedere*, *lapil-lus* por * *lapid-lus*, cf. *lapid-em*; *rl* = *ll*: *pel-lucidus* por *per-lucidus*; *nl* = *ll*: *ullus* por * *un'lus* de * *unulus*; *ml* = *ll*: *col-locare* de *com-locare*;

Gn = *nn*: *stannum* por *stagnum*; *dn* = *nn*: *an-nuntiare* por *ad-nuntiare*; *mn* = *nn*: *Garunna* por *Garumna*;

Pm = *mm*: *sum-mus* por * *sup-mus*, cf. *sup-er*, *sup-erior*, *sup-remus*; *bm* = *mm*: *sum-monere* por *sub-monere*; *nm* = *mm*: *im-mobilis* por *in-mobilis*, *im-mitis* por *in-mitis*.

A assimilhação completa produzia assim a gemação, ou duplicação de consoante, mas esta só era indicada pela escripta adiante das vogaes breves ou sómente longas por posição; diante das longas nunca era ella indicada graphicamente. Neste caso deve olhar-se a assimilhação como real, mas seguida da simplificação da gemação, i. e., queda do primeiro som, pelo que testemunha o alongamento por compensação da vogal em *pēs* por *pēd-s*, cf. *pēd-em*, etc.; *mīlēs* suppõe uma forma *mīlēs* de *milet-s*, cf. *milit-em*. Outros exemplos de assimilhação seguida de simplificação: *suāsi* por *suād-si*, cf. *suād-eo*, por intermedio de *suas-si*; *mā-jor* por *māg-jor*, cf. *mag-nus*; *ājō* (*aiō*) por *āg-jo*, cf. *ad-āg-ium*; *di-judico* por *dis-judico*, forma intermedia *dij-judico*, cf. acima *pe-jero*; *niv-is* por * *nig-vis*, (sem alongamento do *i*) cf. *nix* = * *nig-s*; *pō-no* por *pōs-no*, cf. *pōs-ui*; *corpu-lentus* por * *corpus-lentus*, cf. *corpus*, *corporis*, forma intermedia * *corpul-lentus*.

A tendencia que o latim tinha para evitar por todos os modos os grupos de consoantes manifesta-se tambem noutro phenomeno que os glotticos põem na categoria da assimilhação, porque não é talvez uma ecthlipse immediata, senão com in-

termedio da assimilhação, e que se dá quando uma consoante desaparece entre outras duas ou atrás de outras duas. Exemplos: *sar-tus* por * *sarc-tus*, cf. *sarc-io*; *tor-tus* por * *torc-tus*, cf. *torqu-eo*; *ul-tor* por * *ulc-tor*, cf. *ulc-isci*; *sar-si* por * *sarc-si*, cf. *sarc-io*; *tor-si* por * *torc-si*, cf. *torqu-eo*; *mul-sus* por * *mulg-sus*, cf. *mulg-eo*; *spar-sus* por * *sparg-sus*, cf. *sparg-eo*; *mis-tus* juncto de *mixtus* e este por * *misc-tus*, cf. *misc-eo*; *di-sco* por * *dic-sco*, cf. *di-dic-i*; *mulie-bris*, por * *mulier-bis*, cf. *mulier*; *fune-bris* per * *funer-bris* ou melhor * *funes-bris*, cf. *fune-ra*, *funus*. Isto basta para o nosso proposito (1).

Que admirar se no portuguez e nas outras linguas romanas muitas das combinações existentes no latim passaram pela assimilhação seguida da simplificação? Este facto attesta unicamente pela afinidade intima das leis organicas do latim e dos seus dialectos. *Jun-to* (escripto *juncto*) = *junc-tus* não lembra logo *tor-tus* por *torc-tus*?

As principaes assimilhações do portuguez, em que pela regra o som geminado foi simplificado, são as seguintes: *ct* = *tt* = *t*; *pt* = *tt* = *t*; *sc* = *ss*; *st* = *ss* = *s* = *ch* (*x*); *cs* = *ss* = *ch* (*x*); *ps* = *ss*; *rs* = *ss*; *ns* = *ss*; *rl* = *ll*; *nl* = *ll*; *gn* = *nn* = *nh*; *ng* = *nn* = *nh*; *mn* = *n* (escripto *n* ou *mn*). É desnecessario repetir aqui os exemplos que se acham na parte respectiva a cada uma das consoantes. Nas palavras compostas haveria ainda que colher alguns outros exemplos da assimilhação; mas como neste ponto não se pode sempre resolver se a assimilhação provinha já do latim, com quanto lá se não encontre, como no caso de *a-judar* = *aj-judare*, lat. *adjutare*, ou se o composto é formado com uma proposição portugueza e não a lat. correspondente, como no caso de *a-vir*, correspondente elemento por elemento ao lat. *ad-venire*, deixemos de parte esse ponto, que demais não tem grande interesse.

Em formas, como *doce* de *dulcis*, deve-se pensar numa assi-

(1) Para amplos desenvolvimentos sobre as leis da assimilhação em latim v. Schleicher, *Comp.* § 157, que com Weil et Benloew *Acc. lat.* pp. 155 sqq. e Diez I, 277—278 são as nossas fontes para esta parte.

milhação intermedia (*docce*), ou simplesmente em syncope imediata do som que desapareceu? A segunda idea é a accetivel quando se tracta da syncope d'uma liquida atrás de muta, porque a muta assimilha-se á liquida, mas o contrario não é verdadeiro.

Da assimilhação incompleta não conhecemos nenhum exemplo claro no portuguez.

A introdução de vogal entre consoantes para evitar o seu contacto é rarissima no elemento latino; exemplos são *baraço* por *braço*, ant. *caronica* por *chronica*. V. alguns exemplos do mesmo phenomeno mais abaixo, onde tractamos dos sons teutonicos. A introdução d'uma consoante entre outras duas como elemento euphónico é tambem rara; v. s. *m*.

No quadro seguinte das principaes combinações, ou grupos de consoantes do latim, e do modo por que são representadas no portuguez, faltam as combinações de *s* inicial com outras consoantes, e *l* mediai seguido d'outra consoante, que em regra permanece inalterado. Essas combinações apresentadas nelle, excepto as de muta com as liquidas *r*, *l*, que tambem se acham como iniciaes, são unicamente mediaes (1); só quando o indicarmos consideramos as iniciaes.

Lat.	Port.	Lat.	Port.
<i>TC, DC</i>	<i>j, lc</i>	<i>BS</i>	<i>s, bs</i>
<i>SCe, SCi</i>	<i>ch, sç</i>	<i>RS, NS</i>	<i>ss, s</i>
<i>NC</i>	<i>nj</i>	<i>CR, GR</i>	<i>gr</i>
<i>CT</i>	<i>it, ut, t, ct</i>	<i>TR, DR</i>	<i>dr</i>
<i>PT</i>	<i>t, ut</i>	<i>PS</i>	<i>ss</i>
<i>BT</i>	<i>ud</i>	<i>PR, BR</i>	<i>br</i>
<i>ST</i>	<i>ch, s</i>	<i>MR</i>	<i>mbr</i>
<i>MT</i>	<i>nd</i>	<i>CL inic.</i>	<i>ch, cr</i>
<i>NGe, i</i>	<i>nj, nh</i>	<i>CL med.</i>	<i>lh, ch, cr</i>
<i>CS(x)</i>	<i>ich, eis, s, etc.</i>	<i>TL</i>	<i>lh</i>

(1) Consideramos aqui tambem sómente os modos principaes de representação, enviando o leitor para mais particularidades a cada uma das consoantes.

Lat.	Port.	Lat.	Port.
<i>PL</i> inic.	<i>ch, pr</i>	<i>BL</i> med.	<i>lh</i>
<i>PS</i> med.	<i>lh, ch, pr</i>	<i>FL</i> inic.	<i>ch</i>
<i>GL</i> inic.	<i>gl</i>	<i>FL</i> med.	<i>ch</i>
<i>GL</i> med.	<i>lh</i>	<i>ML</i>	<i>mbl, mbr</i>
<i>BL</i> inic.	<i>bl, br</i>	<i>MN</i>	<i>n</i>

DISSIMILHAÇÃO. Este processo não era tão frequente no latim como o inverso, a assimilhação, e o mesmo se dá no portuguez. Um exemplo da dissimilhação no latim é a troca de *-ali-s* com *-ari-s*, por ser a primeira forma do suffixo empregada quando no thema a que se juncta ha um *r*, e a segunda quando esse thema contem um *l*: *saturn-ali-s*, *gener-ali-s*, *astr-ali-s*, *mort-ali-s*, *natur-ali-s*, *norm-ali-s* e *secul-ari-s*, *popul-ari-s*, *epul-ari-s*, *stell-ari-s*, *regul-ari-s*, *famili-ari-s*, *singul-ar-is*, *vulg-ari-s* (1). Essa importante relação dos sons é tambem observada nalguns derivados novos, i. e., que não decorrem do latim, feitos com o suffixo port. *al* = lat. *ali-s* ou *ar* = lat. *ari-s*: *jogr-al* (cf. o inverso no hesp. *jogl-ar*), *madrig-al*, *tempor-al*, *port-al*, *are-al*, *cerej-al*, *pastor-al*, *arsen-al* (thema arabe), e *escol-ar*, *espald-ar*, *pil-ar*. Excepções como *oliv-al* por *oliv-ar* (cf. hesp. *oliv-ar*), são rarissimas, e têm uma razão de ser que indicaremos na morphologia. Não é de admirar que nalguns termos de formação sabia, que decorrem principalmente do latim ecclesiastico, a relação dos sons não seja observada; cf. por exemplo, *philosoph-al*, *celesti-al*, *theolog-al*. Em todo o caso aquelles novos derivados portuguezes, que se encontram igualmente numa ou outra das linguas irmãs, e em que se observa a troca regular do suffixo, mostram, como tantos outros factos, a persistencia d'uma importante lei de euphonia do latim nas linguas romanas. Formas como *marmelo* = lat. *melimelum*, *lirio* = lat. *lilium*, *coronel* = it. *colonello*, der. de *colona* (tropa de guerra), *rou-*

(1) A respeito das excepções a esta regra v. Müller, *Lectures* II, 170 e Pott, no logar cit. pelo precedente.

xinol = lat. * *lusciniolus* por *lusciniola*, *palafrem* = lat. *paraveredus* são igualmente um resultado do mesmo principio de euphonia, pelo qual se evita a repetição da mesma lingual numa palavra, principio que pode dar em resultado a destruição d'uma lingual como se vê de *cutello* = lat. *cultellum*, *crivo* = lat. *cribrum*, *frade* = lat. *fratrem*. Rara é porém a substituição da lingual por um som d'outro orgão como em *joio* por * *jolio* ou * *joilo* = lat. *lolium*.

Em latim *t*, *d* mudavam-se em *s* quando estavam atrás de *t*: *eques-ter* por * *equet-ter*, cf. *equit-is*; *pedes-ter* por * *pedet-ter*, cf. *pedit-is*; *es-t*, *es-tis* por * *ed-t*, * *ed-tis*, cf. *ed-o*; *claus-trum* por * *claud-trum*, cf. *claud-o*; (Schleicher *Comp.* § 152, 2). Em portuguez só ha d'esta especie de dissimilhação exemplos já existentes no latim.

Na categoria da dissimilhação entra tambem a contracção de duas consoantes eguaes ou semelhantes separadas por uma vogal num só som, depois de syncopada essa vogal. Exemplos d'esse phenomeno são no latim *consue-tudo* por * *consueti-tudo*, cf. *consuetu-s*; thema *aes-tati* por * *aesti-tati*, cf. *aestu-s*; thema *nu-tric* por * *nutri-tric*, cf. *nutri-re*, *sti-pendium* por * *stipi-pendium*, cf. *stips stipis*; *vene-ficus* por * *venene-ficus*, cf. *venenu-m*; *se-mestris* por * *semi-mestris* (Schleicher, *Comp.* § 152, 2; Leo Meyer *Vergleichende Gram. d. lat. Sprache* I, 281). O latim explica-nos assim formas como port. *trigo* por *tritigo* = lat. *triticum*.

SONS TEUTONICOS

Como a parte principal dos conquistadores germanicos da Hespanha eram godos, é no gotico que deve buscar-se a forma original dos elementos teutonicos da nossa lingua, postos de parte os que ella recebeu mais tarde em virtude das suas relações politicas e commerciaes com as nações teutonicas e me-

smo com as romanas. Infelizmente não conhecemos do lexico-gotico senão uma pequena parte, porque d'essa lingua um unico monumento nos foi conservado, a traducção da Biblia por Ulfilas, e esta mesma só em parte, de modo que é mister recorrer aos outros dialectos teutonicos para compensar essa falta. Uma indicação d'esses dialectos é necessaria como preliminar.

Os dialectos teutonicos foram divididos em tres ramos: *alto allemão*, *baixo allemão* e *scandinavio*, divisão que assenta sobre peculiaridades phoneticas e morphicas. Por exemplo a *k*, *t*, *th* do ball. correspondem respectivamente *k* ou *ch*, *t* ou *z*, *d* no altall.: all. *koch* = ing. *cook*, all. *zehn* = ing. *ten*, all. *ding* = ing. *thing*.

O seguinte quadro permittirá ao leitor abraçar num lance d'olhos toda a familia teutonica. O signal (m) indica as linguas mortas.

TEUTONICO	Alto allemão	Antigo alto allemão (m)
		Medio alto allemão (m)
		Moderno alto allemão
	Baixo allemão	Gotico (m)
		Anglo-saxão (m)
		Inglez
		Antigo saxão (m)
		Frisico
		Hollandez
	Scandinavio	Flamengo
1. Antigo scandinavio Islandez ou ant. norske Ferroez		
	2. Moderno scandinavio Dinamarquez Sueco Noruegez	

Conhecendo as peculiaridades phoneticas d'esses diversos dialectos pode determinar-se que forma teria num d'elles uma palavra que só se encontra noutro ou noutros. É o que teremos que fazer algumas vezes com respeito ao gotico.

É desnecessaria uma tabella dos sons do gotico, porque elle tinha os mesmos que o latim e a mais que este a aspirada dental *th* e a spirante dental branda *z* e o *u* (*w*) spirante. O gotico, como as outras linguas teutonicas, apresenta um numero muito mais consideravel de combinações consonantaes do que o latim. Nesses idiomas, como se sabe, a consoante tem grande superioridade sobre a vogal. Passemos agora a examinar por que modo se acham representados no port. os sons teutonicos (1).

Vogaes

A. — E. Teut. *a* = port. *a*: *rapar* (aaltall. *rapen*), *lat-ada* (*latta*), *raspar* (ang sax. *raspon*), *tapar* (holl. ing. *tap*), *lada* ant. (ang sax. *lād*), *marcar* (*markan*), *sala* (*sal*), *escravo* (mod. all. *sclave*), *jardim* (*gart*), *a-taxiar* (got. *taujan* ang sax. *ta-vian*), *estampar* (ing. *stamp*, got. *stampfen*), *falda* (*falt*). O got. *é* = aaltall. *á* não apparece: *vaga* (aaltall. *wác*, got. *vegs*). *Sueiro* ant. nome proprio vem do aaltall. *suári* não do got. *svérs*: cf. *primeiro* de *primarius*. O *a* primitivo apparece no port., mesmo quando no aaltall. elle já se acha mudado em *e* em virtude da lei do *Umlaut*: *albergue* (*heriberga*, got. *harjis*), *arengue* (*harinc herinc*) *agasalhar* (*saljan*, *gaselljan*), der. *escanção* (*skenkan*). D'ahi vem o serem rarissimos os exemplos de teut. *e* = port. *e* como *bedel* = blat. *pedellus* = aaltall. *petil*, *brecha* = fr. *brèche*, do aaltall. *brechan*.

(1) As palavras que vão sem indicação de lingua são do antigo alto allemão. Para a significação e suas alterações no elemento teutonico v. livro segundo, secção segunda.

I. O teut. *i* longo, que em Ulfilas é representado por *ei*, é como o *i* longo latino reproduzido com fidelidade: *lista* (*līsta*) *guisa* (*wīse*), *ribaldo* (*hrība*), *rīma* (*rīm*), *esquina* (*skīna*), *rīco* (*rīhhi*), *gris* (*grīs*), *canivete* (anors. *knīfr*), *grima* (ang-sax. *grīma*).

Como o *i* breve latino assim são tractados o *i* breve got. e aaltall., o got. *ai* e o aaltall. *ē*, i. e., o principal modo de a lingua os representar é por *e*: *arenga* (*hring*), *feltro* (ang-sax. *filt*), *espeto* (*spiz*), *fresco* (*frisc*), *elmo* (got. *hīlms*), *lesto* (got. *listeigs*). Em muitos casos porém permanece o *i* (e seus equivalentes) inalterado: *esquife* (*skif*), *espiar* (*spēhon*), *tirar* (got. *tairan*), *eslinga* (*slinga*), *esgrimir* (*skirman*), *triscar* (got. *thriskan*), *britar* (ang-sax. *brittian*), *cingrar* (anors. *sigla*) *esticar* (ang-sax. *sticca*), *sribar* (*strēban*).

O. Teut. *o* = port. *o*: *espora* (*sporo*), *faldistorio* (*valtstuol*), *roca* (*rocco*), *brotar* (*broz*), *chocar* (*klochón* all. mod. *shocken*), *forro* (got. *fódr*).

U. Se o *u* é longo, permanece inalterado: *escuma* (*scām*), *brunir bruno* (*brún*), *exdruzulo* (*struhhal*), *em-bute* (maltall. *būz*). Se o *u* é breve, é representado por *o*: *mosar* (*mupfen*), *Affonso* = *Al-fonso* (*-funs*), *en-rocar* (anors. *hrucka*), *sopa* (anors. *sup*), *tombar* (anors. *tumba*), e algumas vezes também por *u*: *estruque* (*stuck*), *murça* (*mütze*), *estufa* (*stupa*).

OBSERVAÇÕES ÀS VOGAES. As vogaes teutonicas accentuadas comportam-se exactamente como as vogaes latinas accentuadas: *a*, *e*, *o* tanto longas como breves permanecem inalteradas; *i*, *u* longas conservam a sua qualidade, breves mudam-se em geral respectivamente em *e*, *o*.

AI. A este diphtongo gotico correspondia em geral *ei* no aaltall., diphtongo que muitas vezes se contrahiu em *ē*. Em geral o portuguez representa o *ei* do aaltall. por *a*, o que aponta para formas hypotheticas com *ái* do got., em que o diphtongo

foi reduzido á vogal accentuada (1): *gala* (*geil* + *gail*), *gana* (*geinon*?), *garanhão* (*hreinno*). Algumas vezes se encontra intacto o diphtongo *ai* ou o seu correspondente *ei*: *laido* ant. (*leid*); *ar-reiar* (got. *raidjan* maltall. *ge-reiten*). Em *Henrique* (*Heinríth*) o diphtongo não accentuado acha-se contrahido em *e*.

AU. A este diphtongo gotico correspondiam em aaltall. *ó*, *ou*, *au* (raro), em anors. *au*, em ang sax. *ea*. O portuguez representa-o por *o*, ou por *ou*, como faz para com o latim *au*; *galopar* (got. *hlaupon*, aaltall. *gahlaufen*), *botar* (maltall. *bózen* anors. *bauta*, ang sax. *beátan*), *loja* (*laubja*), *lote* (got. *hlauts*), *Froyla* (*Frauila*); *roubar* (*roubón*), *roupa* (*roub*), *loução* (got. *laus*, aaltall. *lós*), der. *cousimento* ant. (got. *kausjan*).

IU. Aparece diversamente representado em *esquivar* (*skiu-pan*), em que o *u* parece ter-se consonantisado em *v*; em *tre-gua* (*triuwa*), em que o *u* desaparece, o que já se dava no aaltall. em que ha a forma *triwa*; em *quilha* (*kiol* ou *kiul*), em que o *u* tambem foi supprimido.

Consoantes

EXPLOSIVAS ASPERAS

K. A tenue guttural teutonica não é tractada como a tenue guttural latina: atrás de *e*, *i* não degenera em spirante dental; medial não abranda na media, senão excepcionalmente.

(1) Em alguns documentos em aaltall. tambem o dyphthongo *ei* se acha escripto *ai*.

Em altall. o *k* mudou-se, quando medial e final, em *ch*; nos exemplos que seguem deve-se pois suppôr onde está um aaltall. *ch* um got. *k*; *camarlengo* (*kamarline*), *coifa* (*kuphja*), *quilha* (*kiol*), *Pradrique* (got. *Frithareiks*), *estaca* (ang sax. *staca*), *espeque* (holl. *spaecke*), *escarpado* (anors. *skarp*), *escanção* (*skenkan*), *Ricardo* (*Richart*), *ascua* (*ascá?*), *balcão* (*palchô*), *estrinque* (*stirick*), *esquina* (*skina*), *branco* (*blanch*), *tascar* (*zascón*), *marca* (*marcha*), *fresco* (*frisc*), *renque* (ing. *rank*), *ar-rancar* (maltall. *renken*), *escote* (blat. *scotum*, ant. frisico *skot*), *escuma* (*skâm*), *en-rocar* (anors. *krucka*). Media em *barriga* (*baldrich*), *figar* (got. *fiskon*), *Rodrigo* (*Rodrich*), *esgrima* (*skirm*), *garfo* (*krapfo krafo*).

T. Tanto inicial como medial permanece geralmente o *t* sem alteração: *tirar* (got. *tairan*), *tomar* (ang sax. *tómian*), *britar* (ang sax. *brittian*), *lastar* ant. (*leisten*), *estaca* (ang sax. *staca*), *lista* (*lísta*), *a-taviar* (got. *taujan*), *batel* (ang sax. *bât*), *oeste* (ang sax., ing. *west*), *este* (ang sax., ing. *east*), *escote* (ant. frisico *skot*), *lote* (got. *hlauts*).

O aaltall. representa muitas vezes o *t* germanico primitivo por *z* (*tz*); nos seguintes exemplos as formas d'aquelle idioma não representam mais do que formas goticas com *t* correspondente ao *z*: *brotar* (*broz*), *tascar* (*zascón*), *tocar* (*zuchon*), *esmalte* (*smelz*, blat. *smaltum*). Nalgumas palavras que provêm não do got. senão do aaltall, o *t* germanico primitivo é representado por *s* ou *ch*. O *z* (*tz*) simplificou-se em *s* como o grego *z* (*ds*) em *s* brando, e esse som simples ou ficou ou foi mudado em *ch*, como succedeu algumas vezes ao lat. *s* (v. p. 83): *bossa* (*butze*), *pinsa* (*pfetzen*), *frecha* (*flitz*), *mocho* (*mutz*). As duas primeiras palavras são de introdução moderna e vieram do francez; as duas ultimas são muito antigas na lingua.

P. Tanto inicial como medial conserva-se o *p* em geral inalterado: *polé* (ing. *pull*, ang sax. *pullian* vb.), *placa* (holl. *plak*), *espigar* (*spëhon*), *raspar* (*raspón*), *tampa* (ing. *tap*), *estampar* (ing. *stamp*, aaltall. *stamphón*), *espeque* (holl. *spaecke*),

galopar (got. *hlaupon*), *sopa* (anors. *saup*), *rapar* (ball. *rapen*),

Do aaltall. *f* por *pf* = *p* ha alguns exemplos: *garfo* (*krafo krapfo*), *esquife* (aaltall. *skif*, got. *skip*). O *f* acha-se representado por *v* em *esquivar* der. de *esquife*, *escarvar* (holl. *scrafen*, maltall. *schrapfen*, etc.).

EXPLOSIVAS BRANDAS

G. A media teutonica guttural, que o altall. representa por *k*, permanece inalterada atrás de *a*, *o*, *u* e consoantes, e atrás de *e*, *i* degenera em geral como o lat. *g* em *j*, algumas vezes porém conserva a sua qualidade: *gabella* (angsax. *gaful*), *gosma* (anors. *gormr*), *gana* (*geinón*), *gala* (*geil*), *garbo* (*gara-wi*), *grima* (angsax. *gríma*), *gravar* (*graben*), *vaga* (got. *végs*), *arenga* (*hring*), *orgulho* (*urguol*), *tarja* do fr. *targe* (*zarga*), *gonfalão* (*gundfano*); *Sigismundo* (*Sigismund*), *Geraldo* (*Gérhard*); *albergue* (*heriberga*). A dissolução do *g* em vogal é rara: *saião* (*sago*), *des-maiar* (*magen*). Inteiramente excepcional é port. *j* = teut. *g* atrás de *a*, como em *jardim* (*gart*).

A tenue do altall. apparece nalgumas formas, como *des-falcar* (*falkan* por *falgan*).

D. A media dental permanece geralmente sem modificação: *bordel* (got. *baúrd*), *doudo* (ing. *dold*, angsax. *dol*), *a-daga* (holl. *dagga*), *dardo* (angsax. *daradh*), *dique* (angsax. *dic*), *doca* (ing. *dock*, all. *doke*), *guardar* (*veardian*), *banda* (got. *bandi*), *lada* ant. (angsax. *lād*), *falda* (*falt*, angsax. *feald*), *brida* (angsax. *bridel*). Assimilhação (*dr* = *rr*) em *forro* (got. *fódr*), *barriga* (*baldrich*).

B. Tambem resiste em geral á alteração a media labial: *balcão* (*balcho*), *barriga* (*baldrich*), *bannir* (got. *banvjan*), *balla* (aaltall. *balla*, maltall. *bal*), *bord* (*bort*), *batel* (angsax.

bât), *baluarte* (*bollwerk*), *gabella*, *ribaldo* (*hriba*), *roubar* (*raubón*), *adubar* (ang sax. *dubban*), *bramar* (*bremen*), *brecha* (*brechan*), *branco* (*blanch*).

ASPIRADAS

O teutonico possuiu primeiramente uma serie de aspiradas (*kh*, *th*, *ph*), mas no curso da sua vida as aspiradas da ordem guttural e labial degeneraram nas spirantes correspondentes *h*, *f* e na forma mais antiga que d'elle conhecemos, o gotico, apenas existe a aspirada da ordem dental (*th*). Esta teve no romano a mesma sorte que o mesmo som do grego (*θ*), i. e., foi representada pela tenue do mesmo orgão: *tudesco* (got. *thiudisk*), *triscar* (got. *thriskan*), *truque* (ang sax. *thryscan*), *toalha* (got. *thcahl*), *tex-ugo* (ang sax. *dahs* provavelmente por *thahs*) são exemplos portuguezes.

O alto allemão representa a aspirada dental pela media e algumas palavras portuguezas em que ao teut. *th* corresponde *d* apontam para aquella fonte; taes são entre outras *dansar* (aaltall. *dansón*, got. *thinsan*), *brodio* (aaltall. *brod*, ang sax. *broth*), *laido* (aaltall. *leid*, anors. *leith-r*), *Fradriquo*, *Fredérico* (aaltall. *Fridurith*, got. *Frithareiks*).

CONTINUAS SPIRANTES

H. Como a spirante guttural latina perdeu inteiramente a sua força no port., era de esperar que o mesmo se desse para com o *h* teutonico. Mas o enfraquecimento do *h* latino tinha sido organico, i. e., fizera-se no interior mesmo da lingua sem influencia alguma exterior, e d'um modo gradual. Quando o *h* teutonico se offereceu aos ouvidos romanos com toda a sua força não pode destruir-se impunemente porque essa de-

struição tornaria muito differente a palavra teutonica da que o romano pronunciava como tal; do desejo de querer approximar-se o mais possivel da pronuncia teutonica e ao mesmo tempo da tendencia para evitar um som que repugnava á euphonia romana, que o tinha feito pôr de lado, resultou que o *h* teut. fosse substituido por as outras gutturaes (*c*, *g*), ou pela labial *f*, que lhes está muito proxima, assim *tacanho* (*táha*), *trigar* (got. *threihan*), *farpa* (*harpe*); todavia nalguns casos o *h* tornou-se mudo, principalmente quando inicial: *arauto* (**hariowalt*, all. mod. *herald*), *alar* (anors. *hala*), *alabarda* (aaltall. *helmbart?* all. mod. *hallebarde*), *arenque* (*harinc*), *alberge* (*heriberga*).

As combinações de *h* com liquidas (*hl*, *hn*, *hr*) são tractadas de differentes modos nas linguas romanas: a spirante cahe umas vezes, outras é representada por algum dos tres sons que lhe são mais apparentados (*c*, *g*, *f*), outras introduz-se um *a* entre os dois sons, dos quaes o primeiro se torna mudo geralmente. Exemplos portuguezes para todos os casos não os ha. Eis alguns: *flanco* (*hlancha*); *lote* (got. *hlauts*), *Luiz* (*Hludowic*), *arenga* (*hring*); *garanhão* (*hreinno*).

Na combinação *ht* emmudece tambem o *h*, ex.: *frete* (aaltall. *fréht*).

J. A spirante palatal teutonica é tractada pouco mais ou menos como o mesmo som latino. Quando se acha adiante ou atrás de *l*, *n* funde-se com estes sons em *lh*, *nh*: *agasalhar* (*gaselljan*), *ganhar* (*weidanjan*). Juncto das outras consoantes o modo de representação é mais irregular nas linguas romanas: *bj* = port. *j* em *loja* (*laubja*); *j* = port. *i*: *ataviar* (got. *taujan*).

S. Nada de particular ha que notar a respeito d'esta consoante que se comporta como o *s* latino. Ás combinações iniciaes *sl*, *sm*, *sn* antepõe-se um *e* como ás latinas e teutonicas *se*, *st*, *sp*: *eslinga* (*slinga*), *esmalte* (*smelz*), etc.

Em got. já o *s* entre vogaes era muitas vezes pronunciado como o nosso *z* (Schleicher, *Comp.* § 202, 3).

F. Em geral não padece alteração: *fisga* (got. *fiskon*), *fato* (*faz*), *fona* (got. *fón*), *forro* (got. *fodr*), *falda* (*fali*), *frete* (*fréht*), *mofo* (holl. *muf*), *Fernando* (*Fridnand*). Quando medial é como o lat. *f* algumas vezes substituído por *v*: *luva* (got. *löfa*), etc.

W. Por este signal se indica o mesmo som do ing. *w*, som que no alphabeto gotico era representado por um simples *v* (gr. *v*) e no aaltall. por o duplo *v* ou por *u*. Este som era inteiramente alheio ao lat. e por isso os povos romanos em vez de o reproduzirem, imitando os conquistadores germanicos fielmente, tractaram de o substituir. «Para essa pronuncia, escreve Diez, era o orgão do romano pouco capaz, com quanto elle possuia alguns exemplos das combinações *uá*, *ué*, *uí*, *uó* mesmo iniciaes (fr. *ouate*, hesp. *huebra*, fr. *huitre*, ital. *uomo*). Podia elle tel-a substituído pelo seu *v*, como em certos casos fez; mas a tendencia para deturpar o menos que possivel fosse o som estrangeiro levou a outra imitação, em que a natureza d'esse som parece ser melhor expressa, e foi *gu*, combinação em que o som guttural era chamado para condensar ou dar corpo á spiração espalhada pelo teutonico *w*. Este modo de exprimir o *w* vale em regra só para a syllaba inicial (*Anlaut*), em que a articulação estrangeira se apresentava mais fortemente. No sec. VIII estava já o *gu* pelo teut. *w* muito espalhado em documentos de terras romanas: lêem-se *Gualterius*, *Gualbertus*, *Guichingo*, *Guido* e semelhantes em todos os papeis. Tambem no antigo teut. se observa elle. Dos lombardos conta Paulo Diacono I, 9, que pronunciavam a palavra *Wodan* como *Gwodan*; tambem usam os documentos d'elles *gwald* por *wald*, talvez por influencia romana (Grimms *Gesch. der. d. Sprache* 692, cp. 295), pois elles viviam entre romanos. Tambem em antigos documentos do baixo Rheno se nota aquella representação do *w* (cp. W. Grimms *Altd. Gespräche* S. 16 — 17), e o mesmo nas fronteiras romanas. *Gulfilas* por *Vulfilas* tem a chronica de S. Isidoro. Que a expressão do *w* por *gu* tenha por causa uma *disposição* (*Anlage*) romana mostra a existencia

do *gu*, onde um não teut. *ua, ue, ui* era dado: por *huanaco, man-ual, men-uar* pronuncia o hesp. com *g* ante-posto *guanaco, man-gual, men-guar*, e do mesmo modo por *huebra* dialectal *guëbra*, etc., e o napolitano exprime o fr. *oui* por *gui* (*Grammatik I, 303*).»

Exemplos: 1) Inicial teut. *w* = port. *gu*: *guarda* (got. *vardja*), *guardar* (got. *varjan*), *guisa* (aaltall. *weise*), *gualdir* (got. *vandjan*), *gualardão* (*widarlon*), *guerra* (*werra*), *guarn-ecer* (*werren*), *guindar* (*winden*), *Galles* (*Wales*). Nas formas *gue, gui* o *u* não se pronuncia.

2) Medial teut. *w* = port. *gu* só em *tregua* (*triwa*).

3) Inicial teut. *w* = port. *v*: *vaga* (aaltall. *wác*, got. *végs*), *vogar* (*wogón*); o *v* acha-se aqui para evitar a repetição do mesmo som: *vaga, vogar* assim por *gaga, gogar*.

4) O medial teut. *w* é representado nas linguas romanas por *v* ou *b*; os exemplos portuguezes são raros: *garbo* (*garawi*), *ataviar* (got. *taujan* pret. *tavida*), *aleive* (got. *levjan*).

Da dissolução antiga do *w* em *o* apparecem vestigios em *oeste* (*west*), *toalha* (got. *thval*) e nomes proprios: *Baldoino* (*Baltwin*), *Grimaldo* (*Grimwart*), *Noruega* (*Norvegr*), *Reinaldo* (*Rejinwalt*), *Bertoldo* (*Bertwald*).

A combinação *sw* é resentada por *so, su*: *Soeiro Soares* (got. *svérs*, aaltall. *suári*), *Suecia, Suissa, Soabia*.

LIQUIDAS

Pouco ha que notar sobre as liquidas. Em geral permanecem sem alteração. Não ha exemplos de syncope de *l* e *n*, como succede no elemento latino. O *r* está aqui sujeito á metathese: *esgrimir* (*skirman*). Tambem se observa a regra da dissimilhação das linguas: *albergue* (*heriberga*), *Beltrão* (*Bertram*), mas *Bernardo* (*Bernhard*). Em *gosma* (anors. *gormr*) *s* por *r*. O *l* é algumas vezes mudado em *r* adiante de outra consoante: *branco* (*blanch*), *brazão* (angsax. *blaese?*), etc. O *n* acha-se mudado em *l* em *gonfalão* (*gondfano*), etc.

OBSERVAÇÃO ÀS CONSOANTES. As consoantes teutonicas que existiam egualmente no latim conservam-se com muito maior tenacidade que as d'este, resistindo ao abrandamento e á syncope, havendo apenas algumas excepções sem importancia. O *w* é representado por *gu*, *v* ou *o*; o *h* é algumas vezes representado pela tenue ou media guttural e a spirante aspera labial. No demais o modo por que o port. tracta os sons teutonicos nada offerece de particular.

SONS ARABES

Dois pontos ha que considerar previamente pelo que toca a esta parte da phonologia portugueza: 1) que os sons arabes taes como elles se nos apresentam no dialecto litterario não eram necessariamente reproduzidos com fidelidade pela população musulmana da Hespanha, i. e., que esta tinha um dialecto proprio; 2) que a essa primeira alteração dos sons arabes se veiu junctar a que a população godo-romana produziu nas palavras que recebeu do idioma dos musulmanos. O sabio Engelmann foi o primeiro que deu attenção ao primeiro ponto, e buscou dados para o conhecimento da pronuncia do dialecto vulgar arabe da Hespanha, dados que lhe foram fornecidos pelo *Vocabulista arabigo* de Pedro de Alcala (Granada 1503), em que se acha reproduzida a pronuncia dos arabes de Granada no tempo em que viveu o arabista hespanhol, e nos escriptos sobre a linguagem do Magreb, que, segundo o philologo allemão, era pouco mais ou menos a dos mouriscos da peninsula. Colligimos do trabalho de Engelmann nas sete paginas seguintes o que nelle ha que possa esclarecer o estudo da phonologia da nossa lingua, aproveitando tambem Diez, *Gram.* I, 308, sqq. (1).

(1) A falta de estudos especiaes não permitem nesta parte completar com fructos da nossa actividade os trabalhos dos nossos predecessores.

Empregamos em geral a transcripção do primeiro. O signal *dv.* indica o dialecto arabe vulgar da Hespanha. As formas dentro de parenthesis são do arabe litteral.

Vogaes

A. No *dv.* era o *a* breve muitas vezes pronunciado como *e* e o *á* geralmente como *í* e algumas vezes como *é*: assim *menzel* por *manzil*, *sebeja* por *sabadj*, *gezira* por *djazira*, *bib*, por *báb*, *licín* por *liçán*, *bilíd* por *bilád*, *ricela* por *riçála*, *zeyet* por *zaidt* em Alcalá. Exemplos portuguezes em que se dá uma semelhante mudança phonetica são: *azeviche* (as-sabadj), *algemas* (al-djâmi'a), *azemela* ou *azemola* (az-zammâl), *acetre* (as-satl), *alfageme* (al-hadjâm), etc. Muitas vezes porém o ar. *a* apparece inalterado no port.: *achaque* (ach-chacâ), *alarde* (al'-ardh), *alcaçova* (al-caçaba), *alcatea* (al-catî'), *alface* (alkass), *aldrava* (adh-dhabba).

I. O *i* mudava-se muitas vezes em *e* no *dv.* Alcalá traz *çaguer* por *çaghîr*, *muhteceb* por *muhtacib*, *mexleç* por *madjlis*, *safeha* por *çafiha*. No port. o *i* breve é representado por *i*, por *e* ou por *o*: *alcatifa* (al-catifa); *acelga* (as-silk, as-silka), *azebre* (ac-cibar); *almofada* (al-mikhadda), *almofaça* (al-mihassa), *almofreixe* (al-mifrâch). Mudança de *i* em *ò* dava-se no *dv.* Alcalá escreve *muçmar* por *miçmar* e no Magreb pronunciava-se *muchmâch* por *michmâch*, *musni* por *misni*.

O *i* longo conserva geralmente a sua qualidade: *alvazil* (al-wazîr), *adail* por *adalil* (ad-dalil), *javali* (djabalî), *alifa* (knanîfa). Algumas vezes muda-se em *e*, como em *enxaqueca* (ach-chaquica).

O. Assim como o *i* é algumas vezes representado por *o*, assim o *o* é representado por *i*: *alfofisto* (al-fostoc), *almon-*

diga ou *almondega* (al-bondoc). Troca de *o* por *a* em *alfandega* (al-fondoc), *alfazema* (al-khozam); por *u* em *aljube* hesp. *aljibe* (al-djobb), *alcunha* (al-cônia). Muitas vezes permanece o *o*: *almocaden* (al-moccaden), *almocella* (al-moçalla), *almocreve* (al-mocârî).

U. Permanece geralmente inalterado: *azambuja* (az-zambudja), *aduar* (ad-duar, ad-duâr) palavra introduzida provavelmente no sec. xv, *adufe* (ad-duff), *assucena* (as-suçâna), *fulano* (fulân).

AU. AI. O diphtongo *au* como o lat. *au* é mudado frequentemente em *ou*: *azougue* (az-zauca), *açoute* (as-saut), etc. O diphtongo *ai* é geralmente mudado em *ei*, algumas vezes em *e*: *alveitar* (al-baytâr), *alqueire* (al-cayl), *azeite* (az-zayt), *azeitona* (az-zaytun); *açotea* (as-sotaiha). Algumas vezes permanece o diphtongo inalterado, como em *alcaide* (al-câ'id), *alvaiade* (al-baiyâdh). Alcala offerece as formas *zeit*, *albeitar*.

Consoantes

Ordem guttural

C. — Q. O *caf* e o *quaf* são tractados como se fossem um mesmo som e pronunciados como *k* quer iniciaes, quer mediaes, quer finaes: *cafla* (câfila), *calibre* (calib), *quintal* (quintâr), *quilate* (quîrât); *alçaçarias* (al-caiçariya), *alcaide* (al-câ'id), *alcaparra* (al-cabbâr), *alcatifa* (al-catifa), *requisite* (raqib). Atrás de *e*, *i* não degeneram em sibilante como o lat. *c*: *mesquinho* (meskin), *Quelfes* nome de logar (Kelfes). Algumas vezes abrandam em *g*: *almondega* (al-bondoc), *azougue* (az-zauca).

Khâ. Ha um unico exemplo do *khâ* inicial: é *falifa* Eluc. (khanîfa). Medial é representado por *f*: *alforge* (al-khordj), *alfaiate* (al'-khaiyat), *alfombra* (alkhomra), *alfange* (alkhandjar), *almofada* (al-mikhadda), *safrã* (çakbrah), *tabefe* (tabikhe). Tambem algumas vezes é representado por *c* como em *alcachofa* (alkharchuf).

Gayn. O *gayn* é geralmente representado por *g*, tanto inicial como medial, e atrás de todas as vogaes: *gaita* (gayta), *gazua* ant. (gaza, gazâwa), *algara* (al-gâra), *Algarve* (al-garb), *algazarra* (al-gazêra), *regueifa* (raguifa).

Ha. Alif. O *ha* inicial e medial é representado como o *khâ* por *f*: *fasta* ant. (hasta), *alforvas* (al-holba), *alfeloa* (al-halâwa), *alforrecas* (al-horrâc), *alifafe* (al-hihêf). O *alif*, aspiração doce, perdeu inteiramente o seu valor.

Ordem palatal

Djim. «Antes de dar conta das mudanças d'essa letra, diz Engelmann, é necessario fazer uma observação sobre o modo por que os espanhoes pronunciavam antigamente as consoantes *x* (*j*) e *g* (*ge*, *gi*).

«1. Na transcripção dos nomes proprios que os hespanhoes receberam dos arabes, serviram-se elles constantemente do *x* ou do *j* para reproduzir as consoantes arabes *chin* e *djim*: *Gaudalaxara* (Wâdî'l-hadjâra), *Guadix* (Wâdiach), *Loxa* (Lucha), *Xerez* (Cherîs), *Jaen* (Djayân), *Ecija* (Estidja).

«2. Tendo Pedro de Alcalã de exprimir pelo alphabeto hespanhol os sons arabes de que se tracta, serve-se tambem de *x*, *j*, *g* e algumas vezes de *ch*; assim escreve elle: *jarlia*, *girah* (djarha, djirah), *zegel* (zadjal), *mexleç*, *megeliç* (medjlis, madjâlîs), *tich* (tâdj), *marge*, *moroch* (mardj morondj), *quadx* (wahch), *jeld*, *julud* (djild, djolud).

«Resulta d'esses exemplos, que me seria facil augmentar, que no começo do sec. XVI (o livro de P. de Alcala foi impresso em 1505) o *x* e *j* (*g*) tinham um som correspondente ao do *chin* e do *djim* dos arabes (*Glossaire* pp. XXI—XXII). Esse som é o que se acha em portuguez, mas que o hespanhol alterou. Exemplos: *javali* (djabali), *jaez* (djihâz), *julepo* (djo-lâb), *jarra* (djarra), *algebra* (al-djabr), *algemas* (al-djami'a), *algerife* (al-djarafa?), *aljube* (al-djobb), *aljava* (al-dja'ba). No fim das palavras é *dj* expresso por *ch*: *elche* ('ildj), *azeche* (az-zâdj), *azeviche* ou *azevixe* (as-sabadj).

Chin. É em geral representado por *ch* (*x*): *achaque* (ach-acacâ), *xarope* (chûrab), *alcachofa* (al-kharchuf), *Alcochete* (Alqachete). Raro é como em *Alcobaça* (Alcobacha) o *chin* representado pela spirante dental *s*.

Ordem dental

T. — D. O órgão romano era incapaz de reproduzir todas as variedades do *t* e *d* arabes. O *ta* ou simples *t*, o *t* forte que Ewald transcreve por 't e que indicaremos por t', o *tha* são geralmente representados por *t*; o *dal*, o *dsal*, o *dhad* representados por *d*: *tarifa* (ta'rif), *tamarindos* (tamr hindi), *acitara* (as-sitara); *tabefe* (t'abikh), *tabique* (t'achbic), *talisman* (t'elsam), *tara* (t'arah), *taça* (t'asa), *aletria* (al-it'riya), *matraca* (mit'raca), *morabitino* (morâbit'); *atafaes* (ath-thafar), *algafite* (al-gâfith); *adail* (ad-dalil), *adela* (ad-dallâla), *aduar* (ad-duar), *almondega* (al-bond'c), *almude* (almod), *alcaide* (al-câ'id); *adibe* (a-dsi'b); *alidada* (al'-idhada), *aldea* (adh-dhai'a), *alarde* (al'-ardh). Algumas vezes *t*, *t'*, *th* são representados por *d* (*s* por *t'* em *masmorra* = ar. *mat'mura*), e o *dal*, por *t*: *ataude* (at-tabut), *adove* HTest. (at-t'uba), *axedrez* ou *xadrez* (ach-chit'rendj); *acemite* (as-samîd), *alcaiete* (alcauwâd).

S. — Z. O *sin*, o *çad* são representados por *s* (ç) regularmente: *salamaleque* (salâm'aleik), *salmedina* Eluc. (çahib-al-medîna), *summagre* (sommâc); *açude* (as-sod), *acitara* (as-sitâra), *açotea* (as-sot'aiha), *açoute* (as-saut), *açougue* (as-sauc), *acelga* (as-silk); *cendal* (çandal), *cifra* (çafr, cifr), *açacalar* (çaccala). O *sin* é substituído pela spirante branda *z* em *azeviche* (as-sabdj), etc. O *za* é reproduzido por *z*: *zagal* (zagal), *azar* (az-zahr?), *azebibe* (az-zabîb), *azeite* (az-zayt), *azeitona* (az-zaytun), *azougue* (az-zauca), *azoseifa* (az-zofaizaf). Em *açafrão* (az-za'ferân) é representado pela spirante aspera dental, e o mesmo em *çurame* (zolham); em *girafa* (zorâfa zirâfa) por *j*.

Ordem labial

B. Inicial permanece o *ba* inalterado nos poucos exemplos em que occorre: *bafaro* (bahri), *barregana* (barracân), *botoque* (bondoc?). Medial ou se conserva ou é substituído pela spirante *v*: *azambuja* (az-zambudja), *arabe*, *albarrada* (albârrada), *albetoga* (albotsa); *alverca* (albirca), *azeviche* (as-sabadj), *adarve* (ad-darb), *adove* (at-tuba), *alveitar* (al-bayt'âr), *alarve* (al-'arab), *alvará* (al-bara), *alcova* (al-cobba), *aldrava* (adh-dhaba), *alcaçova* (al-caçaba), *alcavala* (al-cabâla). Algumas vezes é o *b* substituído por a labio-nasal *m*, que depois pode ser mudada noutra liquida: *almondega* (al-bondoc); *almotacel* (al-mohtaçib), cf. hesp. *almotacen*; *lacrão* ou *lacráu* (alacrab). A mudança labial do *b* em *m* dava-se no dv.: Alcala offerece *menefsedej* por *benefsedj*, *bolut* ao lado de *molota*.

Tambem ha exemplos da subida da media labial á tenue: *julepo* (djolab), *xarope* (chûrab). O hesp. offerece *rapita* (râbita), *arrope* = port. *arrobe* (arrobb), etc., que confirmam a realidade da indicada mudança no exemplo port.

F. — W. O *fa* conserva com tenacidade o seu valor: *fulano* (fulân), *farda* (fardh), *aceifa* (aç-çâ'ifa), *adufe* (ad-duff),

alfitra (al-farda), *alfaqueque* (al-faccâc), *alfenim* (al-fânîd), *alferes* (al-fâris), *alfetena* Eluc. (al-fitana), *alfostigo* (al-fostoc), *almôrçaga* (al-mirfaca), *almozarife* (al-mochriel). O *w* é em hesp. representado por *gu* quando inicial; em port. faltam exemplos para essa posição. Medial é elle em a nossa lingua substituido por *v* como o teut. *w*, ou por *o*: *alvazil* (al-wazir); *alcaiote* (alcauwad), ao lado de *alcovitar*, *alcoviteiro*; *alfloa* (alhalâwa). Syncope: *mulato* (mowallad).

LIQUIDAS

R. — L. Estes sons quando iniciaes permanecem inalterados: *rafez* (rakhîç), *recua* (racuba), *regueifa* (raguifa), *refem* (rahn), *resma* (rizma), *rez* (ra's), *romã* (rammân), *roque* (rokh); *limão* (laimun). O *r* medial e final troca-se frequentemente por *l*: *quilate* (quîrâte), *anadel* (an-nâtir), *alvacil* (al-wazîr), *anafil* (an-nafir), *anil* (an-nir). O *l* quando medial é algumas vezes syncopado, medial e final mudado em *r* nalguns casos: *adail* (adalil), *adela* (ad-dallâla), *maquia* (mikyâla), *foão* ao lado de *fulano*; *acetre* (as-satl), *alforvas* (al-holbas), *alchazar* Eluc. (al-cacil).

N. — M. O *m* mostra tambem aqui a sua grande estabilidade; o *n* medial é algumas vezes syncopado, final communica a sua nasalidade á vogal que o precede e deixa de ser articulado. Exemplos de *m*: *maquia* (mikyâla), *maravedi* (morabit'î), *matraca* (mit'raca), *masmorra* (mat'mura), *mulato* (mowallad), *mesquinho* (meskin); *almadia* (alma'diya), *almadraque* (al-matrakh), *almagre* (al-magra), *almedina* (al-madîna), *almiscar* (almisc), *almocella* (al-moçalla), *çurame* (zolham), *summagre* (sommâc). Exemplos de *n*: *nenuphar* (nayloufar); *laranja* (nârendj) com *l* por *n*; *quintal* (quintâr), *azeitona* (az-zeiytun). Syncope: *almoeda* (al-monâdiya). O *n* abranda em *nh* em *azinha* (as-sâniya).

OBSERVAÇÕES. Todas as consoantes que o arabe tinha de commum com o lat. são geralmente representadas com fidelidade maior que as latinas, e os accidentes anormaes por que algumas vezes passaram são exactamente identicos aos a que estavam sujeitas as latinas. Os sons que se encontram no arabe, mas que não existiam no latim, foram representados pelo port. (como pelo hesp.) pelos que possuia e lhes estavam mais proximos, mas nenhuma introdução de sons novos foi consentida.

As vogaes arabes são representadas com muito menos fidelidade que as consoantes; alguns exemplos mostraram porém que isso já se dava no dv. É mister ter em vista que nas linguas semiticas a vogal é essencialmente mobil em quanto a consoante goza de grande permanencia.

No dv. eram frequentemente intercaladas vogaes nas palavras. Alcala traz *hajar* por *hadjr*, *cejen* por *sidjn*, *cufal* por *cofl*, *maharuç* por *mahruç* *cuddeç* por *codç*, etc. Essa intercalação não se repete no port., e se uma ou outra forma parece indicar a sua existencia, podemos olhal-as como provenientes do dv. já com a vogal intercalada. No fim das palavras o port. por tendencia euphonica ajuncta muitas vezes as vogaes *a*, *e*, o que se dá regularmente adiante de todas as consoantes finaes excepto as liquidas. No dialecto do Magreb junctava-se aos substantivos algumas vezes a terminação feminina *a*: *hadjra* por *hadjr*, *'aruça* por *'aruç*. Cp. o port. *acelga* de *as-silk* que Alcala escreve *as-silca*, e formas semelhantes. Aquella paragoge não parece pois em parte mais que o resultado d'uma tendencia do dv.

Sobre as combinações arabes, cujo numero era restrictissimo, nada ha que notar alem de que *st* se reduz a *ç* ou *z*: *mozarabe* (mosta'rab), Cf. hesp. *alfonsigo* (al-fostoc), *Ecija* (Estidja), etc.

Pelo que toca á significação das palavras arabes v. o livro segundo, em que se acham mais numerosos exemplos das leis phoneticas que estão aqui indicadas por ordem systematica.

SECCÃO SEGUNDA

SONS PORTUGUEZES E SUAS RELAÇÕES
ETYMOLOGICAS

A. SONS PORTUGUEZES E SUA REPRESENTAÇÃO GRAPHICA

O alphabeto port., posta de parte a distincção graphica de *v* e *u*, é constituido pelos mesmos signaes que o alphabeto latino, com quanto os dois não representem os mesmos sons, por isso que alguns sons desenvolvidos organicamente no seio do port. são expressos pelos que indicavam os sons de que nasceram. A orthographia desenvolvida historicamente, conforme ao principio etymologico, é aqui uma causa de obscuridade pelo que toca á verdadeira natureza dos sons do portuguez, mas obscuridade que facilmente se pode destruir. D'essa tendencia etymologica na orthographia resultam quatro defeitos principaes:

1. ser um mesmo som representado por diferentes signaes;
2. representar um mesmo signal diferentes sons;
3. haver sons que não são expressos por nenhum signal;
4. haver signaes que não exprimem nenhum som.

A tenue guttural é expressa por os seguintes signaes: *c* (atrás de *a*, *o*, *u*); *qu* (atrás de *e*, *i*); *ch* (nalgumas palavras de origem grega como *architrave*, *architecto*, *archanjo*); *k* (nalgumas palavras de origem grega ou asiatica como *kilo-*, *kiosque*).

A tenue dental é expressa por *t* (geralmente nas palavras de origem latina ou teutonica) e por *th* (quando corresponde ao θ grego, e erradamente em *gothico*, etc.).

A spirante aspera dental é expressa pelos seguintes signaes: *s* (inicial, adiante ou atrás de consoante), *c* (atrás de *a*, *o*, *u* geralmente quando provem do lat. *ce*, *ci*, *te*, *ti* como em *vinhaça*, *faço*, *praça*, *preço*), *ss* (medial, geralmente quando provem da geminação lat. como em *massa*, *passo*), *z* (nos finais do singular como em *alcatruz*, *craz*, *abestrz*).

A spirante dental branda é expressa por dois signaes: *z* (equivalente ao lat. *c* como em *prazer*, *dizer* ou gr. *z* como em *zelo*), *s* (geralmente entre vogaes).

A sibilante palatal fraca *j* é expressa por *g* (quando provém do lat. *g*) e por *j* (quando provém do lat. *i* palatal, ar. *dj*, etc.).

A sibilante *ch* é tambem representada por dois signaes *ch* e *x* (quando provem do lat. *x*, *ss*, etc.).

A spirante labial aspera é expressa tambem por dois signaes: *f* (correspondente a lat. *f*, etc.), *ph* (correspondente a gre-go φ).

Nos antigos escriptos é *v* muitas vezes expresso por *u*.

Assim o signal *c* representa a tenue guttural e a spirante aspera dental; o signal *ch* a mesma tenue e uma sibilante; os signaes *s* e *z* representam ora a spirante dental aspera ora a spirante dental branda. Para os differentes valores de *x* v. pp. 67, 83, 84.

As letras duplas *cc*, *tt*, *pp*, *gg*, *dd*, *ss*, etc. não representam senão um simples som. Muitas outras letras não têm geralmente nenhum valor phonetico, por exemplo o *c* em *juncto*, *tactica*, o *m* em *somno*.

Os inconvenientes que resultam do systema phonographico assente sobre a etymologia em limites convenientes não são porém nada quando comparados com os d'uma orthographia desregrada, sem uniformidade systematica como é a do port., que, baseada em grande parte sobre o principio etymologico, permite d'outro lado uma liberdade cheia de incoherencia. O nosso fim não é propôr um systema orthographico: o ponto de vista practico não nos preoccupa por em quanto; accitamos a orthographia portugueza como se acha e buscamos simples-

mente nella a *linguagem viva*, os sons como elles são pronunciados pelo povo que falla portuguez.

Passamos a analysar o que ha de particular na pronuncia de alguns sons.

Vogaes. As vogaes *a*, *e*, *o* são susceptiveis de varias gradações: podem ser abertas, fechadas e mudas.

O *a* é aberto sómente nas syllabas accentuadas e nestas nas seguintes condições: 1) quando é final, e então exprime-se graphicamente o som particular (pá, má, haverá, alvará); atrás de todas as consoantes excepto *m* e *n*: (cavaca, ervilhaca, lacca, sacca, taco, pataco, Bacho, caco; cato, gato, mato, fato, pato, rato; papa, papo, guapo, sopapo, trapo, rapo; gago, pago, mago, affago, chaga, praga, vaga, Thiago; amado, dado, fado, lado, espada, escada, massada; babo, cabo, sabio, nabo, rabo; acho, cacho, macho, facho, graxo, patacho; haja, pagem, imagem, lage, carruagem; caça, faça, raça, massa, escassa, passo, taça, devasso; casa, vaza, prazo, rasa, Lazaro; bafo, safo, serrafo, estafo; gravo, cravo, escravo, lavo, cravo, favo, savel, amavel; lar, par, armario, caro, avaro, escarro, marra, parra; falo, malla, valle, abalo, sala, avental, nabal, quintal, *pron.* caváca, ervilháca, etc.). Atrás das nasaes *m* e *n* é o *a* fechado mesmo nas syllabas accentuadas, o que resulta d'aquelles sons lhe communicarem certa nasalidade (amo, fama, lama, cama, rama, escama; cano, mano, semana, abano, engano, auno, panno, *pron.* âmo, fâma, etc.). Em todas as syllabas não accentuadas é o *a* fechado, excepto nas finaes em que é mudo.

O *e* não é tão regular como o *a* nas suas gradações. Nas syllabas accentuadas ora é aberto ora fechado, e isso sem dependencia apparente de qualquer condição determinavel. Assim pronuncia-se *velo*, *Mello*, *revelo*, com o *e* aberto, mas *pello*, *sello*, *Rebello* com o *e* fechado, etc. A analyse descobre porém as seguintes regras: Se ao *e* accentuado se segue uma syllaba com *e* mudo, ou um *l* final aquelle é aberto: *pelle*, *leme*, *reme*, *neve*, *sebe*, *fel*, *mel*. Ha algumas excepções como *elle* e nas formas verbaes como *esteve*, *teve*, em que o *e* accentuado

é fechado. Esta regra explica a mudança flexional do *e* fechado das primeiras pessoas sing. do pres. ind. d'alguns verbos para *e* aberto das segundas e terceiras pessoas: *devo, temo, gemo*, pron. *dévo, témo, gémo*; *deves deve, temes teme, gemes geme*, pron. *déves*, etc. Se o *e* termina monosyllabos em virtude da apocope de consoantes, é geralmente aberto: *sé, pé, ré, fé*. Exceptuam-se os imperativos: *cré, vé, sé, dé, lé*, etc. Nas palavras enclíticas é o *e* mudo: *me, te, se, lhe*. Se o *e* fôra primeiramente longo por compensação, em virtude da queda de *n* atrás de *s*, é elle fechado: *mesa* (mensa), *teso* (tensus), *peso* (pensum), *mez* (mensis). Exceptuam-se as formas verbaes em que o *e* é aberto: *pésó* etc. Nas syllabas não accentuadas é o *e* mudo: *demandar, gemer, rebelde, parecer*, que se pronunciam como *d'mandar, g'mer, r'belde, par'cer*.

Quando o *e* não accentuado é inicial, soa como *i*: *egreja*, que tambem se escreve *igreja, e, Emilia, estudo, entender*, que se pronunciam usualmente *i, Imilia, istudo*, etc. Usualmente elide-se o *e* prostheticó juncto das combinações *sc, st*, etc., combinando ou articulando o *s* com a consoante ou vogal final da palavra que precede: *um estandarte* pronuncia-se como *um'standarte*; *uma esphera* como *uma'sphera*, etc.

Atrás de *lhe* tem o *e* geralmente o som de *á*: *concelho, selha, telha, abelha, esquelha*, pron. *conçálho, sálha*, etc. Ha excepções como *vélho*, que são raras. Ouve-se nalguns pontos pronunciar tambem o *e* na indicada condição aberto, noutros fechado.

O *o* accentuado é na maioria dos casos fechado: *soco, roto, topo*. pron. *sóco, róto, tópo*. O som do *o* fechado é exactamente identico ao do diphtongo *ou*, e não raras vezes onde devia escrever-se este se escreve *o*; por exemplo escreve-se *toup-eira* der. de lat. *talpa*, mas *bobo* = lat. *balbus*. Nas formas verbaes é o *o* accentuado geralmente aberto, e aqui a sua pronuncia estabelece muitas vezes uma distincção entre ellas e os substantivos e os adjectivos homonymos; por exemplo *sóco* subs. e *sóco* vb., *tópo* subst. e *tópo* vb., *tómo* subst. e *tómo* vb. A regra não é observada para as particulas como mos-

tram varios exemplos, de que indicaremos *cómo* conj. e *cómo* vb. Nos monosyllabos é o o aberto: *dó, pó, mó, só*. Pela mudança de o fechado em o aberto tambem se obtem uma especie de flexão ou *Umlaut* na formação do plural, der., etc.: *ovo*, pron. *óvo, ovos*, pron. *óvos*; *póvo, póvos*; *jógo, jógos*; *fógo, fógos*. Mas essa mudança não se dá no plural logo que a syllaba final não contenha um o, isto é, não tem a terminação masculina ou o o do thema é seguido de nasal: *sómno* pl. *sómnos* não *sómnuos*, *bórra* pl. *bórras* não *bórras*, etc. Teremos ainda que nos occupar d'esta e semelhantes leis phoneticas quando tractarmos das formas grammaticaes. Nas syllabas não accentuadas é o o mudo, e então soa como u: *honesto, modesto, pepopular, comunicar* pron. *hunesto, mudesto*, etc.

O seguinte quadro indica as gradações e modificações das vogaes portuguezes, posta de parte a sua nasalisação, de que tractamos adiante.

<i>A</i>	<i>á</i> (caro)	<i>á</i> (cama, amigo)	<i>a</i> (tema)
<i>E</i>	<i>é</i> (leme)	<i>é</i> (devo)	<i>e</i> (ledor, tome)
»		<i>á</i> (conçálho)	<i>i</i> (eleito)
<i>I</i>	(não tem gradações)		
<i>O</i>	<i>ó</i> (fome)	<i>ó</i> (dono)	<i>u</i> (honesto)
<i>U</i>	(não tem gradações).		

Consoantes. Sobre as consoantes e sua pronuncia pouco ha que notar. No portuguez ha tres consoantes que o lat. não possuia, que são: *j=g* atrás de *e, i, ch, z=s* brando, e alem d'isso as consoantes molhadas *lh, nh*. Estes sons não foram recebidos pelo port. d'outra lingua, mas desenvolveram-se no periodo da sua formação pelo processo da alteração ou decadencia phonetica. Alterações semelhantes se têm dado em linguas, em que não poderia suspeitar-se à existencia d'uma influencia estrangeira. O desenvolvimento d'esses novos sons é pois organico, e effecivamente elles não são mais que um resultado d'uma lei geral da formação romana: o enfraquecimento das consoantes fortes, resultado da relaxação muscular. Das consoantes que

havia no latim apenas falta no port. o *h* (como som não como signal etymologico); o *i* palatal é raro e mesmo duvidoso.

O *r* é susceptivel de duas pronuncias ou gradações: a aspera e a branda. A aspera tem-na elle sempre que é inicial, e algumas vezes quando é medial, caso em que se escreve dobrado: *rato*, *rima*; *carro*, *torre*. Medial e final tem geralmente a pronuncia branda: *claro*, *caro*, *par*, *mar*. Sobre a relação etymologica d'estas duas gradações do *r* v. mais abaixo. O *h* collocado adiante de *r* não indica som algum particular: encontra-se apenas nalgumas palavras gregas como *rhapsodia*, *rhetorica*, *rheumatismo*, *rhinoceronte*.

O *s* tem tambem duas gradações; inicial e geminado entre vogaes tem um som perfeitamente articulado, como em *sala*, *secco*, *essa*, *avesso*; mas final, adiante e atrás de consoante, não é mais que uma facil spiração ou som semi-articulado como em *prestar*, *instar*, *astro*, *leis*, *reis*.

Os diphtongos da lingua portugueza são, segundo as melhores auctoridades, os seguintes: *áe* = *ai*, *áo* = *áu*; *éi*, *éo* = *éu*; *ío* = *iu*, *óe* = *ói*, *óu*; *úe* = *úi*; *éa*, *eó*; *ia*; *oa*; *ua*. Exemplos de cada um d'esses diphongos: *saes*, *vai*, *pão* ou *páu*, *auto*; *sei*, *deoses* ou *deuses*, *meu*, *gemeu*; *thio*, *sítio* (vb. *sitiar*), *viu*, *sentiu*; *móe*, *sóe*, *moiro*, *ouro*, *douro*, *gostou*; *paues*, *muito*; *aereo*, *areal*, *Oreola*; *piedade*, *gloriar*, *coalho*, *agoar* ou *aguar*; *qual*, *equal*, *egua*. Os diphtongos *uí*, *uó*, etc., apparecem só em palavras latinas como *inquirir*, *equoreo*.

O portuguez não offerece nenhum par de consoantes inicial alem das combinações de mutas com as liquidas *r*, *l*. No meio das palavras occorrem tambem outros pares de consoantes (raro grupos de tres como em *combro*, *alfombra*) que já havia no latim, mas com muito menos frequencia que neste; *ct* por exemplo só apparece em *facto*, *pacto*.

No fim das palavras nenhum grupo de consoantes é supportado: os *peds*, *crux* (*crucs*), *pax*, *fauz*, *post*, etc., do latim em vão se buscam no portuguez. Das consoantes simples mesmo nem todas apparecem como finaes: as unicas que podem terminar as palavras são: *s*, *z*, *r*, *l*, *n*, *m*, indicando as

duas ultimas sómente a nasalidade das vogaes que as precedem; exemplos: *pois, sois, reis; feroz, mez, voz; mar, lar, alvar; fel, mel, sal; semen, germen; homem, tomem, devem*. É por esse característico da lingua que aos nomes das outras consoantes accresce no port. um *e* paragogico se elles são masculinos, um *a* se são femininos. No elemento arabe esse habito remonta como já vimos ao dialecto vulgar da Hespanha pelo que toca aos femininos. Exemplos de *e* paragogico: *norte* (ing. *north*), *este* (ing. *east*), *estoque* (aaltall *stock*), *chefe* (fr. *chef*), *Henrique* (*Heinrich*). Aos nomes proprios estrangeiros não se accrescenta muitas vezes nenhuma vogal prosthetica, o que faz excepção á regra que enunciamos: *Mizraim, Abimelech, Abinadab, Ashtaroth, Habakkuk, Jehosaphat, Judith, Nemrod, Isaac, Abimelec, Jacob; Leipzig, Madrid, Cid, Mahomet*. Mas nesses mesmos nomes não se pronuncia muitas vezes a consoante final por um habito que parece ser resultado da influencia do francez: diz-se, por exemplo *Jacó* por *Jacob, Josaphá* por *Jehosaphat*, etc.

Concluiremos este lance de olhos sobre o systema phonico do portuguez enuncianado como demonstrada a seguinte proposição: não ha no systema vocal e consonantal do portuguez elemento algum que ou fosse extranho ao latim ou não se desenvolvesse organicamente (1).

B. RELAÇÕES ETYMOLOGICAS DOS SONS PORTUGUEZES

Antes de irmos mais adiante convem examinarmos um ponto importante: todos os sons portuguezes têm uma etymologia, i. e., a cada um dos sons constituitivos d'uma palavra

(1) Não tractamos aqui do desenvolvimento historico da orthographia portugueza, porque destinamos uma parte da *Historia da lingua* a esse assumpto.

portugueza corresponde necessariamente um som na lingua fonte de que ella decorre? Temos já fallado algumas vezes de sons prostheticos, epentheticos e paragogicos, e dado até exemplos da introdução, preposição e posposição de sons: por tanto não podemos dar uma resposta affirmativa á interrogação senão como uma regra geral, e não como uma proposição absoluta. Examinaremos o que ha de mais importante a respeito d'este ponto.

As vogaes que se accrescentam ás palavras são *a* e *e*, exemplos: *carangueijo* (prov. *cranc* de *cancer*), *anão* (*nanus*), *acipreste* (*cypressus*), *esfarrapar* por *esfarpar* der. de *farpa*, *canivete* (anors. *knífr*), *arenga* (aaltall. *hring*), *garanhão* (aaltall. *hreinn*), *estar* (*stare*). etc. V. pp. 103, 123.

As consoantes que se accrescentam são *d*, *b*, *v*, *g* (*j*), *r*, *l*, *m*, *n*.

A pag. 95 se acham alguns exemplos da introdução de *b*; a pag. 55 da introdução de *v*. Outros exemplos são: 1) de introdução de *d*, que só se observa adiante de *l*: *humilde* (*humilis*), *rebelde* (*rebellis*); 2) de introdução de *b* adiante de *m*: *tambo* Eluc. (*thalamus*), *tarimba* (persa *t'arímah*), *tumblo* pop. por *tumulo*, *alfombra* (ar. *al-khomra*); 3) introdução de *g* (*j*): *trager* ant = mod. *trazer* (*trahere*); 4) de *r* introduzido: *calibre* (ar. *calib*), *alcatruz* (ar. *al-câdus*), *aldrava* (ar. *adh-dhabba*), *fralda* = *falda*, *troar* (*tonare*), *feltro* (ang-sax. *fil*), *estrella* (*stella*); 5) de *l* epentheticico e paragogico: *aldea* (ar. *ad-dhai'a*), *aldrava* (ar. *ad-dhabba*), *arrebalde* (ar. *ar-raḩadh*); *alquicel* (ar. *al-kisá*); 6) de introdução de *m*: *tampa* (ing. *tap*), *trempe* (*tripus*); dupla introdução de *m* e *r* talvez em *tromba* (*tuba*?); 7) de introdução de *n*: *mancha* (*macula*), *enxundia* (*axungia*), *garganta* por *gargata*, *lontra* (*lutra*), *render* (*reddere*), *intrincado* (*intricatus*), *inverno* (*hibernus*), *mensagem* (fr. *message*), *finçar* (it. *ficcare*), *ensaio* (*exagium*), *cansar* (*quassare*), *enxaravia* (ar. *ach-charbiya*), *enxaqueca* (ar. *ach-chaquíca*), *enxavejos* (ar. *ach-chabaca*), *enxeco* (ar. *ach-chac*), *aranzel* (ar. *ar-riçdla*).

Essa introdução de sons, que tanto obscurece a etymolo-

gia das palavras, tem todavia estreitos limites. O som que a lingua é mais inclinada a introduzir é a dento-nasal *n*.

Passemos agora ao exame das relações etymologicas de cada um dos sons portuguezes.

Vogaes

A. 1. O *a* nasce geralmente d'um *a* das linguas fontes.

2. Em *varrer* (verrere), *regelar* (regelere) representa o port. *a* o lat. *e*.

3. Em *canastra* (canistrum) representa o *e* lat. accentuado na posição.

4. Em *agosto* (augustus), *agouro* (augurium) provém do diphtongo lat. *au* e em *arame* (aeramen) do diphtongo lat. *ae*.

5. Algumas vezes provém do diphtongo teut. *ei* (*ai*), como em *gala* (geil), *lastar* (leistan).

E. 1. O *e* provém do *e* lat. accentuado breve, longo ou na posição e do lat. *i* breve ou na posição accentuado, como em *bebo* (bībo), *negro* (niger), *bacello* (bacillum), *centelha* (scintilla).

2. O *e* provem do lat. *a* não accentuado em *esmeralda* (smaragdus), *espargo* (asparagus), etc., e do lat. *i* não accentuado noutras palavras, como *preguiça* (pigritia), *gengiva* (gingiva).

3. Raro provém do teut. é accentuado (v. p. 107), mas não raramente do teut. *i* breve accentuado como em *elmo* (got. hilms), *fresco* (frisc).

4. Pode provir tambem o *e* do ar. *a* ou *i* (v. p. 117).

I. 1. Geralmente provém o *i* accentuado do lat. *i* accentuado longo, e algumas vezes do breve (principalmente em polysyllabos) ou na posição.

2. Nalgumas palavras representa o lat. *e* accentuado como em *migo* (mecum), *siso* (sensus sēsum), *mino* (mentio), *isca* (esca).

3. Representa tambem o *i* o teut. *i* longo (v. p. 108) e o ar. *i* principalmente longo (v. p. 117).

4. Representa lat. *u* em *coriscar* (coruscare).

Por *i* usa-se ainda *y* em palavras de origem grega, mas nas palavras de origem lat. já não se emprega geralmente este character por aquelle: escreve-se — *rei*, *lei*, *sei* e não *rey*, *ley*, *sey*, como ja foi uso.

O. 1. Provém o *o* accentuado do lat. *o* accentuado e do lat. *u* accentuado breve ou na posição, como em *lobo* (lŭpus), *lodo* (lŭtum), *lombo* (lumbus), *forca* (furca).

2. Provém algumas vezes do teut. *o* e do teut. *u* breve (v. p. 108).

3. Representa raramente o ar. *o* (v. p. 118).

4. Provém do lat. *al* em *bobo* (balbus).

U. O *u* provém geralmente do *u* das linguas fontes, mas raro do lat. *u* breve accentuado.

Diphthongos

1. AI. Resulta geralmente da attracção: *aipo* (apium), *gai-vota* (hesp. *gaviota*), *caibo* (capió), *desvairar* (varius); de syncope de consoante: *vaidade* (vanitas). *Aplainar* e *esfaimar*, observa Diez que podem resultar de influencia franceza (*plain*, *faim*). Em *alcaide*, *alvaiade* provém do dar. *ai* (v. p. 118).

2. AE. Mesma origem do precedente com que se confunde no som e muitas vezes na escripta: *dae* (date), etc.

3. AU. Provém a) do latim *au*: *augmentar, aureo, causa, auxilio, fraude; laurel, aura, claustro, fauces, audiencia, auctor, audaz, aula, cauda, cautela, caução, cauto, fautor*; b) das syllabas *ac, ap* e *ab*, principalmente atrás de *t*: *auto* (actus); *auto* ant. (aptus); *ausente* (absens); c) do fr. em *jau-la* (*jaiole géole*).

4. EI. Este importante diphtongo provém a) em muitas palavras da attracção de *e, i* por *a, e*, v. exemplos a p. 52; b) da dissolução d'uma consoante adiante de *a* ou *e*: *feito* (factus), *leite* (lactis, lactem arch.); *direito* (directus), *inteiro* (integrus), *reino* (regnum), *cadeira* (cathedra); c) de *e* longo atrás de vogal, geralmente por syncope de consoante: *idea* ou *ideia, leio, seio, feio, cheio, freio, creio*; d) de encontro das vogaes por syncope de consoante (raro): *meio* (medium); e) em *azeite, alveitar, alqueire*, etc., provém do ar. *ai*, (v. p. 118).

5. OI. Provém este diphtongo a) da attracção: *coiro* (coirium), *agoiro* (augurium), *goiva* (hesp. *gubia*), *aradoiro* ant. (aratorius). V. pp. 52, 53; b) do lat. *au* por intermedio de *ou*: *oiro* ao lado de *ouro*, etc. v. p. 47; c) de dissolução de consoante: *noite* (noctem), *biscoito* (biscoctus).

4. OU. a) Representa segundo as tendencias genuinas da lingua o lat. *au*; v. p. 46. b) Nas formas do perfeito resulta muitas vezes da attracção: *poude* (potui); *houve* (habui), *jouve* ant. (jacui), e do mesmo modo em *Douro* (Durius), *couro* ao lado de *coiro, mouro* ant. ao lado de *moiro* (mорий). c) Muitas vezes provém de dissolução de consoante: *doutor* (doctor), *noute* ao lado de *noite, toup-eira* (talpa), *poupar* (palpare), *outro* (alter). d) Nalgumas palavras representa o ar. *au*: *açougue, açoute, azougue*.

Como dissemos o *o* fechado tem o som do diphtongo *ou*; por isso não admira que muitas vezes este tome o logar d'aquelle como em *dou* (do), *choupo* ao lado de *chopo, poupa* ao lado de *popa, soupa* ao lado de *sopa*, etc. Essas formas com *ou*

tem todavia sido olhadas como resultado d'um verdadeiro alongamento.

5. UI. Em *ruivo* (rubeus) resulta o diptongo *ui* da attracção; em *fui*, etc., do lat. *ui*. Em *cuidar* (cogitare), da syncope, em *muito*, *cuytello* ant. da dissolução de consoante.

Consoantes

EXPLOSIVAS ASPERAS

C. Q. O *c* é guttural adiante de *a, o, u, r, l*; adiante de *e, i* é a tenue guttural expressa por *qu* nas palavras de origem latina, teutonica e arabe. A tenue guttural provém do mesmo som do latim e teutonico, de *caf* e *quaf* do arabe; raro tem outra origem. *Ch* como guttural e *k* indicam d'onde decorrem.

T. A tenue dental provém em geral da tenue lat. e teut., da aspirada gr. *θ* e teut. *th* e de todas as variedades do *t* arabe. Raras vezes representa a tenue: *coentro* (coriandrum), *acemite* (ar. *as-samíd*), *alcaiete* (ar. *alcauwád*). O *t* representa em numerosas palavras as combinações latinas *ct* e *pt*: *fruto* ou *fructo*, etc., *tecto*; *roto* (ruptus), *sete* (septem), *escrito* ou *escripto*, *atar* (aptare); *tisana* (ptisana).

P. A tenue labial representa o mesmo som do lat. e teut. Completamente excepcional é representar ella a media, do que é um exemplo: *julepo* (ar. *djolab*).

EXPLOSIVAS BRANDAS

G. 1. A media guttural representa geralmente quando inicial o lat. *g* atrás de *a, o, u*: *gomma*, *gosto*, etc., v. p. 76.

Raramente quando inicial representa o lat. *c* como em *gato* (*catus*), *gurgulho* (*curculio*), *gavea* (*cavea*), *gamella* (*camella*).

2. Medial representa a media guttural o lat. *g* e o lat. *c*: *castigar*, *fatigar*, *fuga*, *vago*; *amigo* (*amicus*), *alugar* (*adlocare*), *dragão* (*draconem*), *figo* (*ficus*), *pega* (*pica*); *agua* (*aqua*), *egua* (*equa*), *igual* (*aequalis*).

3. Algumas vezes provém do *k* teut. como em *barriga*, *figar*, *Rodrigo*, *esgrima*, *garfo* (v. p. 110); do *g* teut. como em *voga*, *arenga*, *orgulho*, *albergue* (v. p. 111); do *h* teut. em *trigar* (got. *threihan*), *garanhão* (*hreinn*).

4. Representa nalgumas palavras o teut. *w*: *guarda*, *guarir*, *guisa*, *gualdir*, *gualardão*, *guerra*, *guarnecer*, *guindar*, *tregua*; mas em regra só quando inicial (v. p. 115).

5. Provém nalgumas palavras de sons arabes; do *caf* em *almondega* (*al-bondoc*), *azougue* (*az-zauca*); do *gayn* em *gaita*, *gazua*, *algara*, etc. (v. p. 119).

B. 1. O *b* provém do lat. *b* quando inicial.

2. Quando medial provém raramente do lat. *e* geralmente do lat. *p*: *cabeça* (**capitia*), *cabello* (*capillus*), *lobo* (*lupus*), *conceber* (*concipere*), *obra* (*opera*), *abrir* (*aperire*), *pobre* (*pau-perem*), etc.

3. Nalgumas palavras representa o *b* teut. (v. p. 111), ou o ar. *ba* (v. p. 121).

4. Também provém algumas vezes da spirante *v*: *bespa* (*vespa*), *abanar* (*vannus*), *bainha* (*vagina*), *bexiga* (*vesica*), *bodo* (*votum*).

D. 1. A media dental quando inicial provém geralmente do mesmo som lat.

2. Quando medial representa raramente *d* latino, mas geralmente a tenue: *cadea* (*catena*), *cadella* (*catella*), *ladrão* (*latronem*), *pedra* (*petra*), etc.

3. Provém do *d* teut. em *dardo*, *dique*, *bordel*, etc. (v. p. 111).

4. Representa os sons arabes *t*, *t'*, *th*, o dal, o dsal e o dhad nalgumas palavras pouco numerosas (v. p. 120).

ERRATAS E CORRECÇÕES MAIS IMPORTANTES

Algumas phrases nossas inexactas ou equivocacões e alguns erros typographicos exigem desde já correcção.

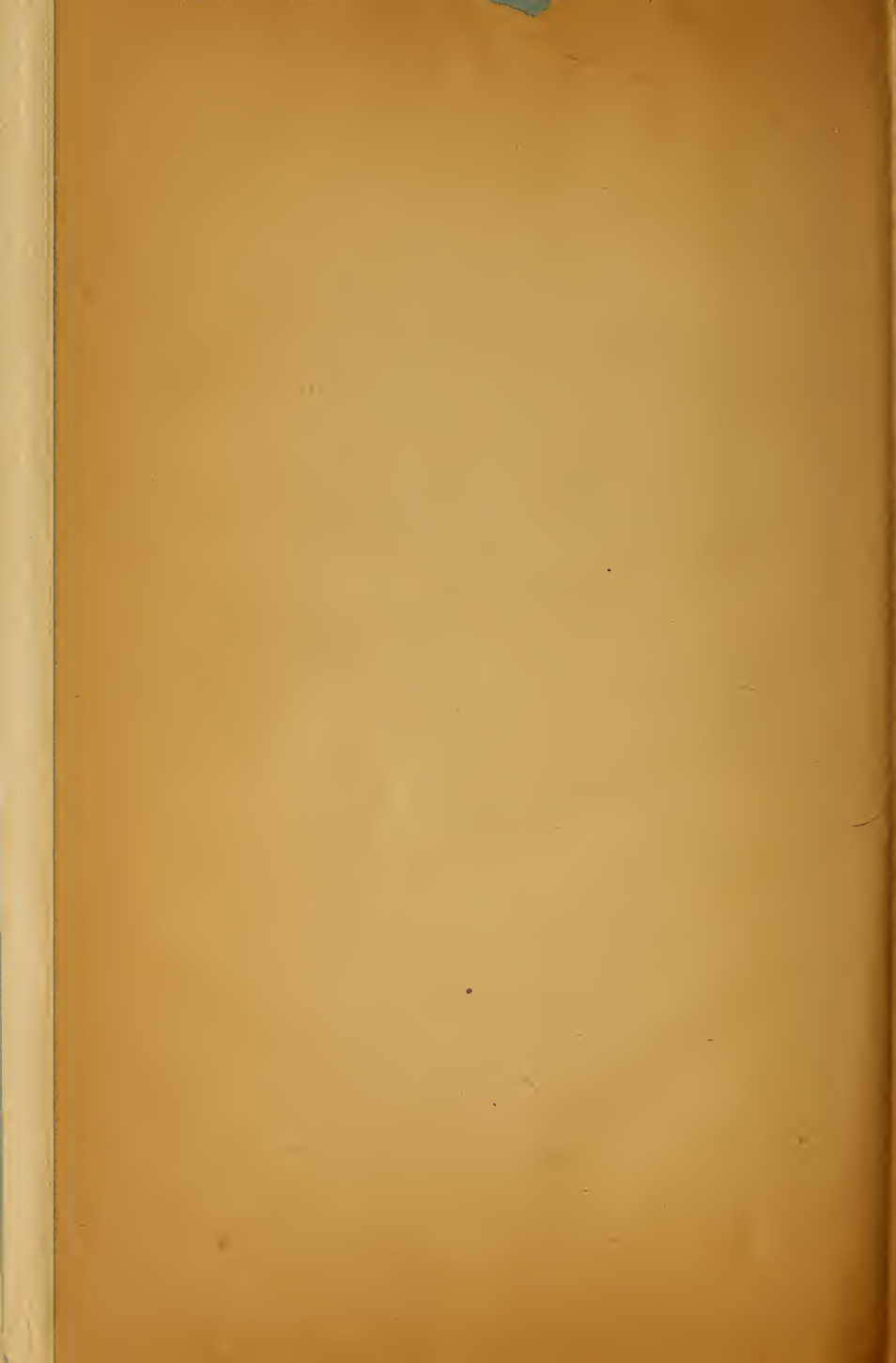
Pag. IX, 1. 17 lede - *lida* do arabe *ladda* - por - *lida* do arabe *lada* (sic); X, 3-4 lede - egypcios - por - egypcias; XII, 7 lede - I, 5th - por - 15th; XXI, 9 lede - Gaspar Correa - por - Gaspar; 4, 20 lede - pelos - por - pelas; 4, ultima lede - terra - por - Europa; 17, 31 lede - 95 - por - 91; 25, 16 lede - 367 - por - 37, 40, 21 lede - da queda do *d* - por - da attracção; 60, 26-27 lede - (cuneum) - por - (cureum); 61, 33 lede - atrás de *a*, *o*, *u* - por - atrás de *u*; 64, 33 lede - (cicer) - por - (cier); 67, 22 lede - *eixo* - por - *aixo*; 89, 17 lede - em *lh* - por - em *l*; 104, 3 lede - *PL* - por - *PS*.



A LINGUA PORTUGUEZA

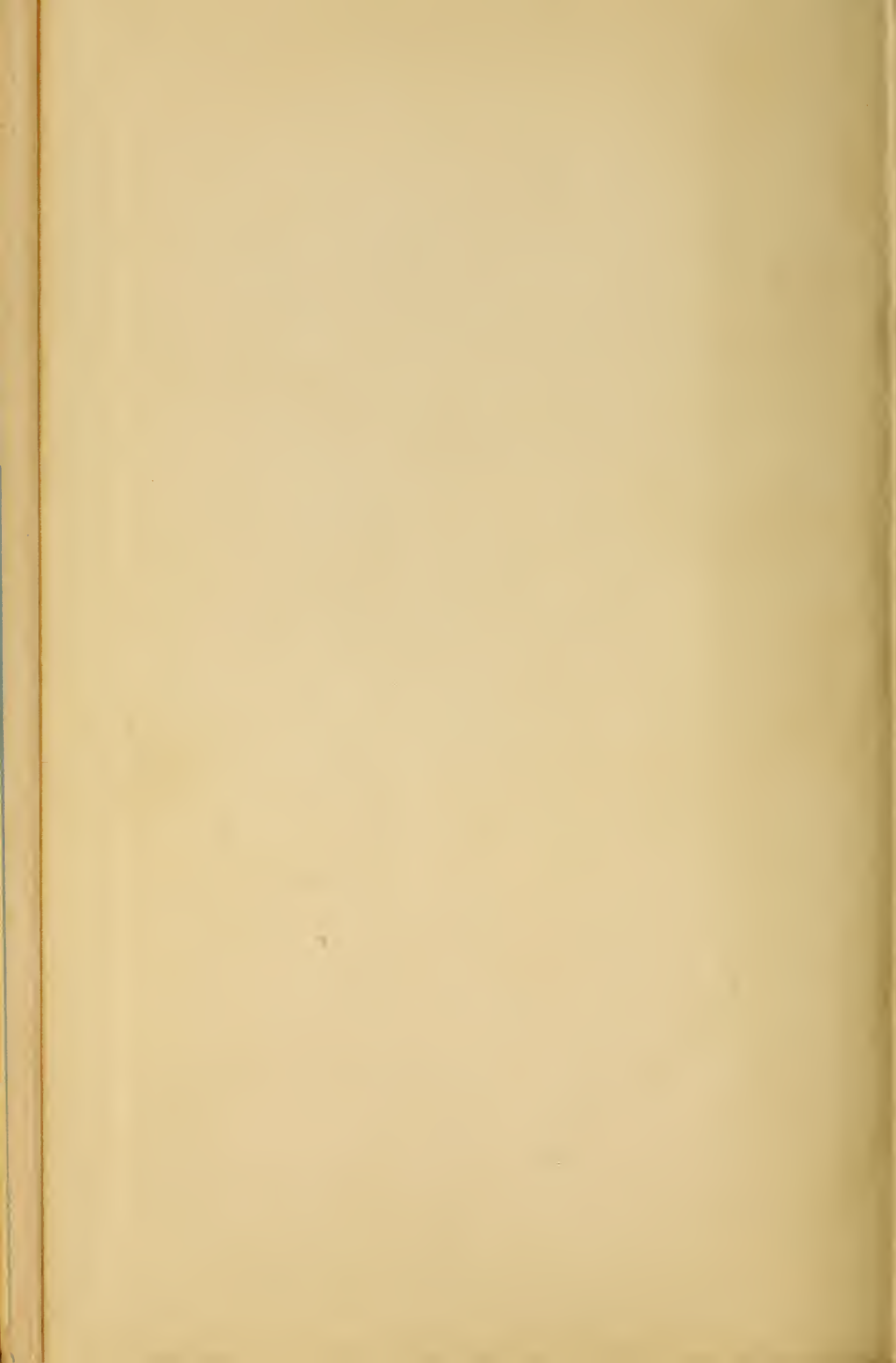
O segundo fasciculo contendo como o primeiro 5 folhas de 32 paginas (160 paginas) vae entrar no prelo. Comprehenderá o resto da phonologia, a etymologia e grande parte da morphologia.

O terceiro fasciculo comprehenderá a parte da phonologia que não poder entrar no segundo e a syntaxe. O appendix sobre os dialectos, indices por ordem de materias e alphabetico constituirão um fasciculo menor que os tres primeiros, cujo preço será proporcional á sua extensão. Cada um dos tres primeiros fasciculos custa aos srs. assignantes 300 réis.



187 018

recollections



LIBRARY OF CONGRESS



0 003 183 850 2 ●